

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA
- PPG-PsiCC

**Vivências de Dekasseguis apreendidas através
do Psicodiagnóstico de Rorschach**

YASSUE INUZUKA

Brasília – DF
2007

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA
- PPG-PsiCC

Vivências de Dekasseguis apreendidas através do Psicodiagnóstico de Rorschach

YASSUE INUZUKA

Orientador: Prof. Dr. Norberto Abreu e Silva Neto

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Brasília – DF
2007

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA - IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E CULTURA
- PPG-PsiCC

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Comissão Examinadora:

Prof. Dr. Norberto Abreu e Silva Neto
(Presidente)

Prof. Dr. Francisco Hashimoto
(Membro Externo)

Profa. Dra. Deise Matos do Amparo
(Membro)

Prof. Dr. Rodolfo Petrelli
(Suplente)

Dissertação defendida e aprovada em ____ / ____ / ____

Brasília – DF
2007

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Shoji Inuzuka e Sanae Teraoka Inuzuka, pelo amor, cuidado e suporte ao longo de toda minha vida. Seus esforços, o amor, a bondade, a humildade, a generosidade e inteligência com que tecem cada dia me fazem oferecer sempre o melhor de mim.

Aos meus irmãos, Sayuri e Heiji, pelo companheirismo, carinho e apoio que sempre posso contar.

Ao Professor Dr. Norberto Abreu e Silva Neto, por me aceitar como orientanda, pelo esforço, carinho, compreensão e contribuições para o meu crescimento, despendidos ao conduzir-me ao longo desta trajetória.

À Professora Dra. Deise Matos do Amparo, minha segunda orientadora, pela disponibilidade e sabedoria compartilhada no percurso final deste processo.

Ao Professor Dr. Francisco Hashimoto, pelo grande conhecimento e contribuição literária, pelo amor à sabedoria e à cultura japonesa que me impulsionaram nessa vivência.

Ao Professor Dr. Rodolfo Petrelli, por todo incentivo e carinho desde a graduação.

A todos os meus amigos, pelo companheirismo, carinho, incentivo, preocupação, apoio, trocas e sintonia. Em especial, a minha grande amiga Priscilla Toguchi, companheira de todos os momentos, cuja integridade e sinceridade são incomparáveis; a minha “maninha” Tatianne Shiraishi Yamamoto pela longa, sempre carinhosa e fiel amizade; ao meu namorado e amigo, Daniel Caetano de Moraes Junior, pela compreensão, incentivo, carinho, companheirismo, por sempre desejar o meu bem-estar e felicidade; às amigas companheiras do trajeto Goiânia-Brasília, Elisa e Marice que permanecem até hoje compartilhando e acrescentando-me, seja pessoalmente ou profissionalmente; às novas amigas “candangas” Stella, Letícia, Débora e Glauce, pelos bons momentos; à “comadre” Fabíola Santini Takayama, Santiago Santana Reis, Antônio Carlos Meireles Manhas, os amigos de longa data, de muitas trocas, confidências e alegrias; aos amigos da Associação Nipo-Brasileira de Goiás e do Clube Nipo de Brasília.

A todos os professores e colegas que estimularam muitos debates e reflexões neste percurso do curso de Mestrado. Aos funcionários do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, pelo apoio, disposição e esclarecimentos.

Aos participantes desta pesquisa, pela disponibilidade, coragem e apoio. Sei o quanto cada minuto nesta vida no Japão é precioso.

Aos meus primos, Yukio Inutsuka Brito, Takeshi Inutsuka Brito e Tomoko Sumida Tataharu, pessoas muito especiais que me acolheram em suas respectivas casas no Japão, e cujas famílias me aceitaram e proporcionaram segurança, com muito afeto e companheirismo.

Aos amigos que lá fiz, à “prima” Renata Junko, à Vany, Gi, Taty, que compartilharam seus pais e amigos, Marcelo e Marcel. Dividiram comigo momentos alegres e inesquecíveis.

Ao pessoal da empreiteira e da fábrica Sakaeriken de Tsushima-shi, que me auxiliaram nesta pesquisa e me possibilitaram conhecer de perto e sentir o trabalho como *dékassegui*. Aos colegas e amigos que encontrei nessa experiência, Selma, Leo, Chris, Fábio e Rodrigo, pelo incentivo e companheirismo.

A todos meu “Muito Obrigada!!!”

RESUMO

Dekassegui é um termo japonês que significa sair temporariamente de seu lugar de origem para ganhar dinheiro em outra região dentro ou fora de seu país. Foram dekasseguis os primeiros japoneses que vieram ao Brasil desde 1908. Há mais de duas décadas seus descendentes nipo-brasileiros fazem o fluxo migratório inverso na busca por solucionar problemas financeiros. Nesta adaptação em um país de cultura e valores diferentes, o dekassegui se depara com muitos outros obstáculos como preconceito, o trabalho braçal, penoso, sujo, perigoso, exigente e considerado detestável por quem o realiza. Neste trabalho buscamos verificar através do Psicodiagnóstico de Rorschach como se dá essa adaptação, os mecanismos de defesa utilizados para manter a organização psíquica, com ênfase no narcisismo. Foram entrevistados e submetidos ao Rorschach 6 mulheres e 2 homens, brasileiros que viviam como dekasseguis na província de Aichi-ken no Japão. Os resultados indicam aumento do pensamento global e abstrato, nível de aspiração além da capacidade de realização, repressão e inibição dos afetos e da relação interpessoal, contudo é preservada a visão de mundo que remete ao senso comum. Pode-se concluir que há organização mental, no entanto com prejuízo da adaptação ao meio de forma adequada.

Palavras-chave: Dekassegui, Rorschach, adaptação, migração, Brasil-Japão

ABSTRACT

Dekasegi is a Japanese word which means temporarily get out of one's place of birth to get money in another region inside or outside his/hers country. Dekasegis were the first Japanese people who came to Brazil since 1908. From two decades until now, their nipo-brazilian descendents do the opposite migratory flux searching the resolution for financial problems. In this adaptation in a country of different culture and values, the dekasegi faces many obstacles like prejudice and the hard, dirty, dangerous, strict and detestable work. In this thesis, we searched to verify through the Rorschach's Psychodiagnostic how occurs the adaptation, the defense mechanisms used to maintain the psychic organization, with an emphasis on narcissism.

Six females and two males from Brazil, who were living as dekasegis in Aichi-ken province in Japan, were interviewed and submitted to the Rorschach test.

The results indicate an enlargement of the global and abstract thinking, aspiration level beyond realization capacity, repression and inhibition of the affects and of the interpersonal relationship, although it is preserved perception of reality that reverts to the common sense. It can be concluded that there is mental organization, although there is not an adequate environmental adaptation.

Key-words: Dekasegi, Rorschach test, adaptation, migration, Brazil-Japan

SUMÁRIO

Resumo	05
Abstract	10
Introdução	11
CAPÍTULO I. OS DEKASSEGUI	15
1.1. O significado de Dekassegui.....	15
1.2. O movimento Dekassegui.....	17
CAPÍTULO II. ESTUDOS E ANÁLISES SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO	21
2.1. O imaginário dos migrantes.....	21
2.2. Os obstáculos para a migração Brasil-Japão.....	30
2.3. Problemas do trabalhador Dekassegui.....	32
CAPÍTULO III. NATUREZA DA PESQUISA E MÉTODO	41
3.1. Objetivos.....	41
3.2. Método.....	41
3.3. A Amostra.....	42
3.3. Psicodiagnóstico de Rorschach.....	44
3.4. Mecanismos psíquicos do Dekassegui e o Rorschach.....	48
CAPÍTULO IV. ANÁLISE DOS RESULTADOS	63
4.1. Participante 1.....	64
4.1.1. Síntese da história de vida.....	64
4.1.2. Análise do psicograma.....	66
4.1.3. Organização do Ego.....	67
4.1.3.1. Incidência do Narcisismo.....	69
4.1.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	69

4.1.5. Adaptação.....	70
4.1.6. Considerações sobre a Participante 1.....	70
4.2. Participante 2.....	71
4.2.1. Síntese da história de vida.....	71
4.2.2. Análise do psicograma.....	72
4.2.3. Organização do Ego.....	74
4.2.3.1. Incidência do Narcisismo.....	75
4.2.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	76
4.2.5. Adaptação.....	77
4.2.6. Considerações sobre a Participante 2.....	77
4.3. Participante 3.....	78
4.3.1. Síntese da história de vida.....	78
4.3.2. Análise do psicograma.....	79
4.3.3. Organização do Ego.....	82
4.3.3.1. Incidência do Narcisismo.....	83
4.3.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	83
4.3.5. Adaptação.....	84
4.3.6. Considerações sobre o Participante 3.....	84
4.4. Participante 4.....	85
4.4.1. Síntese da história de vida.....	85
4.4.2. Análise do psicograma.....	87
4.4.3. Organização do Ego.....	89
4.4.3.1. Incidência do Narcisismo.....	89
4.4.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	90
4.4.5. Adaptação.....	91

4. 4.6. Considerações sobre a Participante 4.....	91
4.5. Participante 5.....	92
4.5.1. Síntese da história de vida.....	92
4.5.2. Análise do psicograma.....	94
4. 5.3. Organização do Ego.....	96
4.5.3.1. Incidência do Narcisismo.....	96
4. 5.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	97
4. 5.5. Adaptação.....	97
4. 5.6. Considerações sobre a Participante 5.....	98
4.6. Participante 6.....	98
4.6.1. Síntese da história de vida.....	98
4.6.2. Análise do psicograma.....	100
4. 6.3. Organização do Ego.....	102
4.6.3.1. Incidência do Narcisismo.....	103
4. 6.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	103
4. 6.5. Adaptação.....	104
4. 6.6. Considerações sobre a Participante 6.....	104
4.7. Participante 7.....	105
4.7.1. Síntese da história de vida.....	105
4.7.2. Análise do psicograma.....	106
4. 7.3. Organização do Ego.....	108
4.7.3.1. Incidência do Narcisismo.....	109
4. 7.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	109
4. 7.5. Adaptação.....	110
4. 7.6. Considerações sobre a Participante 7.....	110

4.8. Participante 8.....	110
4. 8.1. Síntese da história de vida.....	110
4. 8.2. Análise do psicograma.....	112
4. 8.3. Organização do Ego.....	115
4.8.3.1. Incidência do Narcisismo.....	115
4. 8.4. Capacidade de identificação e vinculação.....	116
4. 8.5. Adaptação.....	117
4. 8.6. Considerações sobre o Participante 8.....	117

CAPÍTULO V. DISCUSSÃO: PERFIL COMPARATIVO DOS

DEKASSEGUIS	119
--------------------------	------------

CAPÍTULO VI. CONCLUSÃO..... 128

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 133

ANEXOS 138

1. Roteiro de Entrevista
2. Termo de consentimento
3. Protocolos de aplicação do Rorschach
 - 3.1. Simone
 - 3.2. Adriana
 - 3.3. Antônio
 - 3.4. Ângela
 - 3.5. Elis
 - 3.6. Marisa
 - 3.7. Rosana
 - 3.8. Oswaldo

INTRODUÇÃO

Dekassegui é um termo japonês que significa sair temporariamente de seu lugar de origem para ganhar dinheiro em outra região dentro ou fora de seu país (* Sasaki, R. 2002) (* Aqui foi utilizado uma forma incomum de citação do nome do autor para não haver confusão entre dois autores de mesmo sobrenome e mesmo ano de publicação. Para diferenciá-los continuaremos colocando suas iniciais dentro do parênteses).

As migrações internacionais datam desde a Antiguidade. A história do Brasil é permeada de imigrações de vários grupos étnicos, muito diferentes entre si. Como distinguir um grupo étnico? Uma subcultura étnica, embora imersa na cultura comum, mantém um sub-universo cognitivo/afetivo e material muito peculiar: lembranças, vocabulário, estereótipos e preconceitos, cor da pele, traços fisionômicos, concentração habitacional, festas, manifestações artísticas, ocupação profissional são suficientes para caracterizar um grupo étnico (Paiva, 2004).

Vivemos num período no qual diversas etnias e nacionalidades entram em contato em diferentes localidades do mundo, facilitados por intermédio dos modernos meios de transporte e de comunicação. A psicologia vem tentando entender as conseqüências e o processo decorrente desse fenômeno.

A relação de emigração-imigração entre Brasil-Japão começa a ser datada desde 1908, chegada dos primeiros imigrantes japoneses em nossa terra. A adaptação se deu mediante muitas dificuldades, frustrações, conquistas. Com famílias constituídas de pelo menos duas gerações começa a migração inversa, também permeada por muitas dificuldades peculiares a cada geração que segue este caminho.

Pouco mais de duas décadas desse processo migratório inverso, são várias as gerações que foram e ainda continuam indo nessa busca por solucionar a dificuldade

financeira. Como o objetivo é a obtenção de um trabalho temporário, um outro processo migratório pode ser destacado, o de retorno ao Brasil.

Como são processos migratórios recentes, existem poucos estudos acerca destes fenômenos particulares de emigração-imigração entre Brasil e Japão.

Como descendente de japoneses e por manter contato com a Associação Nipo-Brasileira de Goiás, ao ver parentes e amigos fazendo essas trajetórias fui tomando interesse pelo assunto. Como estudante do curso de Mestrado, em discussões dentro e fora de sala sobre Psicologia Cultural, vi o quanto eram comuns as várias situações (profissionais ou no cotidiano) em que eu era caracterizada como “japonesa” ou me abordavam com perguntas sobre os japoneses. Lembro de uma discussão em sala que a turma toda consentiu que a sociedade não deixava o negro esquecer que ele era negro. Viraram para mim e perguntaram se isto também acontecia comigo; se a sociedade me permitia esquecer que eu era ‘japonesa’.

Não somente isso que acabou de ser dito, mas outros percursos e motivações pessoais foram fundamentais para o fortalecimento do meu interesse em estudar este tema.

O que sempre escutamos é o quanto a vida no Japão é difícil. O quanto os brasileiros sentem saudades do Brasil. Escutamos também que se o brasileiro trabalhasse aqui o quanto ele trabalha no Japão, não seria preciso tal viagem. Então porque é que a maioria permanece neste vai e volta entre Brasil e Japão?

A migração para um novo país sugere uma necessidade de adaptação ao novo ambiente, assim como o retorno ao país de origem pede uma readaptação. Alguns estudos sugerem que o custo psíquico do retorno é menor do que a partida para um novo local, mas não é o que vemos nesta realidade. Outros estudiosos falam de ‘choque cultural reverso’. Muitos migrantes não estão preparados para o retorno e não estão

cientes de quanto eles próprios e/ou suas comunidades de origem mudaram na sua ausência. Acaba que o seu retorno constitui uma nova migração (DeBiaggi, 2004).

Com estas questões em mente foi que nos empenhamos neste estudo buscando poder influenciar futuramente na melhoria na qualidade de vida dos Dekasseguis. Para tanto, objetivamos verificar como enfrentam tal choque cultural, sua identidade, os mecanismos psíquicos realizados para manter essa identidade, enfocando os mecanismos narcísicos.

Utilizamos do Psicodiagnóstico de Rorschach como instrumento de coletas de dados para a realização deste trabalho, optando pelo método de Estudo de caso através de uma análise qualitativa dos protocolos de aplicação dos participantes.

O primeiro capítulo, “Os Dekasseguis”, vem explicitar o significado da palavra Dekassegui e como se deu o movimento Dekassegui, o qual os participantes desta pesquisa vivenciaram.

Em seguida, no segundo capítulo consta como o próprio título diz os “Estudos e análises sobre o processo de migração”. Um levantamento de aspectos psicológicos implicantes na situação de migração, os obstáculos e problemas na busca de trabalho como dekassegui no Japão.

No capítulo três apresentamos a “Natureza da pesquisa e método”, descrevendo os objetivos, método, amostra da pesquisa, uma breve apresentação do Psicodiagnóstico de Rorschach e como este instrumento se relaciona com os mecanismos psíquicos do Dekassegui.

A análise dos resultados vem posteriormente, no quarto capítulo, relatando uma síntese da história de vida, a análise do psicograma do Rorschach, como se apresentou a organização de ego, incidência do narcisismo, capacidade de identificação e vinculação, adaptação e considerações sobre cada participante.

No penúltimo capítulo há uma discussão sobre os dados levantados no Rorschach, comparando e levantando uma análise do Dekassegui.

Na conclusão colocamos algumas considerações para futuros trabalhos onde completariamos melhor a idéia de adaptação à vida temporária e a readaptação ao lugar de origem.

CAPÍTULO I

OS DEKASSEGUIS

1.1. O significado de Dekassegui

Sasaki (R.K., 2002) nos informa que a origem do termo dekassegui, etimologicamente, oriunda do idioma japonês, significa sair temporariamente de seu lugar de origem para ganhar dinheiro em outra região dentro ou fora de seu país.

Originariamente a palavra dekassegui, já encontrada no vocabulário da língua portuguesa, denominava trabalhadores temporários que saíam de regiões menos desenvolvidas do Japão, e se dirigiam para as grandes cidades, em busca de trabalho devido à escassez de oportunidades em suas regiões ou durante o rigoroso inverno que interrompia suas produções agrícolas no campo (Kawamura, 2003), portanto, se deslocavam para as regiões mais quentes do país a fim de obter uma remuneração no período da entressafra (Sasaki, R. K., 2002).

Esse adjetivo foi usado, com esse mesmo sentido, para denominar os japoneses que partiram do Japão em busca de melhores condições financeiras em outros países no final do século XIX e início do século XX. Dessa forma, receberam tal denominação os primeiros japoneses que emigraram para o Brasil, em 1908.

Atualmente, o termo dekassegui pode referir-se a qualquer japonês e/ou descendente (*nikkey* – descendente nascido em outro país) radicado fora do Japão (não sendo necessariamente somente o brasileiro) que faz o caminho de “volta” ao Japão, para o exercício de trabalho não-especializado e temporário.

O rótulo dekassegui tomou um teor pejorativo, pois a oferta de vagas para esses trabalhadores imigrantes era de trabalhos de baixa qualificação, caracterizados pelos

japoneses como “3 K” – *kitanai* (sujo), *kiken* (perigoso) e *kitsui* (penoso), trabalhos do nível hierárquico mais baixo de fábricas, ou seja, trabalhos rejeitados pelos japoneses (Sasaki, R. K., 2002). O brasileiro chama de “5 K” acrescentando, às palavras anteriores, os termos: *kibishii* (exigente) e *kirai* (detestável) (Kawamura, 2003).

Não tem como falarmos destes descendentes de japoneses que vão para o Japão em busca de trabalho, sem antes falarmos dos primeiros japoneses que chegaram no Brasil. A imigração japonesa para o nosso país iniciou-se em 1908, cujos trabalhadores totalmente desprovidos de bens materiais ou moradia, tinham como objetivo o trabalho temporário (Hashimoto, 1995). Como aconteceu em muitas outras migrações, foram deslocados para a zona rural, para substituírem a mão-de-obra escrava. O movimento ganhou consistência no final da Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, estavam convencidos de que fariam fortuna no Brasil e voltariam como vencedores para o Japão (Nakagawa, 2002).

Hiroshi Saito e Arlinda Rocha Nogueira (em Hashimoto, 1995) falam da presença japonesa no Brasil reconhecida em duas fases. A primeira fase de 1908 a 1924 foi reconhecida como fase experimental, de adaptação ao novo habitat, e a segunda de 1925 a 1941, fase de maior intensidade, a qual foi marcada por maiores contribuições e aperfeiçoamento da tecnologia de produção e desenvolvimento da organização rural através do cooperativismo.

No período de 1942 a 1952, as medidas restritivas do governo de Getúlio Vargas interrompem a corrente imigratória, devido ao estabelecimento do regime de quotas para a imigração. Isto acabou se refletindo em restrições quanto ao estudo e o uso da língua estrangeira no Brasil (Hashimoto, 1995), adotando-se uma política educacional condizente com a unificação da língua e da formação cultural em prol da unidade política do país (Kawamura, 2003), uma política de nacionalização forçada na qual até

mesmo o registro do nome de crianças descendentes de estrangeiros, nascidas nesse período, não podia ser de origem estrangeira, com exceção do sobrenome.

A partir da década de 50, teve início uma corrente interna de descendentes de japoneses que migrou para as zonas urbanas. De acordo com a tradição japonesa, ao primogênito era reservado o compromisso de seguir os passos dos pais e zelar pela família, mas do terceiro filho em diante o incentivo era para prosseguir os estudos. Era muito comum o primeiro e segundo filho manterem-se no trabalho de campo, enquanto os demais irmãos cursavam universidades nas capitais. A maioria dos que deixaram a lavoura e vieram para a periferia dos grandes centros buscava uma oportunidade de trabalho e chance de estudo para os próprios filhos (Nakagawa, 2002).

Os novos japoneses que chegaram ao Brasil a partir de 1953 puderam passar pelo processo de adaptação ao choque cultural de forma mais rápida, visto que encontraram uma infra-estrutura “intermediária” já formada pelos imigrantes mais antigos (Nogueira, 1984 *apud* Hashimoto, 1995). A condição na qual estes imigrantes chegaram também era outra, pois já traziam bens materiais, ou vinham com trabalho e moradia providenciados pelos conterrâneos radicados previamente no Brasil (Hashimoto, 1995).

Até o início da década de 80, os processos de integração, desses trabalhadores, vinham seguindo sua marcha e nada indicava que a direção dos acontecimentos sofreria uma reviravolta com inversão da direção na migração.

1.2. O movimento Dekassegui

Paralelamente, desde os anos 70, imigrantes de vários países próximos ao Japão, como coreanos, chineses e filipinos já trabalhavam no Japão devido ao desenvolvimento econômico em processo nesse país. A legitimação do Japão como potência econômica

mundial, acentuada nos anos 80, carecia de mão-de-obra no setor eletrônico em expansão (Kawamura, 2003).

Os trabalhadores japoneses com nível elevado de escolarização e capacitação profissional passaram a escolher as funções qualificadas em grandes empresas, de prestígio, empresas com maior possibilidade de ascensão profissional, rejeitando os trabalhos considerados pesados, perigosos e sujos. O Japão estava vivendo uma fase de grande produção e várias empresas estavam falindo por falta de mão-de-obra não qualificada. Os empresários japoneses, representantes de empresas de médio e pequeno porte, procuraram como solução, o recurso de buscar os trabalhadores estrangeiros (Nakagawa, 2002. Kawamura, 2003. Sasaki, 2004).

Os trabalhadores dos países mais próximos, que muitas vezes se encontravam em condições de ilegalidade, indocumentados, fizeram com que a busca de mão-de-obra fosse redirecionado para os japoneses emigrantes (Kawamura, 2003).

Em 1986, alguns japoneses residentes no Brasil responderam a convites e partiram para o Japão, e esse período foi apelidado de *Sato Gairi* (voltar para a terra natal). Nesse início, o trabalho temporário era relativamente simples e não exigia muito do trabalhador. Somando as horas extras, muitos desses nipo-brasileiros chegavam a receber US\$ 5.000 mensais, e retornavam ao Brasil para concretizar o sonho da casa própria, depois de uns poucos meses no país do Sol Nascente. Os trabalhadores desse período eram todos japoneses (primeira geração) ou portavam dupla nacionalidade, não tendo encontrado muita dificuldade para se adaptar nos ambientes de trabalho. A partir daí, o mito e o entusiasmo tomaram conta dos dois lados. Assim, os japoneses encontraram trabalhadores motivados e resolveram o problema da falta de mão-de-obra, e, para os nipo-brasileiros, isto significava uma oportunidade de realizar em poucos

meses o que não haviam conseguido em muitos anos de trabalho. Além disso, tinham como prêmio visitar o seu país de origem (Nakagawa, 2002).

Em 1990, o governo japonês mudou a sua lei de imigração e permitiu que também os descendentes dos imigrantes japoneses no Brasil, que não possuíam nacionalidade japonesa, entrassem no território nipônico para o trabalho temporário. A busca por trabalhadores *nikkey*, descendentes, dentro do imaginário japonês seria o “retorno dos semelhantes”, física e culturalmente. Migração seletiva condizente com a valorização da consangüinidade na definição do parentesco e nacionalidade (Nakagawa, 2002. Kawamura, 2003).

Coincidindo com a dificuldade de manter-se numa posição econômica e social de classe média, o *nikkey* aproveita essa oportunidade aberta graças a essa reforma na lei, assim como outros brasileiros de outras origens dirigiam-se aos Estados Unidos ou Europa. Nesse segundo momento, inclusive quando o movimento passou a ser chamado de “movimento Dekassegui”, seus integrantes eram compostos principalmente de descendentes da segunda geração (Nakagawa, 2002. Kawamura, 2003).

Estes imigrantes tinham como objetivo juntar dinheiro e tentar voltar o mais rápido possível para o Brasil. No início, a maioria foi sem suas famílias, mas com a eclosão e desdobramento da recessão da economia japonesa, e diante da dificuldade crescente em reunir a quantia desejada, os brasileiros buscaram soluções alternativas. Uma parte passou a convocar suas esposas para trabalharem juntos, a fim de ganharem mais rapidamente o montante suficiente para realizar os sonhos que os levaram ao Japão. Convém lembrar que o salário da mulher o Japão é praticamente a metade do salário do homem na mesma atividade. Mesmo assim, um grande número de mulheres se deslocou para o Japão levando seus filhos, e a presença destas crianças brasileiras tornou-se um grande desafio no ambiente escolar e demais situações (Nakagawa, 2002).

Por volta da metade da década de 90, teve início outra fase em que o perfil dos trabalhadores se modificou novamente. Começaram a se deslocar para o Japão os descendentes de terceira geração e com metas bem diferenciadas. Esse grupo viajava mais com a idéia de experimentar uma vida independente, em um novo país, do que a proposta definida de juntar dinheiro. A partir daí, iniciou-se a formação de grupos de consumidores que não conseguem comunicar-se com os japoneses – poucos falavam a língua japonesa -, fazendo florescer o comércio, serviços, lazer e apoio dirigidos especificamente para esse público (Nakagawa, 2002).

CAPÍTULO II

ESTUDOS E ANÁLISES SOBRE O PROCESSO DE MIGRAÇÃO

2.1. O imaginário dos migrantes

De acordo com Rossini (1995), estas pessoas têm uma forte dose tanto de procura das raízes quanto de desejo de rápido enriquecimento, sabendo que o salário no Japão é um dos melhores do mundo (mesmo o salário direcionado para os *dekasseguis* sendo o de valor mais baixo). As justificativas para essa ida vão desde as dificuldades que o Brasil apresenta para engajar, com retorno “justo”, mão-de-obra em condições de desempenhar atividade econômica, os baixos salários que impossibilitam a sobrevivência da família e a instabilidade política, até o desejo de retornar às origens, de aprender a língua, de fazer poupança para comprar imóvel etc.

A essa situação, Carignato (2002) acrescenta os aspectos psíquicos ligados ao processo de migração. Assim, no caso dos emigrantes *nikkeis* que se dirigiram ao Japão, além do desejo de ganhar dinheiro, eles buscavam ainda a oportunidade de atribuir um novo sentido às suas vidas. Foram também atraídos pela oportunidade de conhecer a pátria de seus ascendentes que, de outra forma, pelos custos de uma viagem ao Japão, jamais poderiam realizar. Nessa busca, empreenderam outro caminho, o do regresso. Então, nessa passagem de ida eles também “voltaram” a uma pátria idealizada cuja pujança econômica espalhou pelo mundo equipamentos eletrônicos, carros, comidas exóticas e mangás (histórias em quadrinhos). Isto configurou a abertura do caminho para o que foi denominado por um processo de regressão psíquica (Carignato, 2002).

Tal regressão manifesta-se no desejo de restabelecer uma ligação direta, sem mediadores (ligação narcísica) com a pátria cultuada pelos seus ascendentes, a “terra natal”, construção imaginária que se ampliou e fortaleceu com a separação e abandono do local de origem. A nostalgia pela terra natal vincula-se a esta perspectiva de ligação narcísica com a mãe provedora (Carignato, 2002).

De acordo com Carignato (2002), o desejo de ligação vem associado à atração exercida pelo Outro materno com quem o sujeito quer fundir-se. É o lugar dos significantes que brilham como as luzes do primeiro mundo, como as imagens da modernidade que constantemente atraem o sujeito que vive neste lado do planeta. Na comparação, o mundo do lado de cá pode parecer-lhe pouco atrativo e investido de valores negativos. Então o sujeito parte fascinado, em busca de um objeto que já estava perdido, ou seja, da coisa materna que ele descartou ao entrar no mundo da cultura. Nesse caminho é levado pela frustração e insatisfação decorrentes dessa perda, levado também pelos sentimentos de insuficiência invocados diante da impossibilidade de concretizar seus ideais narcísicos reativados quando experimenta alguma desilusão amorosa ou se depara com a situação socioeconômica desfavorável. São esses fatores associados – narcisismo recalcado, ideais exacerbados, decepções amorosas e dificuldades financeiras – que produzem as condições propícias para a emigração.

O retorno narcísico implica, segundo Chabert (1993), a extinção dos impulsos pulsionais em sua busca de satisfação. Explicaremos mais a frente esta menção à abordagem psicanalítica.

Hall (1996, em E. M. Sasaki, 2002) compara o processo migratório à identidade cultural, dizendo não se tratar jamais de uma essência fixa que se mantenha imutável, fora da história e da cultura.

Sasaki (E.M., 2002) diz que em um movimento migratório, não existe uma única experiência, homogênea, vivenciada e contemplada da mesma maneira pelos migrantes ou atores sociais. O contexto histórico peculiariza o modo de operar destes dekasseguis, aproximando ou distanciando de outras experiências migratórias.

Neste levantamento de estudos sobre os dekasseguis deparamos com a questão da identidade, e para tanto, nos valem das idéias de Félix Guatarri (2000) que afirma ser a identidade um conceito de referenciação, de circunscrição da realidade a quadros de referência (quadros estes que podem ser imaginários). A psicanálise chamaria tal referenciação de processo de identificação. Comparado aos procedimentos policiais de identificação de um indivíduo seriam seu documento de identidade, impressão digital, descrição física, etc. Ou seja, a identidade seria aquilo que passa a singularidade do indivíduo de várias maneiras por um mesmo quadro de referência identificável. Uma vez que o indivíduo vive sua própria existência, ele a vive com as palavras de uma língua pertencente a outras cem milhões de pessoas; com um sistema de trocas econômicas de um campo social específico; com representações de modos de produção completamente singular. Isso não coincidiria com o sentido do processo de singularização, mas justamente esse resultado do processo, resultado de sua circunscrição a modos de identificação dessa subjetividade dominante. Em suas palavras:

Aquilo que eu chamo de processos de singularização - poder simplesmente viver, sobreviver, num determinado momento, ser a gente mesmo - não tem nada a ver com identidade (coisas do tipo: meu nome é Félix Guattari e estou aqui). Tem a ver, sim, com a maneira como, em princípio todos os elementos que constituem o ego funcionam e se articulam; ou seja, - a

maneira como a gente sente, como a gente respira, como a gente tem ou não vontade de falar, de estar aqui ou de ir embora (...)(pg. 69).

Além dessa forma mais individual de identidade, nesse processo de migração deve-se lembrar da forma social identitária do sujeito. Sendo a identidade social, de acordo com Doron e Parot (1998), resultante de um processo de atribuição, de intervenção e de posicionamento no ambiente, ela exprime-se por meio da participação em grupos ou em instituições, e pode ser outorgada ou reivindicada em função das modalidades de afirmação de si e do desejo de realização. Sua construção e suas características são, portanto, relativas, interativas e funcionais. A identidade social é estruturada por referências identificadoras ligadas às experiências partilhadas com outros atores que a atualizam, conforme os grupos de origem. Ligada aos processos de integração, a identidade social manifesta-se publicamente por meio do exercício dos papéis e dos estatutos, o que revela a concepção pessoal de um estilo de vida (convencional, marginal, desviante, rebelde). A interpretação dos papéis no jogo social favorece a emergência de uma consciência de si com relação a “o outro generalizado”, que mantém um sentimento avaliativo que permite a orientação geral de uma existência.

Ainda segundo Doron e Parot (1998), no nível individual, a identidade social é o produto e o lugar de síntese das relações dialéticas entre o ego/eu, o eu e o self envolvidos em toda relação com o outro. De um ponto de vista fenomenológico, a atualização da identidade de si na relação interpessoal gera uma consciência complementar da identidade. Como a experiência de si no mundo se apóia nas representações que um sujeito faz de si mesmo na situação, como também na sua consciência de integração, a concepção da identidade depende de uma construção social cognitiva, inseparável da consciência do outro.

Tudo isso está sempre nos remetendo à idéia apresentada por Furtado (2005) que define a identidade como metamorfose, o que significa a relação do sujeito com sua história de vida e ao mesmo tempo com o contínuo processo de mudança. A atividade representa a base objetiva de realização concreta do sujeito e, ao mesmo tempo, sua expressão de subjetividade na definição de papéis. A consciência será o fruto do desempenho do sujeito nas relações concretas e objetivas e ao mesmo tempo a representação que o sujeito faz de si mesmo a partir desse desempenho. O conjunto dessas forças constitui a identidade do sujeito, que se altera ou permanece, conforme se alteram ou permanecem as relações concretas de sua vida.

Hall (2005) contribui para este levantamento sobre a questão da identidade, quando fala sobre o “sujeito pós-moderno”, que conceptualiza como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais todos são representados ou interpelados pelos sistemas culturais que os rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de todos há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que suas identificações estão sendo continuamente deslocadas. “Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’ ”(pg 13). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, os indivíduos são confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais pode se identificar – ao menos temporariamente.

Embora algumas teorias possam dar a idéia de que as identidades nacionais estão sendo “homogeneizadas”, ou seja, que a globalização ameaça dissolver as identidades e a “unidade” das culturas nacionais, Hall (2005) relembra um outro efeito desse processo. O que dissemos até agora foi sobre o alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições-de-identidade, e Stuart Hall acrescenta que juntamente ocorre um aumento de polarização entre elas: a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades:

O fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas. [...]. Isso freqüentemente está baseado no que antes chamei de ‘racismo cultural’.

Algumas vezes isso encontra uma correspondência num recuo, entre as próprias comunidades comunitárias, as identidades mais defensivas, em resposta à experiência de racismo cultural e de exclusão. Tais estratégias incluem a re-identificação com as culturas de origem; a construção de fortes contra-etnias (pg.85, Hall, 2005).

Contudo, no geral, o que Hall (2005) nos diz sobre a globalização é que ela tem um efeito pluralizante sobre as identidades, de modo a produzir uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, mas cujo efeito permanece contraditório. As identidades gravitam entre “tradição” e “tradução”. Tradição quando tenta recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas, e, tradução quando aceitam que as identidades estão sujeitas ao plano da história, da política, da representação e da diferença, sendo assim improvável que elas sejam outra vez unitárias ou puras.

Tudo isso deve ser levado em conta ao se pensar a identidade do dekassegui, ou seja, como cada um ou o grupo forma sua identidade; como se dá o modo de construir sentidos que influenciam e organizam as ações e concepções que eles têm de si mesmos, etc.

Segundo Hashimoto (1995), os japoneses radicados no Brasil e seus descendentes mantêm, por tradição, um imaginário do que é ser japonês, pelo medo da perda dessa identidade. Ocorre uma idealização do espaço perdido, do território que fazia parte do seu espaço vital. Esse mecanismo funciona de forma a preservar o sujeito do sofrimento da perda.

Mas, também, são portadores de uma formação cultural específica no contexto brasileiro, e quando chegam ao Japão passam a enfrentar os desafios do atual modelo japonês de organização do trabalho e da cultura “moderna” japonesa (Kawamura, 2003).

Ao falar dos “elementos identitários” que o dekassegui carrega, Sasaki (E.M., 2002) aponta que tais elementos são acionados de acordo com as situações vivenciadas ao longo da própria experiência migratória e conforme a dependência do “outro”, ou seja, com quem se relaciona e em quais circunstâncias. Dito de outra forma, tais elementos dependem das relações estabelecidas, ocupando lugares e papéis diferentes, limitados estruturalmente, mas variáveis conforme a situação em que se encontram. Ela acrescenta ainda a existência de um “jogo de diferença” nessas relações, no qual vai se contrastando e demarcando as suas distintividades (do ser japonês e ser brasileiro).

Exatamente nessa relação com o outro, com quem o dekassegui se identifica?

Para Stuart Hall (1995, em E. M. Sasaki, 2002), é como se estivesse “jogando o jogo da identidade”, pois sugere “instabilidade, a permanente ausência de ordem, a falta

de uma resolução final. Dessa forma, a identidade pode ser pensada como uma produção que nunca se completa, que está sempre em processo” (pg. 40 e 41).

É comum nos relatos de brasileiros descendentes de japoneses aparecer o dito de que “no Brasil se sentiam japoneses e no Japão, brasileiros”. Este “ser brasileiro” ou “ser japonês” aparece quando se tem uma relação de contraste, de diferença com o “outro”. Tal jogo de diferenças ocorre devido ao brasileiro com feições japonesas não ter os mesmos valores, e condutas socioculturais que o japonês nativo (E. M. Sasaki, 2002).

Esse contexto “bicultural” de sua vivência permite a consciência da diferença existencial em relação à população japonesa, antes não percebida, pois alguns ainda buscavam, equivocadamente, uma identidade “etnocultural” (Kawamura, 2003).

Quanto ao aspecto da negociação de identidade de kassegui, esta pode estar pautada em um imaginário – talvez coletivo – onde se tenta resgatar (ou não, dependendo das circunstâncias, quando melhor lhe convier os elementos de sua sociedade de origem) para poder contar como referência. Levanta-se a possibilidade de talvez exatamente essa condição indefinida, essa possibilidade de vir a ser, essa ambigüidade que daria margem a tantas negociações.

Contudo, essa mesma ambigüidade que dá abertura a esse leque de possibilidades, pode fazer emergir crises de choque cultural, frente à dicotomia entre cultura japonesa e cultura brasileira e/ou cultura tradicional (da Era Meiji – da segunda metade do séc. XIX até o fim da Segunda Guerra) e cultura moderna (atual).

Mesmo nos relacionamentos informais de brasileiros com japoneses, ocorrem encontros e desencontros de aspectos culturais, expressos em atitudes e comportamentos, os quais podem implicar situações amistosas, indiferentes e conflituosas. Algumas palavras ou gestos podem trazer situações embaraçosas provocadas pelo

desconhecimento dos significados específicos e das expectativas diferentes da parte dos interlocutores, os quais tendem a se pautar pelo imaginário baseado na própria vivência cultural, no país de origem (Kawamura, 2003).

Às vezes, o fato do brasileiro não seguir estritamente as regras do silêncio (falam e riem alto, escutam música em som elevado) e regras de limpeza (sistema de coleta de lixo seletivo para reciclagem, postura de defesa ecológica, preocupação com a qualidade de vida) é visto, na perspectiva dos japoneses, como baderna, indisciplina, desrespeito aos vizinhos, individualismo, egoísmo. Já os brasileiros vêem a reação de indiferença, distanciamento e hostilidade, adotada pelos japoneses, como frieza característica dos mesmos. Em ambos os grupos, tais percepções ocorrem mediante uma visão preconceituosa do outro (Kawamura, 2003).

Não bastasse a dificuldade de comunicação (seja por não falarem a mesma língua ou por outra linguagem corporal, erros de interpretação da conduta do outro, etc) ou costumes totalmente estranhos (moradia pequena/ alojamentos, dormir sobre o tatame/assoalho, banho em ofurô/tipo de banheira, usar tipo diferente de vaso sanitário), os valores nas duas culturas são bastante destoantes. Especificando, o brasileiro tem como valores básicos a independência e a auto-expressão. A emoção, o sentimento, a sensação corporal e o “jeitinho brasileiro” constituem a regra.

O japonês tem como princípios norteadores, seja na vida em família, no trabalho e em outros setores da sociedade, a disciplina, o respeito à hierarquia etária e de posições na organização, a persistência (*gambare*- expressão usada que significa “mantenha-se firme” ou “Força!”), a honestidade, a atividade em equipe (são capazes de abrir mão de um desejo pessoal em prol da harmonia do grupo inserido), a cooperação e a competição. Características estas que permeiam suas atividades desde a mais tenra idade, objetivando sua “formação da conduta”.

Essa formação da conduta busca favorecer a capacitação do futuro trabalhador quanto ao desenvolvimento de uma conduta participativa e cooperativa, na qual a autovigilância, o auto-incentivo e a liderança são considerados pré-requisitos para o novo modelo de organização do trabalho (Kawamura, 2003).

Talvez, para entendermos o imaginário dos migrantes temos que levar em consideração o “dilema humano” (May, 2000). Essas características descritas, de brasileiros e japoneses, podem ser vistas como de dois povos distintos, mas para a realidade do dekasegui é uma coexistência de formas culturais diferentes, até contraditórias. Coexistência dentro do mesmo espaço, muitas vezes estreitamente imbricados entre si (Kawamura, 2003).

2.2. Os obstáculos para a migração Brasil-Japão

Neste caminho de busca dos ideais materiais e existenciais, encontram-se vários obstáculos. O primeiro deles pode ser considerado o de conseguir o visto de permanência com permissão de trabalho. Mesmo havendo a possibilidade de receber um visto especial de residência por longo período amparado pela reforma na Lei de Controle de Imigração e Refugiados de junho de 1990, ele não é concedido tão rápida e facilmente como se supõe. Devido aos desencontros históricos (aumento de criminalidade entre os latino-americanos) e culturais, descritos anteriormente, o visto para o brasileiro tem demorado vários meses (3 a 11 meses, em média). Além de provar descendência, os requerentes devem possuir pessoas que se responsabilizarão por sua conduta no Japão, e devem apresentar documentos que garantam que será empregado em empresa japonesa. Além disso, devem comprovar não possuir antecedentes criminais, podendo incluir outros quesitos.

Quanto ao emprego e moradia, até os trâmites burocráticos, algumas empresas de intermediação, entre o dekassegui e a empresa, podem facilitar, ao menos aparentemente, essa etapa para o dekassegui. Esses estabelecimentos conhecidos pelos brasileiros como empreiteiras, fornecem a mão-de-obra para a empresa contratante, as quais ficam incumbidas de recrutar, selecionar e treinar, bem como assumir a responsabilidade pela administração e pelo controle do desempenho dos dekasseguis.

Segundo o contrato, essas empresas de recursos humanos recebem certa quantia por esse serviço, com a qual pagará o salário, por ela estipulado, aos trabalhadores contratados. Tanto a empreiteira, quanto o dekassegui recebem pelas horas de serviços trabalhadas pelo dekassegui.

Essas empreiteiras muitas vezes fornecem moradia (também os móveis, *ofuton* – tipo de colchonete para forrar no tatame para dormir, cobertor), e também a passagem para o Japão, o serviço dos trâmites burocráticos, que serão descontados dos salários dos dekasseguis. É exatamente por essa posição de repasse do salário para o dekassegui que muitas empreiteiras aproveitam dessa oportunidade para exploração do trabalhador cobrando valores abusivos. Existem também reclamações de cobranças indevidas, descontos injustos, demissão repentina, até omissão em casos de acidentes de trabalho. (Kawamura, 2003).

Outro obstáculo que podemos citar é o dos hábitos e língua diferentes. Primeiramente, os hábitos e até a língua conhecida e mantida pela tradição pelos imigrantes japoneses no Brasil são da Era Meiji. O Japão atual e modernizado não expressa mais os costumes tradicionais na vida cotidiana.

Dificuldades maiores enfrentam os descendentes da terceira e quarta gerações, os quais muitas vezes apresentam reduzida influência dos costumes e da língua japonesa, e são considerados “mais ocidentalizados”.

A discriminação também é sentida pelos dekasseguis. A própria nomeação de “dekassegui” e “*gaijin*” é utilizada de modo pejorativo pelos japoneses ao se referirem aos trabalhadores de outros países (*gaijin* = estrangeiro). Devido às atividades desenvolvidas que são geralmente as não bem aceitas pelos naturais da terra, designadas como atividade de 3 K: *Kitanai* (sujo), *Kitsui* (penoso), *Kiken* (perigoso), como já mencionado.

A economia de dinheiro se dá ao custo de grande sacrifício e absoluta austeridade. Mesmo o salário sendo melhor que o do Brasil, o custo de vida no Japão é um dos mais altos do mundo. O dekassegui que objetiva economizar tem que abrir mão de qualquer luxo ou conforto que não seja de extrema necessidade.

Dessa forma, são inúmeros os obstáculos e problemas que o trabalhador nipo-brasileiro encontra na terra do Sol Nascente.

2.3. Problemas do trabalhador Dekassegui

Sasaki (R.K.,2002) descreve, segundo levantamento feito pelo Centro de Informação e Apoio ao Trabalhador no Exterior – CIATE, que os principais problemas que envolvem os trabalhadores brasileiros no Japão são: problemas trabalhistas; de comunicação; de saúde; de educação; de criminalidade; de desemprego; e de dificuldade na readaptação ao Brasil.

Os problemas trabalhistas envolvem a forma de contratação do trabalhador brasileiro. Começando pela relutância que a maioria das empresas japonesas (pequenas, médias e grandes) tem em manter qualquer vínculo trabalhista com o trabalhador brasileiro. Elas alegam: a instabilidade e a volatilidade do trabalhador; as diferenças de filosofia e costumes trabalhistas; as diferenças sociais e culturais; a efemeridade do

trabalhador no Japão; os altos encargos fiscais e trabalhistas; e o pagamento de indenização na hora da demissão, etc.

Assim, a maioria das empresas prefere firmar contratos com empresas intermediárias que se responsabilizariam por recrutar os trabalhadores e alocá-los na linha de produção das fábricas, recebendo comissão por pessoa/trabalhador. Porém, dessa forma, podem surgir empreiteiras inidôneas que praticam atos abusivos e ilegais, dentre os quais são comuns: cobranças exorbitantes de comissões e preços de passagens aéreas; descontos salariais abusivos; não inscrição dos trabalhadores nos seguros sociais (acidente de trabalho, desemprego, saúde, aposentadoria); descumprimento das promessas verbais feitas; retenção do passaporte brasileiro; demissão sem justa causa; não pagamento de aviso prévio; não pagamento do salário; cobrança de multa por rescisão contratual; despejo do alojamento em caso de demissão; demissão de mulheres durante o período de gravidez; ameaça e violência física e psicológica; e maus tratos, etc.

Quanto à problemática da dificuldade de comunicação, Sasaki (R.K., 2002) relata que os nisseis e sanseis embora nascidos no Brasil e tendo recebido influências exógenas do meio, por descenderem de japoneses, conservam traços e características físicas semelhantes a eles, mas que, no entanto, são poucos aqueles que dominam os fundamentos do idioma japonês: fluência oral, habilidade na escrita e na leitura, e capacidade de compreensão.

Trata-se, portanto, de uma falsa imagem de japonês que o *nikkey* brasileiro carrega, fazendo com que ele seja mal-interpretado pelos japoneses. É comum os japoneses pensarem que esses nikkeis brasileiros, por descenderem de japoneses, sabem falar e compreender o idioma japonês. Muitos brasileiros que se encontram no Japão não se interessam pelo aprendizado do idioma japonês, mesmo já fazendo quinze anos

desde o início desse fenômeno de kassegui. O que é lamentável, visto que nos dias atuais existem mais candidatos do que ofertas, o que torna o mercado mais seletivo e exige o conhecimento do idioma pelos empregados.

Além disso, o conhecimento do idioma é necessário para uma melhor adaptação deste brasileiro no Japão, e a falta desse conhecimento gera um obstáculo nos relacionamentos, no ambiente de trabalho e na vida cotidiana.

Partindo-se agora para o enfoque no problema da saúde, ainda, Sasaki (2002), nos diz que tal problema está intimamente relacionado com a prática irresponsável e ilegal de algumas empreiteiras e com a ganância e falta de conhecimento dos de kasseguis. Toda empresa constituída sob a legislação japonesa é obrigada a cadastrar todos os seus funcionários no seguro social japonês, o *Shakai Hoken* (seguro social), que abrange o *kenko hoken* (seguro de saúde) e o *kosei nekin hoken* (seguro de aposentadoria). No entanto, a fim de não custear tal contribuição (50% do empregador e 50% do empregado), as empreiteiras não fazem o registro dos de kassegui. E acontece, muitas vezes, do trabalhador brasileiro solicitar a não inscrição no referido seguro, visando economizar mais dinheiro, ficando assim totalmente desassistido, largado à própria sorte.

Outro aspecto relacionado à problemática da saúde é a questão da comunicação. A falta de comunicação adequada e suficiente entre médico e paciente leva a erros de diagnóstico, erros na aplicação de medicamentos podendo acarretar, em alguns casos, a morte do paciente.

Com o intuito de juntar o máximo possível de dinheiro em pouco espaço de tempo, o trabalhador brasileiro submete-se a cargas horárias de trabalho excessivas, prejudicando a sua saúde física e mental. Ou seja, com o passar do tempo, o acúmulo de estresse e de cansaço pode provocar no trabalhador doenças de ordem física e psíquica.

Foram constatados recentemente casos de suicídio e homicídio envolvendo brasileiros que tiveram alterações psíquicas após irem ao Japão (Sasaki, 2002).

Outro problema que gera preocupação são os dados levantados pelos ministérios de ambos os países, que relatam um aumento assustador do número de portadores do vírus HIV, dentro da comunidade brasileira no Japão.

Já o problema da educação é considerado por unanimidade o problema mais grave e profundo que envolve os filhos dos trabalhadores no Japão, pois afeta diretamente as questões relativas à criminalidade de jovens e adolescentes. Nem as autoridades governamentais brasileiras, nem a comunidade brasileira no Japão conseguem encontrar medidas capazes de equacionar esse problema. Alguns fatores podem ser apontados, por Sasaki (2002), como causas do desinteresse pelo estudo e pela grande evasão escolar no Japão, são eles:

- problemas de adaptação e de relacionamento: não somente quanto ao idioma japonês, essas crianças e adolescentes levados ao Japão pelas suas famílias, encontram dificuldade na adaptação frente a todo um sistema educacional, que é bem diferente do sistema brasileiro. Visto que, a sociedade japonesa, considerada uma das mais homogêneas do mundo, move-se em conjunto (existe um padrão comum e predeterminado a ser seguido por toda a coletividade), as pessoas que não se encaixam nesse padrão são consideradas estranhas ao grupo e sofrem facilmente rejeição e discriminação.

- indecisão dos pais: muitos deles não sabem se o melhor para seus filhos é uma escola pública japonesa ou escola privada brasileira. Levados por motivos financeiros, muitos colocam a criança numa escola pública japonesa, pois o custo é bem menor em relação à privada brasileira. Porém, após a constatação de dificuldade na adaptação e

acompanhamento do ensino japonês, ou colocam as crianças numa escola brasileira (quando há alguma perto de onde moram), ou retiram-nas da vida escolar.

- questão financeira: com a crise econômica que tem afetado o Japão, provocando uma queda na renda do trabalhador brasileiro, muitos pais optam em cortar gastos relativos à educação de seus filhos, retirando da escola e os obrigando a trabalhar a fim de aumentar a renda da família.

Retornando aos itens de problemas que envolvem os dekasseguis, Sasaki (2002) cita a problemática da criminalidade. Tal questão está intimamente ligada à educação, como mencionado no item anterior, envolvendo a faixa etária de 14 a 20 anos. Está havendo um aumento de crimes envolvendo brasileiros em casos de roubo, furto, estupro, tráfico e consumo de drogas. E também, o aumento de crimes hediondos de homicídio cometidos por brasileiros. Segundo o Ministério da Justiça do Japão, o Brasil é o país que apresenta o índice mais elevado de delinqüência juvenil.

O brasileiro tende a subestimar a força e o rigor da polícia japonesa, além de desconhecerem a legislação penal japonesa. Por esse motivo, existem brasileiros condenados à prisão perpétua com trabalhos forçados.

Outra situação que acomete os dekasseguis é o problema do desemprego. O índice de desemprego no Japão tem alcançado níveis nunca ocorridos. Em agosto de 2001 atingiu a marca de 5%, ou seja, cerca de 3,5 milhões de desempregados, incluindo brasileiros. A fragilidade do vínculo empregatício não traz garantia nem estabilidade em época de crise. Muitos empregadores japoneses também estão optando por substituir a mão-de-obra brasileira pela asiática, a fim de reduzir custos operacionais. Quem perde o emprego ou retorna ao Brasil, devido ao elevado custo de vida no Japão, ou torna-se um *homeless*, passando a viver na rua como mendigo, o que já se constata em algumas cidades japonesas.

E por último, Sasaki (2002) cita o problema do regresso ao Brasil. Devido a um longo período de permanência no Japão, o brasileiro encontra grande dificuldade na readaptação ao *modus vivendi* do Brasil (tal dificuldade é diretamente proporcional ao tempo). Talvez uma das causas seja a questão econômica, já que o dekasegui acostumado a receber cerca de vinte vezes a mais no Japão encontra dificuldade na sua reinserção na sociedade brasileira, considerando a fonte de renda aqui como determinante para tal acontecimento.

Segundo constatação feita pelo SEBRAE, alguns que retornam e investem suas economias em um pequeno empreendimento, vêem os negócios por eles iniciados não prosperarem e tornarem-se insolventes ou falirem nos três primeiros anos de atividade. Tais insucessos pode dever-se: ao despreparo, à falta de conhecimento, de informação e de orientação, a insuficiência no treinamento, a inexistência da capacidade empresarial, a inadaptação ao ambiente de negócio, etc (Sasaki, 2002).

Entretanto, além dos problemas econômicos apontados acima, muitos brasileiros, em virtude da longa permanência fora do país (5 a 8 anos ou mais), têm enfrentado grandes obstáculos para se fixarem no Brasil, tais como: perda do convívio familiar (provocado pela desintegração da família), o desemprego, o choque cultural, a perda de identidade, o estado precário de saúde (física e mental), etc. O conjunto desses sintomas é denominado como a síndrome do regresso (Nakagawa, 2002).

Um estudo de um psiquiatra *nikkey*, Décio Issamu Nakagawa, mostra trabalhadores brasileiros que foram assistidos em uma clínica direcionada para a saúde mental, os quais retornaram acometidos por alguma forma de perturbação em sua saúde mental. Ele nomeou como Síndrome de Regresso, um quadro confusional transitório, no retorno desses trabalhadores ao Brasil. Os mesmos apresentavam os seguintes

fenômenos: dispersão do pensamento; distanciamento afetivo; grande sensibilidade às diferenças; tendência autodestrutiva; e tendência a repetir viagem para o Japão.

Observa-se a Síndrome de Regresso em trabalhadores que estiveram por mais de seis meses no Japão. Esse estado, na maior parte das vezes, acaba remetendo de seis meses a dois anos a partir da chegada do trabalhador (Nakagawa, 2002).

A dispersão ou confusão gera uma série de situações. Por não conseguir se concentrar ou desenvolver uma linha de raciocínio, suas idéias são vagas e imprecisas.

No distanciamento ou indiferença afetiva, o sujeito parece não se importar com o que acontece ao seu redor. Muitas vezes lembra o autismo. Em muitos casos a esposa, concluindo que ele não gosta mais dela e não se importa com a família, propõe separação, o que ele aceita de forma indiferente.

Apresenta maior sensibilidade às diferenças. Qualquer coisa o faz comparar as duas situações de fracasso. Acima de tudo há o risco de suicídio.

Finalmente, verifica-se a tendência efetiva de, por qualquer motivo, viajar para o Japão. Para muitos, a grande “desgraça”, como cita Nakagawa (2002), é não conseguir parar com essa repetição. A dificuldade de não se sentir bem nem aqui e nem lá.

Sobre esse vai-e-vem do dekassegui, Carignato (2004), falando de um programa de auxílio ao ex-dekassegui, diz que todos aqueles que procuraram o projeto denominado Espaço *Tadaimá** tinham problemas de reinserção social (* é uma expressão japonesa que significa: Cheguei! e que é usada quando se entra em casa. Quem o recebe responde: *Okaerinasai!* – seja bem vindo!).

Psiquicamente, essa problemática pode ser pensada da seguinte forma:

... com o impacto sofrido pela emigração, o dekassegui rompe seus laços sociais e volta-se para si mesmo investindo libidinalmente o eu e os objetos nele internalizados. Excluindo os objetos externos que representam o Brasil e o

brasileiro, o dekassegui fica psiquicamente ligado aos objetos internos idealmente preservados. O Brasil e os brasileiros são, quando se encontra no Japão, extensões do seu eu idealizado. E vice-versa, quando retorna ao Brasil, o Japão e os japoneses tornam-se prolongamentos do seu eu. Então, esses objetos são narcisicamente mantidos como ideais, ou seja, o dekassegui exclui os fatores negativos de sua vida no Brasil ou no Japão. (Carignato, 2004, pg. 235).

No Japão, o dekassegui sente falta dos amigos, do “calor humano” brasileiro, do sabor da comida, etc. No Brasil, lembra da tranquilidade, organização, limpeza, segurança, tecnologia e da vida em torno do trabalho no cotidiano japonês. E ainda, em contraposição, o Brasil se destaca pelo desemprego, caos, violência e agitação. Voltando-se narcisicamente para os ideais de segurança, conforto infantil, o ex-dekassegui não luta por seu espaço de atuação.

Nessas constantes idas e vindas, os dekasseguis constroem de forma falha o seu espaço psíquico, prejudicando sua inserção seja na sociedade de imigração seja na de emigração. Cada vez que ele vai e volta, perde os vínculos que estabelece precariamente nessas mudanças (Carignato, 2004).

A dificuldade de relacionamento constitui uma barreira para encontrar emprego e se manter nele. O ex-dekassegui se sente um estrangeiro no local de trabalho, sentimento de não pertencimento. É dedicado, esforçado, mas mostra-se apático e inibido até para buscar informações e auxílio com os colegas para executar suas tarefas. Sua aparência anônima, sem expressão, sem voz e sem lugar é característica de passageiros em trânsito (Carignato, 2004).

Finalizando este capítulo, são estas algumas das problemáticas que o Dekassegui enfrenta. Resumindo, vimos que os principais problemas envolvendo os trabalhadores

no Japão são problemas trabalhistas, de comunicação, de educação, de criminalidade, de desemprego e de dificuldade na readaptação ao Brasil.

CAPÍTULO III

NATUREZA DA PESQUISA E MÉTODO

3.1. Objetivos

Frente a essas problemáticas acometidas aos trabalhadores brasileiros no Japão, tão visível na literatura a respeito e muito mais aparente nos relatos de parentes, amigos e outras pessoas que vivenciaram tal trajetória levantaram o interesse no estudo deste assunto.

Pensando na melhoria da qualidade de vida dos Dekasseguis, objetivou-se neste trabalho verificar como se dão os processos de (re)adaptação dos Dekasseguis, sua identidade, os mecanismos psíquicos utilizados para se manter a identidade, bem como para o enfrentamento das perdas de vínculos, do espaço vital, enfrentamento do novo, etc., dando ênfase aos mecanismos narcísicos.

3.2. Método

Diante do objetivo da pesquisa, faz-se a opção pela análise qualitativa e pelo método de Estudo de Caso, por apresentarem-se mais adequados a este empreendimento.

Visto que, ao fazer uma investigação a partir do seu aspecto qualitativo, automaticamente consideramos que o sujeito do estudo se encontra numa determinada condição social, respeitando o fato de que ele pertence a um grupo social com suas crenças, valores e significados. Na abordagem qualitativa sujeito e objeto fazem parte

da mesma natureza, possibilitando empatia aos motivos, intenções, projetos, a partir dos quais as ações, estruturas e relações se tornam significativas (Minayo, 1992).

Hashimoto (1995), citando Bosi (1972), fala da possibilidade de sermos ao mesmo tempo sujeito e objeto numa pesquisa. Sujeito enquanto indagamos, procuramos saber. Objeto quando ouvimos, registramos, *“sendo como que um instrumento de receber e transmitir a memória a alguém, um meio de que esse alguém se valia para transmitir suas lembranças”* (pág. 28).

Instrumentos:

- Entrevista (o roteiro da entrevista encontra-se em anexo);

- Método de Rorschach, posteriormente será feito uma breve apresentação do mesmo. Esse método foi escolhido por considerarmos como um teste básico de personalidade que, segundo Klopfer (1954, em Ginsberg, 1964), permite descobrir o papel que diferentes estímulos desempenharam na vida do indivíduo, nos dando uma imagem da estrutura subjacente que torna compreensível a sua conduta. Esta prova permite um julgamento sobre a personalidade global, seus aspectos intelectuais, emocionais e caracteriológicos. O Rorschach é uma das melhores elaboradas e normalizadas provas de personalidade e é de fácil aplicação, já que podemos aplicá-lo em pessoas de vários níveis educacionais, de idade e de grupos sócio-culturais. Além de ser comumente usado em estudos de problemas sociais e em comparações interculturais.

3.3. Participantes

Participaram desse estudo, oito (8) pessoas, sendo seis (6) mulheres e dois (2) homens, que trabalhavam no Japão na condição de dekassegui, sete deles tem

descendência japonesa, uma não, todos viviam no Japão há mais de três anos e pretendem voltar ao Brasil.

Para preservar o anonimato dos participantes na apresentação deste trabalho, cada um deles recebeu um nome fictício, escolhido pela pesquisadora a partir de nomes de cantores brasileiros. Apesar da maioria dos participantes possuírem seus nomes compostos por um nome brasileiro e um nome próprio japonês, verificou-se que o nome usado por eles para se identificarem era o nome brasileiro.

Procedimento:

O acesso aos sujeitos se deu mediante convites feitos a trabalhadores brasileiros localizados na província de Aichi através das empresas (empreiteiras) que fazem a mediação do trabalhador brasileiro com a empresa japonesa.

Aos interessados e dispostos a colaborar neste estudo foi feito um primeiro contato por telefone, pelo qual foi pedido um encontro, onde se esclareceu melhor os motivos e pretensões deste trabalho e no qual também foi assinado, por parte do pesquisando, duas vias de um termo de compromisso, sendo uma para o pesquisando e uma para a pesquisadora.

Pela dificuldade de disponibilidade de tempo, visto que todos os sujeitos trabalhavam muitas horas por dia e muitos dias da semana, o encontro ocorreu na casa de cada um dos participantes em finais de semana, que era o período no qual poderiam conceder algumas horas livres sem interrupção. Muitas vezes eles utilizam esses momentos para fazer compras, limpar a casa, lavar suas roupas e também para ter lazer.

Primeiramente, foi realizada uma entrevista semi-estruturada, que foi gravada após devido consentimento, seguindo um roteiro (em anexo) onde se questionou desde a infância, os principais acontecimentos da vida, o cotidiano, dinâmica familiar,

escolaridade, outras fases como a adolescência e a fase adulta, até a decisão de ir ao Japão, suas motivações, expectativas e o trabalho. A entrevista complementa os dados colhidos no teste.

Para a aplicação do teste procuramos um local da casa que se aproximasse a um local adequado para a situação de testagem, preocupando-se com a iluminação, posição na mesa, a reserva de possíveis interrupções e barulhos.

3.3. Psicodiagnóstico de Rorschach

De acordo com Augras (1969), a técnica das manchas de tinta de Rorschach é a mais conhecida das técnicas projetivas. A principal característica destas técnicas é a apresentação de uma tarefa relativamente não estruturada, o que permite uma variedade quase ilimitada de respostas possíveis. A hipótese que está implícita em tais técnicas é a de que a maneira de perceber e interpretar o material do teste ou "estruturar" a situação reflete aspectos fundamentais do funcionamento psicológico do sujeito.

Embora o teste do Rorschach tenha originado vários sistemas para a avaliação e interpretação, entre as categorias mais empregues encontramos a localização, os determinantes e o conteúdo.

A localização refere-se à parte do borrão na qual o sujeito associa cada resposta, se usa o borrão inteiro, um detalhe comum, raro, o espaço branco ou alguma combinação destas áreas (verificam-se aqui sinais de inteligência, capacidades, debilidades mentais em vários níveis dependendo da combinação, e são estes dados que darão a forma de sucessão das respostas em cada prancha do sujeito, o que indica sua disciplina lógica, do rigor de seu pensamento).

Os determinantes da resposta são expressivos do “*modus vivendi*”, incluem forma, cor, sombra e movimento (referindo-se este último à percepção que o sujeito tem do borrão como representação de um objeto em movimento). Dentro destas categorias são ainda feitas outras diferenciações mais específicas, por exemplo, movimento humano, animal ou de objeto.

A grande descoberta de Rorschach, lentamente sendo amadurecida, foi ter encontrado a chave para a nova interpretação: as respostas de figuras em movimento expressam a introversão do sujeito; e as respostas que aproveitam a cor, a extratensão.

Hermann Rorschach (1974), em seu livro intitulado *Psychodiagnostik*, relaciona a motilidade e a afetividade em um paralelismo muito estreito. As designações estável e lábil podem ser empregadas tanto para a afetividade quanto para a motilidade. As cinestésias estabilizam tanto a motilidade como a afetividade.

Não somente a cinestesia, mas também as respostas determinadas pela cor expressam, de forma complementar, uma exteriorização da vida emocional. Sensível à cor, o extratensivo dispõe de uma inteligência do tipo reprodutivo, é mais adaptável, mais habilidoso, mais ativo; suas reações afetivas são abundantes e as relações com os outros, superficiais.

Em seu teste, Rorschach correlaciona as respostas de cinestesia e cor para indicar o tipo de vivência (*Erlebnistypus*) (Leben – vida) do sujeito, empregando terminologias psicanalíticas. Rorschach utilizou dos termos: introversão; extratensão; ambiequal ou ambigüal; coartativo; e coartado.

O termo extratensivo foi usado para se opor à característica do introversivo. Ele dizia que a introversão constitui o fundamento da cultura, e a extratensão o da civilização. O introversivo tem a vida interior como referência e o extratensivo, a vida exterior.

Quando os momentos introversivos e extratensivos acham-se reduzidos, estreitados, reprimidos, propõe-se a expressão tipo coartado. Caso seja mais alargado, emprega-se o nome de tipo coartativo, tendência à coartação (número de respostas de cinestesia e cor próximo ou igual a zero). Quando é apresentado um elevado grau de momentos introversivos com um grau igualmente elevado de momentos extratensivos, é o tipo ambiequal (ou ambigüal).

O tratamento do conteúdo vai também variar de sistema para sistema, embora haja algumas categorias básicas que são regularmente aceitas (humano, animal, partes, objeto, natureza etc). Os conteúdos têm uma importância fundamental visto que qualificam o “mundo vivido”, a representação de si e do outro.

Verifica-se também alguns fatores como: respostas vulgares (cada sistema apresenta uma lista, podem ser chamadas igualmente de respostas banais ou populares); repostas originais (que se repetem menos de uma vez em cem); os choques (reações de estupor afetivo); dentre outros fenômenos especiais (perseveração, descrição, críticas, autocríticas, autoreferências, observações acessórias,...).

Considera-se o Rorschach aplicável à criança e adultos. Os dados normativos foram, em grande parte, derivados de grupos adultos, inicialmente verificados em experiências clínicas (Augras, 1969), no entanto, atualmente já encontramos variados estudos com o método nos mais diferentes grupos de gênero, etnia/cultura/religião e faixa etária.

Segundo Weiner (sd, em Augras, 1969), o Rorschach é mais do que um teste de personalidade. É um teste multifacetado que gera informação estrutural temática e comportamental, que pode ser aplicada, tanto em termos quantitativos como qualitativos, e pode ser interpretado de acordo com várias perspectivas teóricas diferentes.

Bassit (1992) afirma que o conceito de projeção que fundamenta o Teste de Rorschach propõe um estímulo ambíguo, ou seja, desestruturado, onde o indivíduo ignora o que revela.

Quanto à percepção, Rorschach observou o contato do indivíduo com o meio ambiente, onde estímulos internos e externos estavam regidos segundo os anseios, as necessidades e as expectativas deste indivíduo. Desta forma, Hermann Rorschach dividiu a percepção humana em seis fases. A primeira fase seria a sensação visual onde a visão das pranchas do Teste de Rorschach provocaria uma sensação. A segunda fase seria a seleção, visto que o estímulo das pranchas sendo desestruturado e ambíguo, o indivíduo selecionaria as imagens de respostas segundo suas próprias necessidades. A terceira seria a fixação, ou seja, tornar a imagem selecionada presente. A quarta fase trata-se da evocação de lembranças, onde o indivíduo busca recorrer a memória conteúdos que assemelhem-se ao que está fixado a ela. A quinta seria o relacionamento das duas imagens, ou seja, a imagem presente e a memória. A sexta e última fase seria finalmente a associação, onde o indivíduo estrutura o pensamento e emite a resposta.

Assim sendo, o indivíduo pensa estar num processo de descrição quando, na verdade, trata-se de um processo de percepção, pois através da percepção somos capazes de nomear e conhecer o mundo. Quando percebemos, selecionamos os estímulos, ou seja, não percebemos todos os estímulos que nos atingem por ser impossível fisicamente reagirmos a todos eles. Assim, selecionamos o que é importante para nós, visto que prestamos atenção e selecionamos em função de nossas expectativas, interesses, estados afetivos, desejos, temores, etc. Ou seja, nos colocamos num estado que é o contato com a imaginação, como um início que não principia, não cria, mas retoma do mundo externo, nossa própria estruturação. Quando selecionamos, fazemos

isto segundo nosso mundo interno, ou seja, as características de nossa personalidade (Bassit, 1992).

Os testes projetivos estruturais como o Rorschach alcançam sobretudo um corte representativo do sistema da personalidade, de seu equilíbrio, de sua maneira de apreender o mundo, de sua vivência de mundo (*Weltanschauung*, trata-se das inter-relações entre as instâncias do id, do ego, do superego - o ponto de vista “econômico” em psicanálise, os “esquemas” da psicologia das tendências, o “como” da conduta). (Anzieu, 1981, p. 31).

3.4. Mecanismos psíquicos do Dekassegui e o Rorschach

Lembrando que a situação de migração do Dekassegui (seja dos primeiros japoneses no Brasil, dos seus descendentes no Japão, ou o retorno destes ao Brasil) envolve sempre a utilização de mecanismos adaptativos no processo de vinculação à nova terra por parte do migrante (Hashimoto, 1995). Ou mesmo, mecanismos readaptativos, como visto sobre o choque cultural reverso, no qual os migrantes não estão preparados para o retorno devido a não estarem cientes do quanto eles mesmos e também sua comunidade de origem mudaram durante sua ausência (DeBiaggi, 2004).

Hashimoto (1995) descreve tais mecanismos como:

que ocorrem na situação de separação e que são recursos facilitadores na elaboração da perda (...). Consideramos os mecanismos como meios utilizados pelos imigrantes para poder sobreviver numa terra tão distante e com modos de vida tão distintos. Essa busca, que conduz o aparelho psíquico a tentar reencontrar o mesmo objeto, que causara satisfações e realizações – enfim, a reestruturação da identidade perdida.

Estabelecemos uma relação entre esses conceitos e a questão do espaço e tempo psíquico para compreender de que forma os mecanismos de defesa atuaram na estrutura consciente e inconsciente do indivíduo na construção do seu espaço familiar e na nova terra. Compreendemos como os processos adaptativos influenciaram o tempo percebido subjetivamente pelos imigrantes. (...).

Toda mudança ou crise pode implicar na sua perda momentânea do tempo. A perda acompanha uma sensação de vazio, um sentimento de eternidade – o tempo não passa. A elaboração da passagem do tempo e a construção de seu espaço familiar são a base do funcionamento psicológico (p. 29 e 30).

Esta descrição vai ao encontro do que falamos anteriormente sobre a regressão psíquica de Carignato (2002), da volta à pátria idealizada. Quando se enfrenta o novo, teme-se a possibilidade de contaminação e substituição de afetos, então idealiza-se o espaço perdido, mantendo-o inerte para garantir a “sua vida, (...) garantir que a separação não iria ocasionar a morte do objeto afetivo, pois guarda-se no inconsciente o desejo de tê-lo”. (Hashimoto, 1995, p.31).

Tais ideais narcísicos, e outras formas de adaptação, decorrentes das constantes emigrações, podem ser verificadas no Psicodiagnóstico de Rorschach.

A ambigüidade do estímulo das pranchas reflete a condição de incompletude e indefinição do ser humano. É pela ambigüidade que a resposta não pode ser dada diretamente, mas através de metáforas. O conflito e a procura de soluções são inerentes à estrutura psíquica do ser humano. O Rorschach pode revelar o conflito inconsciente, desde que a situação se lhe apresente como plena de possibilidades e expectativas. Dada

a complexidade da situação, pode-se dizer que o material obtido pelo Rorschach tem diferentes matizes e vem de diferentes camadas da personalidade (Silva, 1987).

Respostas Forma (F)

Uma das questões que determinam as respostas dadas ao Rorschach é a Forma (F). Sua precisão ou falta determinam o nível de organização psíquica do indivíduo. Perceber a forma tem função adaptativa ao mundo complexo humano e à natureza, indicando uma orientação realista na adaptação a este mundo variado do homem. Revela a qualidade do funcionamento intelectual, atenção, concentração, controle e disciplina conscientes. Implica em aguda consciência da situação do indivíduo no mundo (Silva, 1987).

Silva (1987) nos diz sobre a resposta de forma:

que esta expressa a realidade, tal qual se apresenta para o sujeito. Reflete sua trama existencial, permeada que está pela realidade psíquica. (...) As respostas de forma significam o quanto do mundo interno o sujeito conseguiu transformar em realidade intersubjetiva, passível de ser comunicada e compreendida pela cultura. (As imagens que associa contêm sua história e o que captou da cultura e, por isso, são impregnadas de valor). Revela a complexidade da estrutura psíquica do sujeito (p.25).

Um bom número de respostas de forma boa requer que o sujeito seja capaz de um julgamento crítico, desimpedido de fatores emocionais, como conflitos e necessidades, mas não implica em neutralidade. A ansiedade, medo, depressão, concorrem no sentido de “afrouxar” o julgamento.

Shafer e Bahia (sd, em Silva, 1987) falam da forma como um dos indicadores de êxito ou fracasso defensivo. A necessidade de estruturar formas a partir de manchas não estruturadas causa angústia (temor à perda da forma). A angústia é um sinal para que o ego se mantenha organizado, gerando uma resposta de forma boa (ego bem defendido), ou respostas de forma inadequada (predomínio da angústia desorganizando o ego).

Respostas Movimento Humano (H) e Movimento Animal (A)

Além da resposta de forma, para a situação do Dekassegui, é importante verificarmos indicadores das respostas de Movimento (K, kan, kob, kp). Quanto ao movimento humano (K), pode-se dizer que este pressupõe a identificação, ou a busca da identificação. Está relacionado com as capacidades de empatia e interesse social. Seus conteúdos dão possibilidade de apreciar as motivações inconscientes e sua intensidade, permitindo que as motivações sejam canalizadas em expressão parcial, suficientemente aceita pelo ego, suas potencialidades aplicadas.

Já as respostas de movimento animal (kan) têm um significado de menor integração e adaptação à realidade e menos capacidade de realização. Tais respostas caracterizam uma redução ou não evolução das capacidades de realização do indivíduo. Não implica em empatia.

Para Klopfer (em Silva, 1987) o movimento animal significa consciência de impulso para gratificação imediata. Está relacionado com integração emocional, com tolerância à pressão e é um indicador de força do ego, suas potencialidades disponíveis (kan+). Sua presença indica conforto em relação aos impulsos e a possibilidade de expressão simbólica, ou seja, relativo adiamento da ação. Já sua ausência ou excesso

revela baixa tolerância à frustração, infantilidade e tendência em procurar mecanismos de redução de tensão.

Por ser uma resposta mais fácil, pela grande variedade de formas disponíveis na natureza, também sua relação positiva com as respostas populares, o animal é o conteúdo mais freqüente no Rorschach. Porém, para Rorschach (em Silva, 1987), sua alta porcentagem pode ser indicadora de estereotipia e falta de imaginação. É índice de depressão, angústia e produtividade intelectual inibida, pobreza de interesses, apatia. Quando se encontra abaixo de um mínimo necessário, o sujeito mostra sua falta de inserção no mundo circundante, implicando em uma recusa da rotina cotidiana (kan-).

O movimento do animal significa a presença de vivências que foram reprimidas. Os processos que levam à percepção do movimento animal, ou seja, repressão, dissociação e deslocamento das fantasias perigosas do nível humano para o animal, são, segundo Vera Campo (citada em Silva, 1987), típicos da fobia. Revelam uma “fluidez interior”, capacidade de deslocar e projetar fantasias, é expressão de certa flexibilidade defensiva da estrutura do ego. Podem representar uma atitude de alerta frente a estímulos que, na pessoa atemorizada e fugidia, tem a finalidade de evitar a angústia.

Respostas Objeto (Obj) e Movimento inanimado (kob)

Frente ao Rorschach, existe a possibilidade do sujeito dar respostas de objeto (Obj). Estas se referem às preocupações imediatas do sujeito. Se freqüentes, indicam falta de concentração, de interesse produtivo, intelectual. As resposta de natureza (Nat) revelam as atitudes do sujeito em relação a certas forças dele mesmo. Estas respostas podem ser acompanhadas de um movimento inanimado ou movimento de objeto (kob) e refletem sentimento de desamparo e de falta de controle voluntário no lidar com pulsões

poderosas. São respostas evasivas intelectualmente, que revelam tendência a evitar a competição e a crítica intelectual.

A interpretação de Klopfer (em Silva, 1987) é de que o movimento inanimado é um reflexo da consciência de forças, fora do controle do sujeito, que ameaçam a organização de sua personalidade, o sistema de valores e sua auto-imagem. Significam tensão e conflito, por necessidade de reprimir impulsos.

Em relação à associação do movimento inanimado com outros determinantes, como cor cromática (C), acromática (C') e sombreado (E), Vera Campo (sd, em Silva, 1987) afirma que o que mais cria angústia, conflito e tensão são os afetos, impulsos e fantasias, expressos no movimento inanimado com a cor. Silva (1987) explica que, *“no predomínio de forças centrífugas, tais afetos e impulsos se vinculam às fantasias, dissociadas ou não, de liberação, expansão e onipotência, de arremesso destrutivo contra os impedimentos internos, de origem superegóica, como contra os impedimentos impostos pelo externo, a cultura etc”* (p. 49). Situações vividas com angústia e culpa, também podem mostrar a sensação da falta de objetos introjetados e a formulação de soluções fantásticas e autodestrutivas.

A presença do movimento inanimado denota a insuficiência dos mecanismos defensivos existentes. O aspecto mais positivo poderia ser de prenúncio de uma reestruturação psíquica na direção do amadurecimento.

Resposta Cor (C)

Outro determinante das respostas ao Rorschach é a cor (C). Autores como Rorschach, Klopfer, Piotrowski e outros se referem à ligação da cor com a afetividade. A percepção da cor não é devida a vontade ou esforço, a cor é um estímulo que invade o

psiquismo. A cor “afeta” o indivíduo onde se vê sua ligação ao aspecto afetivo (afeto vem do latim *affiare* que significa fazer algo a uma pessoa, algo que a afeta) (Silva, 1987).

O indivíduo, ao ser afetado pela cor, é excitado, mobilizado. Característica da afetividade é sempre uma excitação em relação a um objeto, a um estímulo.

A presença de cores fortes (como o vermelho), sua ligação com o aparecimento de movimentos pulsionais, podem mobilizar defesas particulares ao narcisismo no esforço ininterrupto para manter um estado de êxtase que evita toda e qualquer intromissão da pulsão e de seu objeto (Chabert, 1993).

Quando ocorrem comentários valorativos nas pranchas coloridas, denota-se que o sujeito sofreu um impacto e leva mais tempo para se organizar. É considerado choque ao vermelho, ou à cor, as alterações na produção, prolongamento do tempo de latência, rotações, piora na qualidade formal, estupor, redução ao aumento da produtividade. Os choques evidenciam a perturbação, a invasão de estímulos no ego. Mostram dificuldades de se adaptar a mudanças ambientais sentidas como perigosas, devido à fragilidade do ego em absorvê-las (quando ocorre nas pranchas II e III reflete medo das emoções mais passionais, nas pranchas VIII, IX e X, o conflito situa-se na dificuldade de integrar a intensidade das emoções nas situações gerais da vida) (Silva, 1987).

As cores pastéis causam aparição de reações que demonstram, entre outras, a qualidade das relações estabelecidas com o meio e com os objetos externos (Chabert, 1993).

O significado frente à resposta de cor vai depender de sua qualidade. Variando de respostas Forma-Cor, mostrando uma boa adaptação à realidade integrada à afetividade. Capacidade de contato, empatia, vontade de adaptação, que permitem a abordagem afetiva do outro (Silva, 1987).

Se for resposta de Cor-Forma, remetem à imaturidade nas relações afetivas, fruto do egocentrismo; à facilidade de somatizar distúrbios psíquicos, encontrando um objeto para depositar o afeto dissociado; e à tendência a irritabilidade, impaciência ou impulsividade (Silva, 1987). Dentre outras características que remetem a superficialidade, renúncia do ego em seu contato com a realidade, não adaptação.

Em referência às respostas de Cor acromática (C'), estas são relacionadas com sensibilidade depressiva, bem ou mal controlada. Para Piotrowski (em Silva, 1987), as respostas à cor acromática significam tendência à atuação em situações de ansiedade. Já para Oberholzek (em Silva, 1987), como sinal de indolência, indiferença e apatia.

A resposta no branco pode estar associada com euforia, uso de tóxicos ou por indivíduos com emoções dolorosas e experiências de perda ou abandono (Silva, 1987).

A predominância do negro-cinza-branco induz os limites numa imprecisão evanescente ou diluente. Essas respostas podem determinar a emergência de sensações e/ou fantasias de relação com a morte (terceiro eixo do narcisismo) (Chabert, 1993).

Chabert (1993) fala das cores do luto como o negro ou branco. Citando Green (em Chabert, 1993, p. 86) explica o “*negro como na depressão grave, branco como nos estados de vazio aos quais atualmente se dá uma justa atenção*”. O negro da depressão é um produto conseqüente da angústia branca (vazio, buracos psíquicos), que traduz a perda sofrida no nível do narcisismo.

A angústia da perda do objeto pode ser vista nas respostas de esfumaçado com caráter disfórico (Clob) também. As pranchas do Rorschach podem ser vistas como similares a uma situação traumática, tanto pela falta das formas (pistas culturais), como pela proposta de respostas que não sejam arbitrárias, mas que façam parte do acervo cultural do grupo humano e que devem ter um molde culturalmente determinado. Diante delas, o sinal de angústia é desencadeado pelo ego, para evitar o aparecimento da

angústia traumática, na qual o ego se torna indefeso. A perda do objeto que propicia tais estados afetivos tem a marca de uma ferida narcísica. Com o advento da repressão que é desencadeada pela angústia, há a possibilidade do deslocamento do objeto que permite, em nível imaginário, a satisfação narcísica (Silva, 1987).

No Rorschach, a resposta do sujeito à angústia da perda da forma pode ser pela recuperação da forma, fruto da repressão. Ou seja, as respostas de forma pura e populares, significam a emergência na recuperação dos padrões culturais, na adaptação e na eliminação dos sinais da angústia (Silva, 1987).

Chabert (1993) percebe que a contenção dos movimentos agressivos e o evitamento de sua expressão no seio das representações de relações constituem um aspecto importante da defesa narcísica traduzido pela qualidade específica das respostas de forma pura.

Já a atenção dada às sombras, texturas, nuances (E) é característico nos indivíduos que suportam o sofrimento, ou que não sabem evitar, pela repressão, a angústia da perda e da ferida narcísica correspondente, assim como o perigo da despersonalização (Silva, 1987).

Quando a forma sobrepõe a textura, predomina a repressão, eliminando o perigo de despersonalização, e tornando inconsciente o reconhecimento da perda e da ferida narcísica. O sujeito mostra necessidade de ser amado, aceito, de receber afeto (aqui é caracterizado pela passividade, diferente da cor que dirige o afeto ao outro). O indivíduo torna-se adaptável, flexível ao desejo dos outros, sacrificando seus pontos de vista, para não perder a estima do outro, é complacente (Adrados, em Silva, 1987). Aprimora o ato no contato e empatia, sua forma de conhecer o outro é tornar-se igual, identificar-se, conquistar o amor do outro sendo semelhante ao que o outro deseja que ele seja (Silva, 1987).

O mecanismo narcísico

Vale a pena lembrar o papel do narcisismo. Como dito anteriormente, o narcisismo assegura a coerência do aparelho psíquico, favorecendo um reagrupamento das forças pulsionais, um movimento centrípeto que evita o espalhamento talvez despedaçante dos investimentos. “(...) a atividade mental é narcísica na medida em que sua função consiste em manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a coloração positiva da representação de si” (Stolorow, 1975, em Chabert, 1993).

Tanto para a realidade dos Dekasseguis, como na história da Psicologia e Psicanálise, se reconhece a importância do narcisismo. O investimento narcísico garante a identidade da pessoa ao afirmar as barreiras entre dentro e fora, ao assegurar a defesa das fronteiras do Eu, o que evita a confusão com o outro. Chabert (1993) ainda acrescenta os vários paradoxos do narcisismo,

na sede de gratificações narcísicas fornecidas pelo outro e no desejo concomitante e arrebatado de negar todo laço de dependência e de atribuir um desprezo excessivo ao objeto.

Paradoxo na idealização que se esforça para manter uma imagem de si perfeitamente satisfatória ao passo que ela se funda sobre a convicção inconsciente, constantemente combatida, de uma falta fundamental na representação que o sujeito tem de si mesmo.

Paradoxo enfim nas produções narcísicas que podem demonstrar qualidades de elaboração muito excepcionais e de alto nível, mas que se alimentam nas fontes dos registros mais arcaicos do funcionamento mental (p. 69).

Muitos autores indicam a possibilidade de reconhecer a angústia frente ao narcisismo nas respostas reflexo (Silva, 1987). As pranchas bilaterais (II, III, VII, VIII, IX) determinam a evocação de representações de relações, cuja dimensão especular assinala desde o início as fontes narcísicas.

Já as pranchas compactas (I, IV, V, VI) para serem reconhecidas como referências a um todo unido e coerente requerem um sentimento de identidade estável (Chabert, 1993).

Traubenberg e colegas (sd, em Chabert, 1993) utilizam o Rorschach em termos de representação de si. A representação de si se elabora ao mesmo tempo em que se estabelecem e se desenvolvem as relações de objeto. Toda referência ao narcisismo implica por si mesma a referência objetal.

A busca de uma identidade estável, cuja permanência se mantenha apesar das variações das demarcações espaço-temporais, permanece sendo o objetivo maior do centramento narcísico de cada um. Quando ela se inscreve em um funcionamento psíquico suficientemente harmonioso, a representação de si se define em um sistema de relações objetais cuja economia é gerida por um equilíbrio efetivo entre investimentos narcísicos e investimentos objetais. A continuidade do sentimento de existir é tributária do estabelecimento de um Eu suficientemente diferenciado para assegurar sua permanência em um ambiente do qual ele claramente se distingue. As defesas narcísicas permitem uma realização positiva, visto que elas asseguram a garantia das fronteiras entre o sujeito e o objeto, já que elas centralizam as experiências e o vivido sobre o "Eu" de um indivíduo que se afirma assim como ser separado do outro (Chabert, 1993).

O recolhimento do investimento libidinal do objeto em benefício do Eu do sujeito tem como corolário a idealização (Chabert, 1993) ou ideologização que pode ser entendida como o "*processo psíquico pelo qual as qualidades e o valor do objeto são*

levados à perfeição. A identificação com o objeto idealizado contribui para a formação e para o enriquecimento das chamadas instâncias ideais da pessoa” (J. Laplanche, J. B. Pontalis, em Hashimoto, 1995, p. 38).

Chabert (1993) fala que os protocolos de pacientes que apresentam uma patologia narcísica mostram um

extremo apelo a qualificativos que vêm embelezar ou desvalorizar os perceptos, como se as imagens não pudessem remeter as existentes em si e devessem, para serem verdadeiras, ser conotadas, qualificadas por um julgamento (o olhar do outro) positivo ou negativo. Assim o sujeito narcísico e seus objetos existem apenas através do olhar – espelho que reflete suas características idealizadas ou excessivamente denegridas (p. 78).

No Psicodiagnóstico Rorschach, as respostas de movimento humano narcísicas (que serão descritas posteriormente) trazem a marca do disfarce, do factício ou da função que abriga o Self do sujeito. Positivas ou negativas, estas imagens remetem à aparência que parece muito mais investida do que o experimentado. Assim, verifica-se uma forte tendência à desvitalização como parte integrante dos processos de idealização (Chabert, 1993).

A desvitalização das representações humanas, nestes protocolos narcísicos, corresponde à luta do sujeito para negar a fonte interna da pulsão. As respostas “estátuas” podem estar relacionadas a uma representação simbólica da onipotência, ou é projetada sobre uma força exterior, como é o caso das “marionetes”. A representação de si das personalidades narcísicas mostram a indiferença e a frieza da estátua, e por outro lado, representa uma figuração ideal, admirável por sua beleza, fascinante pela morte que habita a pedra/mármore ou a ausência de calor e de vida das marionetes, com sua

dependência ilimitada com relação aos movimentos externos que os dirigem (Chabert, 1993).

O protocolo narcísico

Acabamos de falar sobre como se verifica a questão da representação de si no narcisismo. Passaremos agora a verificar como se dão as representações das relações no protocolo narcísico.

Geralmente, as relações podem ser verificadas no Rorschach nas respostas de dualidade humana em movimento interativo de “construção ou desconstrução/destruição” (como ensina Rodolfo Petrelli em suas aulas sobre o Rorschach, usando teorias de Rollo May sobre o simbólico – construção e o diabólico – desconstrução/destruição para atribuir a qualidade da relação da dualidade humana). Porém, o desdobramento do narcisismo no Rorschach vai se traduzir por meio de relações especulares expressas de forma direta ou indireta (Chabert, 1993).

Sob forma direta, tais relações especulares aparecem nas representações de relação em espelho. As cinestésias afirmam o caráter idêntico (não semelhante) das representações do humano onde um é o duplo do outro, dando ênfase no olhar, no reflexo. Verifica-se uma conotação fria, ambiente inseguro, sem calor, sem vida.

Sob forma indireta, as representações humanas são dadas em duas (dualidade assim como explicamos anteriormente), porém os verbos interativos ausentam-se, a percepção é compreendida como um todo, englobados em uma função única que os reúne, negando todo conflito entre eles.

Sejam diretas ou indiretas, as imagens especulares tem o mesmo objetivo de reunir em um aquilo que poderia ser dois, separado. Uma conduta adaptativa de afirmação de

uma identidade que engloba os dois protagonistas, evitando o confronto com a diferença e com o conflito pulsional (Chabert, 1993).

Outras características, nos protocolos dos sujeitos narcísicos, podem ser observadas na aparição concomitante e sem ligações de produções com valores opostos ou contraditórios.

No que se refere aos modos de apreensão, Sugarman & Grala (1980, em Chabert, 1993, p. 83) observam uma maioria de respostas globais não articuladas, vagas, mostrando dificuldade de integração e de síntese destes sujeitos.

Já a propósito dos determinantes, as cores reativam afetos contrastantes, oposição de sentimentos muito positivos ou muito negativos. Cinestésias remetendo a representações hipervalorizadas ou hiperdesvalorizadas, ou extremamente ativos ou exclusivamente passivos, sem posição intermediária, sem qualquer associação das duas tendências (Chabert, 1993).

Quanto às temáticas, Grala (1980, em Chabert, 1993, p. 83) observa três características: a existência de percepções muito positivas (exageradamente boas) ou muito negativas (exageradamente maléficas); a superposição no mesmo engrama de imagens hiperpositivas ou hipernegativas; a fragmentação dos perceptos vistos globalmente e que são percebidos com conotações contraditórias.

As defesas narcísicas oferecem à vida pulsional um continente possível, graças ao esforço da neutralização e idealização, porém a ambivalência denuncia sua fragilidade. (Chabert, 1993).

As condutas narcísicas podem constituir um patamar de ajuste, sendo transitória, ou podem concorrer para uma inibição global quanto aos movimentos pulsionais. No entanto, indo além destes dois quadros, as manifestações do narcisismo no Rorschach, suas traduções, reflexos, permitem apreender, em nuances, modalidades complexas de

funcionamento psíquico, principalmente no esclarecimento de certos impasses conflituais. O investimento narcísico (excessivo, falho ou suficiente) constitui um fundamento primordial da psique. Espera-se encontrar seus traços, marcas ou obstáculos em toda organização mental, patológica ou não (Chabert, 1993). É o que esperamos encontrar, portanto, nas manifestações dos Dekasseguis frente às angústias de perda, quando estão enfrentando situações de adaptação ou readaptação, ou melhor, às constantes situações de novas adaptações. Afinal, como disse Heráclito de Êfeso: *“Um homem não entra duas vezes no mesmo rio. Da segunda vez não é o mesmo homem, nem o rio é o mesmo”*.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Buscando compreender a caracterização psicológica dos Dekasseguis, as questões que os levam à adaptação - principalmente no que concerne o investimento narcísico -, à vida no Japão e a possível readaptação no Brasil, ou mesmo como se apresenta, se houver, a Síndrome do Regresso, proposto por Nakagawa (2002), foi utilizado o Psicodiagnóstico de Rorschach de enfoque psicanalítico.

Os dados foram coletados por meio de uma entrevista e aplicação do método privilegiado, o Rorschach, junto a um grupo de 8 brasileiros, viventes na condição de Dekasseguis no Japão, há pelo menos 3 anos de permanência. Trata-se de uma primeira etapa de um trabalho mais amplo sobre o assunto, no qual seria necessário uma comparação com a caracterização psicológica dos Dekasseguis que voltaram ao Brasil, uma vez que todos os sujeitos pretendem retornar ao Brasil, como estabelecido nos critérios do universo da pesquisa.

Verificou-se que o motivo de todos os sujeitos ao viajarem para o Japão, foi financeiro. Em busca de estabilidade financeira, busca de melhor qualidade de vida sócio-econômica.

Apresentaremos agora a história de vida de cada um deles, de forma sucinta, seguido da análise do psicograma de seu protocolo Rorschach e a discussão dos eixos temáticos.

4.1. Participante 1

4.1.1. Síntese da história de vida

Simone, 45 anos, é a última de uma prole de seis irmãos e *sansei*, ou seja, 3ª. geração de descendência, neta de japoneses. Ela diz que na sua infância foi superprotegida pelos pais, passando esta época em casa, visto que seus irmãos eram mais velhos e não queriam levá-la para sair juntos (diferença de 20 anos para o mais velho e de 3 anos para o mais novo). Vem de um lar de posição sócio-econômica baixa e conta que sua mãe “deixava de comer para dar a ela o que comer. Muitas vezes só tinha arroz e feijão ou pão”. Quando tinha 5 anos de idade a família mudou do Paraná para São Paulo, cidade na qual os seus irmãos mais velhos já estavam morando, o que levou a uma melhoria da situação financeira pelo fato de passarem a morar com os irmãos que ainda não haviam se casado. No entanto, dividiam um espaço com 3 cômodos, sendo uma cozinha, um banheiro e uma sala grande, dormindo todos juntos nesta última. Relata que viveram assim durante alguns meses até conseguirem alugar um apartamento com quartos.

Alcançando a idade escolar, enfrentaram a dificuldade de encontrar escola com vagas para sua série escolar na proximidade onde residiam com os pais. Portanto, ela e um irmão moraram com uma tia em uma cidade vizinha, Mogi Mirim, durante um ano, onde haviam vagas na escola desta região. Durante esse ano, relata que na casa de sua tia tinham que se virar para comer, acabavam comendo arroz e ovo todos os dias, já que a tia “não cuidava dos próprios filhos. muito menos dos sobrinhos”.

Após este período de um ano, retornaram à casa dos pais em São Paulo, onde já encontraram vagas na escola da proximidade de onde residiam.

Durante a adolescência, conta que também “acabou ficando em casa”. Não teve a época de sair com amigos “a bailinhos, porque toda vez me podavam por causa das minhas irmãs”, relatando que não aproveitou e viveu tudo que outros adolescentes viviam. Crê que esta sua “adolescência perdida” a levou a sair de casa em busca de “liberdade”. Começou a namorar com 17 anos e aos 21 anos de idade casou-se com este primeiro namorado.

Diz que se adaptou ao casamento, vieram os filhos e “se adaptou direitinho”. Conta que o casamento começou a “balançar” quando a situação financeira “ficou ruim”. Tentou trabalhar, mas isto não foi possível devido a ter 4 filhos para cuidar. O marido não trabalhava e em relação ao mesmo relata ter havido muitas brigas nas quais apanhava do marido.

Descobriu traições do marido, o qual possui uma filha fora do casamento que tem a mesma idade de sua filha mais nova. Assim, há três anos divorciou-se depois de vinte anos de casados. Tem dois filhos: um de 23 anos e outro de 21, e duas filhas, uma com 19 e outra com 17 anos.

Simone, está no Japão há 3 anos, onde mora sozinha atualmente. Conta que já morou com sua filha de 19 anos que a acompanhou ao Japão, mas que devido a conflitos não moram mais juntas. No Japão, trabalha como operária em fábrica de peças para carros e faz uma jornada de trabalho de oito (chamam de *teiji* – jornada comum a todos) a doze horas (quando tem *zangyo* – hora extra) executando, em pé, trabalho repetitivo em linha de montagem de lanterna e outras peças de carro. A linha toda deve alcançar uma cota ao final do dia. Os intervalos (chamados de *kyukei* - pausa) dentre essa jornada ocorrem da seguinte forma: intervalo de uma hora para o almoço; e uma ou duas pausas de dez minutos para lanche.

4.1.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach da Participante 1 tem sua cotação apresentada no Quadro 1 a seguir:

Quadro 1: Resultado da cotação do protocolo da Participante 1

Localização	Determinante	Conteúdo
G=16 / + 2 adicionais	F%=70%	A=9 / + 1 adicional
G%=94%	F+%=55% / + 2 adicionais	(A)=2
G/=1	F+-%=33%	H=3 / + 1 adicional
D%=6%	F-%=7%	Anat=1
GDbI=1	K=1 / + 1 adicional	Obj=1
	kan=2	Mancha=3
	K+=1	
	CF=2	

NR=17

TT=490s

Tp= 3 respostas populares / + 1 adicional

Tv= 1:2= Extratensivo

O exame sugere que Simone demonstra controle demasiado da personalidade, repressão dos afetos e emoções, com prejuízo na espontaneidade (F%=70%, acima da média). Seu pensamento lógico e percepção objetiva da realidade são prejudicados por perturbação afetiva e emocional (Diminuição de F+% com correspondente aumento de F+-%; D%=6% abaixo do esperado; CF>FC). É esperado um mínimo de percepção de

detalhes incomuns. A ausência de detalhes incomuns (Dd) neste protocolo mostra que falta de capacidade de análise e de senso de observação. Seu tipo de percepção é predominantemente global e abstrativo ($G\%=94\%$) sugerindo fuga, fantasia e visão infantil da realidade. Conseqüentemente, pouco senso de realidade objetiva, inadaptação à realidade, dificuldade de estabelecer diferenciação sobre o óbvio ($D\%=6\%$).

Seu tipo de vivência, extratensivo, confirma tal facilidade de perder o controle emocional frente uma tensão externa. Sua testagem mostra dificuldade de adaptação, de busca de identificação e empatia ($K=1$, movimento humano e respostas populares abaixo do esperado). Tenta equilibrar as pulsões instintivas e controlar ansiedade, possibilitando tolerância à frustração, à pressão e adiamento da ação ($kan=2$, movimento animal dentro do esperado sendo maior que o movimento humano). As reações afetivas são abundantes, porém as relações com os outros, superficiais ($CF=2$, $CF>FC$). Sua rigidez ($F\%=70\%$) combinada com sua falta de controle emocional ($CF>FC$) prejudicam a capacidade de adaptação e de relacionamento humano.

4.1.3. Organização do Ego

Como dito anteriormente por Silva (1987), estruturar formas a partir de manchas não estruturadas causa angústia. Quando não utilizado um mecanismo de defesa adequado, ocorre uma desorganização egóica.

No protocolo de Simone, houveram cinco choques (tempo de reação muito rápido, excessivo ou queda na qualidade formal da resposta) em diferentes pranchas (IV, VI, VIII, IX e X), nas quais houve um fracasso defensivo, melhor dizendo, não foi utilizado qualquer mecanismo defensivo, predominando a angústia, que lhe afrouxou o julgamento e

desorganizou o ego, a testagem sugere tal dificuldade quando a perturbação é de ordem afetiva e emocional. No caso das pranchas escuras e compactas (IV e VI) frente aos indicativos de choque verifica-se o predomínio da angústia ou da depressão e, nas pranchas coloridas (VIII, IX e X), a forma inadequada de lidar com a afetividade, tudo isso ocasionou uma desorganização psíquica, ao se verificar a queda na qualidade formal de suas respostas.

A resposta à quarta prancha sugere o predomínio do medo ao mencionar conteúdo de terror, juntamente com o alargamento do tempo de duração em comparação às outras pranchas, o que remete à depressão.

O fracasso formal da prancha VI: “Parece uma mancha mesmo” remete ao fracasso defensivo para o manter o controle psíquico.

Ao mostrar como lida com as pranchas coloridas, a participante mostra como lida com a afetividade. Na VIII verifica-se a queda na qualidade formal ao longo de suas percepções, a dificuldade de estabelecer os limites do dentro e fora e, também, a diferenciação do real e do imaginário: “Duas hienas, sabe? Quando tão subindo o morro? Só isso. Agora assim, virando, parece uma caveira de humano... não é não... Caveira de monstrinho”. Percebe-se o decréscimo na qualidade, o degrado que vai surgindo e se estendendo às próximas pranchas coloridas.

Encarar o que a “afeta” mostra sua fragilidade estrutural, na prancha IX: “Isso aqui não tem forma pra mim não. Só manchas de cores. Sabe quando você vai jogando no papel”, perseverando até a última prancha: “Parece que alguém jogou tinta. Não tem forma pra mim não”. Além das críticas a si mesma revelando impulsividade e depressão: “ou to muito cega ou não to vendo nada não, só mancha de tinta”.

Porém, quando utilizado de forma adequada, o mecanismo de defesa pode ser eficiente para manter a estrutura do ego, como é o caso do mecanismo narcísico.

4.1.3.1. Incidência do Narcisismo

O narcisismo pode ser visto diretamente nas respostas de relação em espelho, ou indiretamente nas representações de dualidade sem interação (Chabert, 1993).

Foram dadas quatro respostas especulares indiretas (II, III, VII e VIII) por Simone, ou seja, respostas de dualidades sem interação, contudo, configurando uma boa visão de conjunto, bem elaboradas com respostas populares. Mostrando assim que ao fazer o uso adequado, o investimento narcísico lhe garante bom julgamento crítico da realidade inserida. É um êxito defensivo mantendo o ego organizado.

A perda da forma é a perda do objeto, marca da ferida narcísica. A resposta do sujeito à angústia da perda da forma pode ser pela recuperação da forma, dando resposta de forma pura, sendo isso fruto da repressão (Chabert, 1993. Silva, 1987). Exatamente o que verificamos no protocolo Rorschach da participante 1 ($F\%=70\%$, acima da média), um predomínio da forma pura, reprimindo os afetos e impulsos e, assim, eliminando os sinais de angústia que lhe desorganizaria o ego, como vimos acima.

4.1.4. Capacidade de identificação e vinculação

A proporção entre K e kan é de 1 para 2, respectivamente ($K:kan + kob + kp = 1:2$). Ou seja, além de demonstrar baixa identificação com o outro, empatia, também revela baixo controle interno, o impulso não está subordinado ao sistema de valores do indivíduo e a energia canalizada não domina a impulsividade e instabilidade.

No entanto a porcentagem de conteúdo humano (23%) alcança o esperado, refletindo interesse em si mesmo e nos outros.

4.1.5. Adaptação

O fato do número de respostas estar dentro do esperado significa que Simone teve condições de adaptação ao teste, não se sentindo inibida ao ponto de prejudicar seu rendimento.

Espera-se que (A+H) predominem sobre (Ad+Hd), o que é visto nesta testagem, revelando a espontaneidade do sujeito ao ser capaz de ver as coisas inteiras.

Contudo, no protocolo de Simone, as respostas de conteúdo animal encontram-se acima da média (65%), indicando pobreza das associações pessoais e o recurso ao coletivo, ao conformismo, na ausência de imaginação criadora. Ou mesmo, pode corresponder a uma atitude defensiva de um indivíduo que procura disfarçar seus interesses profundos ou opor-se ao teste que ele sente como uma intrusão (Traubenberg, 1970).

Quanto ao nível de aspiração, de ambição por crescer e progredir na vida, o que se verifica é que a aspiração vai muito além da energia que permite sua realização (proporção de G:K=16:1, sendo o esperado 2:1).

4.1.6. Considerações sobre a Participante 1

A análise dos eixos que compõem a organização do ego e a incidência do narcisismo demonstra uma fragilidade no ego quando ligado ao aspecto afetivo e emocional, como quando responde às duas últimas pranchas, multicoloridas, como “mancha de cores” e “mancha de tinta”. Contudo ao utilizar-se da rigidez, do investimento narcísico, neutraliza o possível conflito relacional (relação em espelho, abaixo da média) e a repressão, conseguindo manter o ego estruturado, dando boas respostas formais, como na prancha

VIII multicolorida, nega as cores reprimindo a afetividade e dando resposta de dualidade em ação sem interação entre si, “duas hienas... subindo o morro”.

A capacidade de identificação e vinculação com o outro é baixa, mesmo havendo um interesse em si e no outro. Suas aspirações inatingíveis, somando à fuga da realidade, à superficialidade no contato com o outro e o conformismo, contribuem para o fracasso na identificação, vinculação e adaptação a uma nova realidade.

Ela sobrevive com sua forma rígida e distante de lidar com o outro, mas não cria os laços sociais necessários para uma adaptação. Carignato (2004) nos fala também da dificuldade do dekasegui em refletir a respeito das condições de permanência (seja no Japão ou no retorno ao Brasil), o que pode ser verificado na ausência de respostas de sombreado ou perspectiva, ou seja ausência de reflexão para elaboração da tensão e sofrimento (Vaz, 1997).

4.2. Participante 2

4.2.1. Síntese da história de vida

Adriana, 19 anos, é a terceira de uma prole de quatro irmãos, *sansei*, 3ª. geração de descendência japonesa, sendo seus pais filhos de japoneses e solteira. Nasceu e foi criada na cidade de São Paulo e disse não haver muito que relatar de sua infância. Conta que sua relação com pais e irmãos é boa. Considera-se a filha que melhor se relaciona com o pai, após a separação dos pais. Pertencente a uma família de posição sócio-econômica média. Estudou até o Segundo Ano do Ensino Médio. Trabalhou desde os 15 anos de idade. Conta que o mais importante de sua história de vida foi quando decidiu ir ao Japão com sua mãe. Período em que abandonou o trabalho e os estudos.

Retornou ao Brasil duas vezes nos três anos de permanência no Japão. A primeira vez permaneceu cinco semanas, devido a problemas familiares, relação conflituosa entre pai e irmãos. Na segunda, permaneceu durante oito meses, devido a problemas de saúde e aproveitou a viagem para terminar o Ensino Médio.

No Japão, mora sozinha, mas sempre que pode visita sua mãe que reside em uma cidade próxima.

Em relação ao trabalho executado no Japão, *Adriana* faz vistoria (*kensa*) em peças de carros, selecionando peças em perfeito estado e retirando peças com defeito. Relata que não é trabalho em linha de montagem e não trabalha por cotas. A jornada varia de 8 a 11 horas de serviço. Tem intervalo de 10 minutos a cada duas horas de trabalho, e um intervalo de uma hora para almoço ou janta. Durante duas semanas, o trabalho acontece durante o período diurno (*hirukin*) e durante duas semanas no período noturno (*yakin*).

4.2.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach da Participante 2 tem sua cotação apresentada no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Resultado da cotação do protocolo da Participante 2

Localização	Determinante	Conteúdo
G%=82%	F%=63%	A=4
G/=2	F+%=43%	H=4
D%=18%	F+-%=57%	(H)=2
	K=2	Obj=1
	K+-=50%	Nat=1

	K -=50%	Sex=1
	kan=1	
	kob=9%	
	F-C=1 (cor forçada)	
	FC*=1=9%	

NR=11

TT=292s

Tp= 4 respostas populares

Tv= 2:0= Introversivo

Adriana deu 11 respostas, um número considerado abaixo da média, o que pode ser visto como pobreza intelectual, resistência à técnica proposta ou cansaço. O tempo de reação foi dentro da média (12 segundos), bem como o tempo de duração alcançando cerca de 27 segundos por resposta, demonstrando que nenhum estado afetivo interferiu no seu ajustamento à testagem.

Seu tipo de percepção é global (G%=82%, acima da média) indicando fuga, visão infantil da realidade e fantasia. As resposta D (D%=18%) encontra-se abaixo da média, revelando pouco senso de realidade objetiva, inadaptação à realidade, dificuldade de estabelecer diferenciação sobre o óbvio por perturbação de ordem emocional ou mental.

Há indício de controle demasiado, repressão dos afetos e emoções, rigidez com prejuízo na espontaneidade por apresentar F% acima da média (63%). No entanto, a qualidade formal de suas respostas é rebaixada, podendo ser por perturbação mental ou afetiva e emocional (F+baixo=43%; F+- alto=57%).

As respostas de movimento humano mostra tratar-se de uma pessoa inteligente (K=2), no entanto sendo negativos qualitativamente indica tratar-se de pessoa inibida, ansiosa e de relacionamento interpessoal receoso e tenso.

A propósito do nível de aspiração (G: K=9:2) está sendo conduzida a nível de fantasia.

Há subordinação das reações instintivas e impulsivas ao sistema de valores adotado por Adriana (K>kan), sinal de maior maturidade do Self, do próprio eu do indivíduo.

Além de a afetividade estar concorrendo para rebaixar a qualidade formal de algumas respostas, a participante 2 demonstra anular seus sentimentos e ter dificuldade em se ligar aos outros (F-C, cor arbitrária/forçada). No entanto, demonstra ter capacidade de reparação ou traço de depressão situacional (FC'=1).

Seu tipo vivencial é introversivo, o que indica afetividade mais intensa, pessoa criativa, imaginativa, que pensa e elabora mentalmente mais do que age.

Demonstra interesse em si e nos outros (H%=54%), porém um terço destas respostas humanas é de humanos descaracterizados, o que indica relacionamento interpessoal receoso, cauteloso e controlador.

Adriana mostra ter a estereotipia necessária que permite a adaptação (A%=36%, dentro do esperado). Revela também um amplo campo de interesses (variação no conteúdo), no entanto apresenta possível preocupação sexual (conteúdo sexual e rejeita área fálica da prancha IV).

Alcança a quantidade de respostas populares esperada, a porcentagem dentro do número de respostas indica adaptação à realidade e ao pensamento grupal. O nível de adaptação está na normalidade (A e H predominam sobre Ad e Hd).

Quanto ao controle interno, a participante 2 mostra que sua impulsividade está em equilíbrio com seu sistema de valores (K>kan + kob).

4.2.3. Organização do Ego

Analisando de acordo com as teorias de Silva (1987) e Chabert (1993), pode-se observar que quando perturbada afetiva e emocionalmente sua organização do ego se abala, havendo um afrouxamento de seu julgamento da realidade (F+% baixo), principalmente nas 3 últimas pranchas, multicromáticas, nas quais há produção duvidosa (prancha VIII, “Fiquei em dúvida se era hiena ou urso...”), confabulada (prancha IX, “Um alienígena, muito esquisito, solta fumaça verde pela boca e fumaça vermelha pelo olho... estou falando besteira”), ou mesmo em relacionamento interpessoal negativo (prancha X, “Parece mais uma briga... Entre dois homens”).

Além de demonstrar-se receosa no investimento afetivo em outras pessoas e também temerosa em receber afeto, tende a não aprofundar o relacionamento amistoso (F-C, cor forçada e confabulada à prancha IX).

4.2.3.1. Incidência do Narcisismo

Como dito anteriormente, a repressão e a rigidez são reflexos do mecanismo narcísico. Frente à angústia que a afetividade lhe causa, a repressão permite que a pessoa recupere a forma, dando respostas de forma pura, conseguindo adaptar eliminando os sinais de angústia (Silva, 1987).

A incidência do narcisismo, neste protocolo, também pode ser visto na resposta à prancha II, na qual ela dá uma resposta satisfatória, popular e bem vista, mas uma elaboração global em reflexo, eis o que foi dito: “Esse tipo, parece um espelho que o cara ta encostado... tipo reflexo... Mão, perna e o homem em si. Os dois são iguais”, sendo assim uma resposta especular de forma direta.

Outras respostas especulares, porém indiretas, foram dadas à terceira prancha: “Dois garçons segurando uma mesa num salão”, dualidade em ação, porém sem interação, e à sétima prancha: “Duas meninas, duas mulheres... Primeiro por causa do vestido, essa parte e outra por causa do cabelo”, dualidade idêntica, as descrevem como se fossem uma só. O mesmo ocorre em resposta à oitava prancha: “Parece duas hienas, tentando subir em algum lugar para pegar alguma coisa”.

Tal conduta adaptativa de afirmação de uma identidade que engloba dois protagonistas, tem por objetivo evitar o confronto com a diferença e com o conflito pulsional (Chabert, 1993).

4.2.4. Capacidade de identificação e vinculação

Além desta neutralização para manter a identidade, outros dados podem ser vistos no seu teste. Adriana apresentou sua capacidade de empatia um pouco abaixo da média ($K=2$), os relacionamentos interpessoais também se mostraram receosos e cautelosos (K - na prancha X, “Parece mais uma briga entre dois homens” e algumas representações de humanos descaracterizados na prancha IV: “Pé grande” e na prancha IX: “alienígena”). Tal superficialidade das relações com o outro é confirmado na reprodução de resposta com cor forçada à prancha IX: “Um alienígena, muito esquisito, solta fumaça verde pela boca e fumaça vermelha pelo olho”. Contudo, seu tipo vivencial sendo introversivo revela ser reservada, tímida, inibida, capaz de imaginar e criar; reflete uma vida emocional interiorizada e estável; as relações com as pessoas podem ser mais profundas do que numerosas; e é bastante consciente de si mesma. Bem como demonstra interesse em si e nos outros ($H\%=54\%$).

4.2.5. Adaptação

Adriana possui capacidade de reconhecer as coisas inteiramente (A e H inteiros sobrepõem os Ad e Hd, parciais).

Apresenta a estereotipia necessária para a adaptação (A% dentro da média) e também a visão objetiva da realidade (populares dentro do esperado) que indica adaptação à realidade e ao pensamento grupal.

4.2.6. Considerações sobre a Participante 2

Verificam-se através da discussão dos eixos temáticos que Adriana tem fragilidade quando é abalada emocionalmente (respostas formais de qualidade diminuída), possui características de fugir e ter visão infantil da realidade (respostas globais acima do esperado), rígida e reprimida (respostas formais acima da média).

No entanto, demonstra várias características que revelam capacidades de adaptar-se ao mundo externo, o uso adequado dos mecanismos narcísicos, da repressão, capacidade de relacionar-se interpessoalmente de forma profunda, embora a forma como se apresenta seja receosa e cautelosa.

Sua angústia em relacionar-se com o outro, o perigo de confundir-se com o outro, a necessidade de negar todo laço de dependência, faz com que seu protocolo aproxime muito de um protocolo narcísico (não sendo patologicamente excessivo), onde as representações de relações não se enfrentam. Mantém a coesão estrutural mediante a neutralização dos conflitos.

Interessante notar que apesar de seu trabalho cotidiano necessitar de perceber minúcias, verificando se há defeitos nas peças, não apresenta sequer a quantidade

esperada de percepção de detalhes incomuns, que são os detalhes das minúcias, da análise. O protocolo do sujeito narcísico apresenta-se desta forma, mostra dificuldade de integração e de síntese deste sujeito.

4.3. Participante 3

4.3.1. Síntese da História de vida

Antônio, 24 anos, é o segundo filho de uma prole de três irmãos e *sansei*, neto de japoneses. Estudou até o Primeiro ano do Ensino Médio. Durante esta fase escolar, foi reprovado 5 vezes em anos diferentes (1^{a.}, 3^{a.}, 6^{a.}, 7^{a.} e 8^{a.} séries do Ensino Fundamental). Relata que “odiava” estudar e abandonou os estudos com 17 anos de idade. Vem de um lar com posição educacional, econômica e social relativamente alta. Nasceu e foi criado na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

Conta que a relação com os pais “nunca foi de se apegar muito. Queria sair de casa cedo”. Com os irmãos, na infância, brigavam muito, relata que o mais velho era o orgulho da mãe e, portanto, era “metidinho” e o mais novo era o “queridinho da mamãe”. Já atualmente, diz ser boa a relação com os pais e irmãos.

Durante a fase de adolescência, diz que sua única responsabilidade era com os estudos, já que os pais davam de tudo. Suas atividades giravam em torno de festas e “baladas” desde os 14 anos até os 18, quando resolveu ir para o Japão.

Durante este mesmo período, mais precisamente entre 15 e 19 anos de idade, Antônio conta que fez uso de drogas (cocaína, duas vezes por dia e maconha durante o dia todo). Diz que seu pai conversava bastante com ele, pedindo para parar, chegando a

interná-lo numa clínica de recuperação. Relata que não suportou e acabou fugindo da clínica. Fala que demorou, mas conseguiu parar com o uso de drogas por conta própria.

Conta que foi para o Japão para se afastar do Brasil, “deixar essas coisas”. Diz que o pai apoiou e gostou porque “ganharia mais responsabilidade, criou juízo”. Hoje o pai, devido a um problema de saúde, não trabalha mais, tem diabetes e disfunção dos rins, necessitando de hemodiálise 3 vezes por semana. Antônio e seus dois irmãos que também estão no Japão mandam dinheiro para seus pais que se encontram no Brasil. Divide moradia com seu irmão mais novo, e sempre visitam o mais velho, o qual mora em outra cidade com esposa e filhas.

Antônio e seu irmão mais novo trabalham na mesma fábrica, porém em funções diferentes. Antônio repõe peças das várias linhas de montagem, de uma seção inteira em uma fábrica de peças de carro. Seu exercício diário, de *dandori*, é puxar várias caixas pesadas com o uso de um gancho ou quando é muito pesado o uso de um carrinho de mão, levando do lugar de fabricação daquela peça à linha de montagem que utilizará tal peça. Jornada de 8 a 12 horas de trabalho, andando e carregando caixas. Intervalo de uma hora para almoço, uma ou duas pausas de 10 minutos para lanche dependendo da jornada de trabalho.

4.3.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach do Participante 3 tem sua cotação apresentada no Quadro 3 a seguir:

Quadro 3: Resultado da cotação do protocolo do Participante 3

Localização	Determinante	Conteúdo
G=10 / + 2 adicionais	F%=60%	H=2/+ 3 adicionais
G%=100%	F+%=50%	(H)=2
D=1 adicional	F+-%=17%	A=6
	F-+%=33%	Nat=1
	K=1 / + 2 adicionais	
	F-C=2 (cor arbitrária/forçada)	
	FE=1	

NR=10

TT=955s

Tv=1:0=introversivo

Tp=4 populares / + 2 adicionais

Antônio apresentou baixa produção com dilatação do tempo de reação (média de 54 segundos) e de duração (16 minutos), podendo indicar depressão ou pobreza intelectual, bloqueio emocional ou mesmo resistência à tarefa ou cansaço. No entanto, acrescenta no momento de inquérito outras 3 respostas adicionais bem vistas, mostrando recuperação em um segundo momento.

Seu modo de percepção é totalmente global (G%=100%) sugerindo fuga, visão infantil da realidade, fantasia e egocentrismo. A baixa incidência das respostas D (apenas uma em adicional) indica pouco senso de objetividade, falta de adaptação à realidade.

As respostas de Forma pura constituem a maior parte do protocolo ($F\%=60\%$) denotando tratar-se de indivíduo controlador, que reprime os afetos e emoções e perde a espontaneidade.

Como demonstra inteligência em outros dados (respostas adicionais bem vistas e também cinestésias humanas) pode-se descartar a pobreza intelectual, levantando-se a possibilidade de perturbação afetiva e emocional que lhe afrouxa a precisão, coerência e organização mental ($F+\%=50\%$, abaixo do esperado).

No momento de testagem, o participante 3 apresentou pouca incidência de movimento humano ($K=1$) normal em pessoas ansiosas, inibidas, depressivas, pouco inteligentes e tensas. No entanto, ao adicionar 2 respostas bem vistas de cinestesia humana demonstra capacidade de recuperar uma imaginação criadora, uma espontaneidade para adaptar-se ao mundo externo, bem como também recuperar a empatia e funções integradoras da personalidade.

O nível de aspiração, a ambição de crescer e progredir na vida, encontra-se conduzida a nível de fantasia ($G:K=10:1$).

A ausência de resposta de movimento animal pode indicar depressão, defesa ou falta de iniciativa.

Antônio mostra-se afetivamente lábil, receoso no investimento afetivo em outras pessoas, bem como temeroso em receber afeto. O relacionamento interpessoal é superficial, meramente formal e social. Não aprofunda o relacionamento amistoso ($F-C$, respostas de cores forçadas, arbitrárias).

Demonstra ter consciência de sua necessidade afetiva, o que tenta controlar através do contato social ($FE=1$). Mostra também o interesse por si e pelos outros ($H\%=40\%$, acima da média).

Seu tipo de vivência é introversivo, portanto é criativo, imaginativo, pensa mais do que age, voltado para o mundo interior.

O sujeito deu respostas populares dentro do esperado (4 populares), demonstrando adaptação à realidade e ao pensamento grupal, mas o fato de ter acrescentado mais respostas populares adicionadas num momento posterior, ultrapassando a proporção ideal, pode indicar tendência à passividade, convenção e dependência dos outros.

As respostas de conteúdo animal também se encontram em nível elevado ($A\%=60\%$) implicando em imaturidade, infantilismo, pouca diversidade de interesses (respostas animais acima da média e pouca diversidade nos conteúdos), visão rígida e estereotipada do mundo.

No que diz respeito ao controle interno, pode-se dizer que o impulso de vida está subordinado ao sistema de valores do indivíduo e que a energia canalizada domina a impulsividade e instabilidade ($K>kan$). E quanto à adaptação, revela ter espontaneidade ao ser capaz de ver as coisas inteiras (H e A predominam Hd e Ad).

4.3.3. Organização do ego

Antônio mostra fragilidade na organização do ego, quando afetado afetivamente (baixa do F+ com respectivo aumento de F+-). Seu controle se dá mediante rigidez ($F\% 60\%$, está acima do esperado, que seria de 30 a 50%) e afastamento de relações afetivas (respostas de cor forçada, como na prancha II “Parece um rosto de alguém, parece dois olhos vermelhinhos...”, pessoa não tem olhos vermelhos, ou como na prancha X “rosto,... bastante cor”, as cores são dadas arbitrariamente como se descrevesse e não tivesse sentido com a resposta dada).

É possível verificar recorrentes choques e críticas ao objeto, traduzindo sua angústia perante à prova. A rejeição de duas pranchas (IV e IX) pode ser devida ao choque ao sombrio, o medo e a angústia prevaleceram, e a prancha IX, a afetividade imatura fez com que falhasse na produção satisfatória.

4.3.3.1. Incidência do narcisismo

Além da rigidez para se manter a forma, estrutura do ego, verifica-se o uso do mecanismo narcísico na crítica valorativa da resposta à prancha V: “... Essa foto é bonita heim. Uma borboleta...”, bem como a desvalorização dada à prancha III: “Credo, que coisa feia!”.

A incidência do narcisismo também pode ser visto nas respostas especulares de forma direta ou indireta, como na prancha VIII: “Dá pra imaginar metade, metade é o reflexo dela...”; e na prancha VII: “Duas dançarinas, uma de costa pra outra com cabelão...”. Outras respostas de dualidade, de caráter idêntico, sem interação foram dadas em adicional preservando a boa qualidade formal e de ação, sugerindo o uso adequado do narcisismo, como a Resposta Adicional dada à prancha II: “dois budinha sentado assim se dando as mãos” e à prancha III: “duas mulheres, as pernas, braços...”.

4.3.4. Capacidade de identificação e vinculação

Apesar de demonstrar que possui capacidade de recuperar a empatia (K adicionais) e de demonstrar o interesse no humano (H% acima do esperado), é receoso na relação interpessoal, afastando-se afetivamente, tornando o contato interpessoal

superficial, dificultando a identificação e vinculação (cores forçadas e respostas de humanos descaracterizados como na prancha III “Um etezinho isso aqui”).

Os mecanismos narcísicos até o ajudam a manter o ego defendido, sem o perigo de desestruturar-se pela dificuldade de lidar com a afetividade. No entanto, as defesas como a rigidez, o controle intelectual estão prejudicando o relacionamento.

O que facilita é a conscientização de que tem a necessidade do contato afetivo, suprimido pelo contato social (FE na prancha II: “um animalzinho de pêlo”).

4.3.5. Adaptação

Tal contato social (FE) e o interesse no outro (H% acima da média) acabam refletindo positivamente na adaptação ao meio externo. O problema está na submissão e dependência ao outro que Antônio apresenta (percentual alto de respostas banais).

4.3.6. Considerações sobre o Participante 3

Na análise do protocolo de Antônio verificam-se grandes indícios de depressão (número de respostas abaixo do esperado, tempo de reação e duração alargados, ausência de resposta de movimento animal), juntamente com estes últimos dados de submissão ao outro.

No entanto, o testando demonstra suportar o sofrimento (forma sobrepõe a textura), possivelmente as defesas narcísicas estão colaborando positivamente pelo esforço da neutralização e idealização vistas em seu protocolo. Evitando o despedaçamento de seus investimentos, ajudando a manter a coesão estrutural. Mantendo assim uma boa estrutura do ego ao controlar-se e afastar-se afetivamente. A

capacidade de manter contato social para suprimir a necessidade de afeto também constitui num mérito à adaptação.

4.4. Participante 4

4.4.1. Síntese da história de vida

Ângela, 41 anos, é a terceira de uma prole de quatro irmãos e *nissei*, segunda geração de descendência japonesa, filha de japoneses. Conta que sua mãe perdeu um bebê antes de seu nascimento. Foi criada pela mãe, pois seu pai faleceu quando tinha dois anos de idade. 14 anos depois, a mãe casou novamente, com pessoa “muito boa e deu certo”. Conta que infelizmente o padrasto faleceu há cinco anos, e a mãe se encontra sozinha no Brasil atualmente.

Retomando sua história de vida, quando tinha 10 anos de idade mudaram de Maringá no Paraná para uma cidade maior, Marília em São Paulo, para buscar melhores escolas. Permaneceu nesta cidade durante 13 anos, nos quais finalizou o Ensino Médio, e começou a trabalhar em confecção.

Conheceu seu atual marido em cidade próxima à qual residia (São José dos Campos), casaram-se e foram morar na cidade em que ela nasceu Maringá no Paraná. Possuíam um posto de gasolina, de onde tiravam o seu sustento, mas depois de um tempo “o negócio da família não estava tão bom”. Quando sua primeira filha estava com oito meses de idade, Ângela e seu marido decidiram ir ao Japão em busca da compra da casa própria, a convite da sogra e cunhado que já estavam no Japão. O planejamento na época era de morar 1 ano, porém permanecem no Japão há mais de 15 anos.

No início as dificuldades giravam em torno da língua não dominada e, portanto, a dependência que tinha dos outros para se comunicar, fazer compras no supermercado, etc. “tudo eu tinha que pedir para minha sogra”. Conta que depois de tantos anos conseguiu aprender o básico da língua japonesa.

Atualmente se encontram no Japão toda sua família, sogros, cunhados e irmãos, com exceção de uma irmã casada e sua mãe, que os visita sempre que todos os irmãos conseguem juntar o dinheiro para pagar a passagem do Brasil para o Japão para sua mãe.

Tem uma filha de 16 anos de idade e um filho de cinco anos. O filho mais novo sofre de reumatismo e está em tratamento no Japão. Quando estava grávida do mais novo chegou a voltar ao Brasil, planejando permanecer lá. Porém, não se adaptou no Brasil, conta que não queria sair de casa, sentia insegurança. Quando o marido que voltou para o Japão, disse que não conseguia ficar sozinho, “chorava e ligava todos os dias para o Brasil”, aproveitou a oportunidade para retornar ao Japão, onde ganhou seu filho.

Quanto ao trabalho, relata que quando chegou ao Japão trabalhou numa única empresa durante 10 anos, no mesmo serviço, de *supotto*, fazendo solda de peças de fogão, forno, aquecedores. Conta que “só saíram de lá porque a fábrica fechou. Senão a gente estava até hoje lá”.

A jornada de trabalho, quando chegou ao Japão, era de 8 horas (*teiji –horário padrão de trabalho*) por causa da filha que era pequena. Conta que tinha disposição para as horas extras, mas não tinha lugar para deixá-la, já que a creche fechava neste horário padrão a todos (*teiji*). Mas o marido fazia 4 horas extras, inclusive sábados e domingos.

Atualmente Ângela trabalha numa linha de montagem de peças para carros. Trabalha *teiji*, ou seja, 8 horas de serviço, em pé. Tendo um intervalo de 1 hora para o almoço e uma pausa de 10 minutos para lanche.

Moram num apartamento de dois quartos, cozinha e banheiro, ela, o marido, a filha de 16 anos e filho de cinco. Estão pensando em alugar um apartamento maior, já que o espaço está “ficando pequeno com as crianças crescendo”, pensam em maior privacidade, pois a divisória entre os quartos é de um tipo de madeira compensada, e devido à filha mais velha que quer levar suas amiguinhas e não tem lugar próprio dentro da casa.

4.4.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach da Participante 4 tem sua cotação apresentada no Quadro 4 a seguir:

Quadro 4: Resultado da cotação do protocolo da Participante 4

Localização	Determinante	Conteúdo
G=7/ + 1 adicional=46%	F=8 / +4 adicionais=53%	A=8 / + 3 adicionais
GDbI=1	F+= 3 / +2 adicionais=37%	(A)=1
DDbI=+1 adicional	F+.= 4 / +2 adicionais=50%	Ad=1
D=8 / +5 adicionais=53%	F-+= 1=12%	H=4
Dd=1 adicional	FC=4	(H)=1 adicional
	CF=2 adicionais	Obj= 2 / + 1 adicional
	C'F=1	Sangue=1 adicional
	K=2	Anat= 1 adicional

	$K+=2$ $kan=2/ +1$ adicional $kob=1$ adicional $kp= 1$ adicional	
--	---------------------------------------------------------------------------	--

NR= 15 / + 7 adicionais

TT= 500 s

Tp= 4 populares

Tv= ambigüal

A produção de Ângela apresenta-se levemente baixa, podendo demonstrar bloqueio emocional devido às várias demonstrações de choque frente à maioria das pranchas (exceto V, VI e VII). Os choques que prejudicaram a produção, havendo rejeição, ocorreram em duas pranchas cromáticas, II e IX, enfatizando a dificuldade emocional e afetiva.

O modo como percebe o mundo é de forma global e abstrativa ($G\%=46\%$), contudo, sem prejudicar sua capacidade de ajustamento aos aspectos práticos da realidade ($D\%=53\%$). Tem capacidade de adaptação à realidade e ao pensamento grupal, ou seja, pensamento que remete ao do senso comum (Populares= 26%).

Apresenta controle da percepção racional e intelectualmente de forma adequada tendendo à rigidez ($F\%=53\%$). No entanto, quanto ao julgamento do mundo demonstra sofrer interferências de fatores afetivos ($F+\%= 37\%$, abaixo do esperado). Verifica-se também pouca diversidade de interesses, visão rígida e estereotipada do mundo ($A\%=67\%$).

Trata-se de uma pessoa com boas condições intelectuais, de imaginação criadora, porém verifica-se leve inibição em relação à capacidade de adaptação e empatia

($K+=100\%$, $K=2$, pouco abaixo do esperado) sem, contudo prejudicar o interesse em si e no outro ($H%=33\%$). Seu nível de aspiração, sua ambição por crescer e progredir na vida, encontra-se conduzida a nível de fantasia ($G:K=7:2$).

As reações instintivas e impulsivas estão em equilíbrio com o sistema de valores adotado por Ângela, mostrando que controla essas pulsões sem perder a espontaneidade ($K=kan+kob$). Sua testagem mostra que a examinanda é capaz de liberar seus sentimentos, afetos e emoções de forma adequada e madura no relacionamento interpessoal ($FC>CF$).

Seu tipo vivencial é o ambigüal. Rorschach dizia que o tipo ambigüal teria condições de lidar com as coisas do seu mundo interno e com as do mundo externo. Hoje, alguns autores correspondem esse tipo de vivência a pessoa ambivalente, indecisa e bloqueada (Vaz, 1997).

4.4.3. Organização do Ego

Mostra dificuldade no julgamento adequado do mundo, devido a angústia, a afetividade e o medo que estão abalando a estrutura do ego ($F+%=37\%$). Para manter o ego organizado, Ângela mostra tendência à repressão para manter a neutralidade, pretendendo anular a angústia e outros sentimentos desorganizadores.

4.4.3.1. Incidência do Narcisismo

Além da neutralização da angústia da perda da forma, o narcisismo verificado no protocolo da Participante 4 é visto também na neutralização da angústia frente a relação

interpessoal. Com a finalidade de eliminar a angústia do confronto com a diferença, como podemos ver em resposta às pranchas III, VII, VIII e X.

As respostas dadas foram em dualidades bem vistas, as representações de relação onde um é idêntico ao outro, negando o conflito entre eles. Um exemplo é a resposta à prancha VII: “Rosto de criança, cabelo preso, uma olhando para outra, parece de criança. Ao mesmo tempo dá impressão de um bicho, monte de cara, parecendo três, quatro, cinco rostos. Monte de formato de rosto, boca”, a resposta poderia ter ficado na criança olhando para a outra, acrescentando outros personagens em interação, mas estendeu-se englobando vários personagens em “monte de formato de rosto, boca”, eliminando totalmente o verbo interativo e conseqüentemente o conflito pulsional que deve ter sido maior nesta prancha.

Outra incidência do narcisismo pode ser visto em resposta às pranchas I, II, III, IV e X nas quais verifica-se a qualificação negativa das respostas. O investimento narcísico garante a identidade da pessoa ao afirmar as barreiras entre dentro e fora (Chabert, 1993), para isso a pessoa atribui um desprezo excessivo ao objeto, como ocorre na fase de inquérito da prancha I: “Não sei se é porque é preto, parte da asa, não sei se é porque é feio. Deu impressão de, sei lá, capa de morcego, halloween”. Como ocorreu nas outras pranchas citadas, o julgamento de “feio”, “meio feio”, “coisinha ruim”, “assustador”.

4.4.4. Capacidade de identificação e vinculação

Todos os métodos defensivos citados acima tiveram por objetivo a busca de uma identidade estável, cuja permanência se mantenha apesar das variações das demarcações espaço-temporais. Visto que para isso, Ângela precisou neutralizar as relações, inibindo-se e atenuando sua capacidade de adaptação e empatia (K abaixo do esperado),

sem prejudicar o interesse que tem em si e nos outros (H% dentro da média). Dito de outra forma, o controle intelectual e resistência estão prejudicando o relacionamento interpessoal.

4.4.5. Adaptação

Ângela mostra sua capacidade de ver as coisas como um todo (H e $A > H_d$ e A_d). No entanto, os vários choques frente à maioria das pranchas mostram seu espanto frente a cada situação nova que ocorre, e diante de uma chance de enfrentar cada situação novamente (fase de inquérito) consegue produzir mais (respostas adicionais), porém com baixa eficiência prevalecendo o descontrole emocional.

Essa dificuldade em enfrentar uma nova situação também é visto na entrevista, onde Ângela relata a dificuldade que foi a chegada ao Japão e a tentativa de retorno ao Brasil após 10 anos de vivência no Japão.

4.4.6. Considerações sobre a Participante 4

Encontramos tendência a repressão das emoções, dos sentimentos e dos conflitos para manter o ego estruturado. Contudo, os investimentos narcísicos são falhos, visto que em um segundo momento sua produção não consegue se manter neutra, prevalecendo a angústia e descontrolando-se emocionalmente.

Tudo isso prejudica seu bom julgamento do mundo, sua relação interpessoal e adaptação a novas situações.

4.5. Participante 5

4.5.1. Síntese da história de vida

Elis, 37 anos, é a sexta filha de uma prole de 9 irmãos, acrescenta que a irmã mais nova faleceu há 2 anos. Não tem descendência nipônica. Relata que sua infância foi “pobre”, sua mãe trabalhava em um restaurante e levava as sobras para eles comerem. Seu pai os abandonou quando Elis tinha três anos de idade, e conta que o pai violentava fisicamente seus irmãos. Diz que sua mãe tentou casar-se novamente, mas não deu certo, pois o ex-marido de sua mãe era “alcoólatra e depois não quis casar mais”.

Moravam na zona rural, e diz que na sua infância e adolescência foi “muito presa”, visto que a mãe segue a religião Evangélica e não permitia que Elis saísse de casa. Revela que começou a namorar escondidamente aos 17 anos de idade e este namoro durou 4 anos.

Quanto à escolaridade, conta que finalizou o Ensino Médio, acrescentando que nunca gostou de estudar chegando a reprovar 3 anos.

Começou a trabalhar depois de terminar a fase de escolarização. Relata que considerava-se acomodada, já que um irmão mais velho, o qual trabalhava desde os 13 anos de idade, ajudava a família financeiramente. Elis, aos 22 anos, procurou e conseguiu trabalhar em uma papelaria, onde ficou por 2 anos. A papelaria fechou e depois deste serviço conta que “só conseguia fazer bicos, vidraçaria, outras lojas”.

Conheceu o atual marido através da irmã. Relata que gostava de “sair com ele porque ele tinha dinheiro para levá-las a boate, mas que não queria nada mais com ele”. Ele é descendente de japoneses (*nissei*), e quando Elis o conheceu, ele havia recentemente chegado do Japão. Ele conhecia sua família e freqüentava sua casa.

Namoraram por 2 anos e, aos 27 anos, Elis engravidou e portanto casou. A verduraria que o marido possuía não prosperou, fazendo com que ele retornasse ao Japão. O mesmo manteve-se durante 2 anos trabalhando e enviando dinheiro à Elis e sua filha que permaneceram no Brasil. Após esse período de 2 anos de relacionamento à distância, Elis foi ao Japão com a filha, onde permanecem há 5 anos.

Relata que neste período, o marido envolveu-se em jogo de azar, chamado *Pachinko*, um tipo de máquina caça-níquel (existem várias casas dessas máquinas no Japão, jogo muito famoso, um dos principais entretenimentos entre os japoneses). Chegava a perder todo o seu salário do mês no jogo. Elis conta que só não voltou para o Brasil “porque não sobrava dinheiro, se ela não trabalhasse não tinha o que comer”. Diz que seu marido permaneceu neste jogo por 3 anos, até que o percebeu “perturbado da cabeça”. Explicou relatando alguns delírios, insônia e dizendo que ele “não conseguia dormir e não deixava ninguém dormir”. Pediu ajuda na Igreja Evangélica, buscando um pastor que conversou com seu marido e sugeriu que o mesmo fosse a um psiquiatra. Devidamente medicado, não trabalhou durante um mês, freqüentou a Igreja, parou de fumar, acrescenta que nunca mais jogou, já há aproximadamente um ano.

Relata que a vida melhorou, atualmente ele joga “bola e toma cerveja” com amigos aos finais de semana, deixando ela e a filha em casa. Diz que não se importa, comentando que o compreende devido à vida no Japão ser muito “desgastante”.

Elis conta que sua rotina é ir ao trabalho, onde participa de uma linha de montagem de peças automobilísticas, na qual executa 8 horas de serviço em pé. Faz intervalo de 1 hora para o almoço, pausa para lanche de 10 minutos. Ao final do expediente retorna para casa onde encontra sua filha que já voltou da escola.

4.5.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach da Participante cinco tem sua cotação apresentada no Quadro 5 a seguir:

Quadro 5: Resultado da cotação do protocolo da Participante 5

Localização	Determinante	Conteúdo
G=8	F=14=78%	A=11 / +1 adicional
D=10 / +2 adicionais	F+=12 / + 1 adicional=86%	H= 1
G%=46%	F+-=2	(H)=2 / + 1 adicional
D%=56%	K=1	Ad= 2
	kan=1	Obj=1
	K+=1	Bot=2
	F-C= 1 adicional (cor arbitrária)	
	FC=1	
	FE=1	

NR=18 respostas

TT=530 s

Tp= 8 respostas populares

Tv=1:0,5= coartativo

Seu tipo vivencial, coartativo, remete à de uma pessoa reprimida, na defensiva, pobre de vida interna e afetiva. Este sinal de repressão dos afetos, rigidez e inflexibilidade também é visto quanto ao excessivo controle intelectual da personalidade (F%=78%).

Apesar deste superego rígido, demonstra capacidade de atenção e de rotular e julgar o mundo com precisão, juízo crítico, pensamento lógico, coerente e organizado (F+ dentro do esperado).

No entanto, na adaptação à realidade e ao pensamento grupal, revela passividade, convenção e dependência aos outros (44% de respostas populares). Sua inibição reflete na dificuldade em relação a sua capacidade criadora, a espontaneidade e a empatia (K=1, abaixo da média), bem como implica em imaturidade, infantilismo, pouca diversidade de interesses, visão rígida e estereotipada do mundo (A%=72%, acima da média). Demonstrando, paralelamente, pouco interesse em si e nos outros (H%=17%, abaixo do esperado).

Sua inibição acaba compensando em uma satisfatória organização interna sobre seus aspectos mais instintivos (IK:1kan), indicando que o impulso de vida está em equilíbrio com seus valores. Compensa também o controle afetivo, revelando estabilidade das reações emocionais (FC>CF). Contudo, sem perder a espontaneidade de ver as coisas inteiras (H e A> Hd e Ad).

O nível de aspiração está conduzido mais no plano da fantasia (G:K=8:1). Seu modo de apreensão do mundo é global e abstrativo (G%=46%), sem prejudicar a inteligência prática e não perde a percepção da realidade objetiva, concreta e imediata (D% dentro do esperado).

Elis mostra adaptação à tarefa quanto à produtividade. Porém a rapidez com que produz pode ser sinal de ansiedade situacional, de conduta imaginante ou debilitamento do controle ideativo.

Sua testagem revela necessidade de contato afetivo, havendo capacidade de controle através de contatos e atividades sociais (FE>EF + E).

4.5.3. Organização do Ego

Mostra-se uma pessoa intelectualmente ativa, capaz de adaptar-se a realidade e neutralizar o efeito da angústia ao reduzir ao mínimo a participação da imaginação criadora e a ingerência de reações emocionais (F% elevado), revelando uma dificuldade em manipular as reações afetivas.

Quanto a “Força do Ego” (Traubenberg, 1970, p. 64), mostra tentativa de controle mental, capacidade de organizar, de planejar e de controlar o comportamento em função das percepções e experiências vividas, e supõe uma capacidade de protelar a gratificação (F+% dentro da média), no entanto em alguns momentos esta adaptação é mais flexível, ou seja, não chegando à rigidez extrema, mostrando episódios de descuido de sua atitude de controle (ao haver interferência de fatores afetivos) (aparecimento de respostas F+-).

No geral, constitui-se um ego bem defendido pela repressão. O predomínio da repressão afasta o perigo da despersonalização, tornando inconsciente o reconhecimento da perda e da ferida narcísica.

4.5.3.1. Incidência do Narcisismo

Além da rigidez em controlar-se intelectualmente para evitar o descontrole emocional, outra demonstração de defesa narcísica seria o evitamento da expressão de representações de relação, a necessidade de diferenciação de si e conseqüente idealização de si.

A desvitalização é parte integrante dos processos de idealização, corresponde à luta do sujeito para negar a fonte interna da pulsão, neutralizando-a. Assim, a

desvitalização é verificada na ausência de calor e de vida das “bonecas” (resposta dada à prancha VIII).

A idealização também pode ser vista ao atribuir um desprezo excessivo ao objeto, como respondido à prancha V: “Borboleta... feia”.

O evitamento da expressão de representações de relação tem por finalidade neutralizar os conflitos para manter a identidade estável. Para tanto, as expressões de personagens em ação, passivos e neutros. Tal relação especular de forma indireta pode ser verificado nas pranchas II, III, VIII e X, configurações de dualidades idênticas, sem interação. Na prancha II: “parece dois elefantes. Dois ursos”. Outro exemplo, resposta à prancha III, onde há ação, mas não interação: “Duas meninas brincando de bola”.

4.5.4. Capacidade de identificação e vinculação

Elis demonstra dificuldade quanto à capacidade de empatia, interesse social (K abaixo da média) e até mesmo interesse em si (H abaixo do esperado). Suas defesas excessivas como o controle intelectual, resistências e rigidez comprometem o seu relacionamento interpessoal.

4.5.5. Adaptação

Devido a sua extrema ligação à realidade (índice alto de respostas populares), a participante 5 mostra capacidade de adaptação à realidade, porém mediante excessiva passividade e dependência.

Todo indivíduo necessita de certa estereotipia para adaptar-se a uma nova rotina, porém Elis ultrapassa o nível saudável de estereotipia, indicando pobreza de associações

personais, voltando-se ao coletivo, ao conformismo, à ausência de imaginação criadora (A%=61%, acima do esperado).

4.5.6. Considerações sobre a Participante

Sua inibição lhe garante o controle interno, no entanto ao custo da anulação de sua espontaneidade (F% alto) e de sua empatia, sua criatividade e suas motivações (K% baixo).

O narcisismo foi utilizado com o mesmo fim de manter a estrutura de identidade e a eliminação dos sinais de angústia, que concorrem para a desorganização psíquica.

A adaptação social conformista e estereotipada serve para camuflar uma reação afetiva.

4.6. Participante 6

4.6.1. Síntese da história de vida

Marisa, 18 anos, é a terceira filha de uma prole de três irmãs e *sansei*, cuja mãe é descendente de japoneses e o pai não. Relata que desde os três anos de idade sua vida é marcada por idas e vindas entre Brasil e Japão. Aos três anos foi para o Japão com sua mãe, permanecendo até os seis anos de idade. Retornou ao Brasil, onde estudou por mais 3 anos, da primeira à terceira série do Ensino Fundamental. Após este período, a família toda (pai, mãe e irmãs) decidiu ir ao Japão, onde passou a estudar a partir da 4ª. série do Ensino Fundamental, em escola japonesa.

Sentiu muito a diferença entre as escolas brasileiras e as escolas japonesas. Contou sobre sua dificuldade em adaptar-se à escola japonesa, primeiramente devido ao tempo que permaneceu no Brasil, esquecendo o pouco que aprendera anteriormente no Japão, e a rotina de estudos: “Aqui (Japão) a gente estuda muitas horas”. Devido à diferença cultural, diferença de interesses, e também ao preconceito que os japoneses tinham por ela não dominar a língua japonesa, conta que convivia somente com as crianças brasileiras e outras estrangeiras. Convivendo assim até o 1º. ano do Ensino Médio.

Devido aos estudos em escola japonesa, fala e escreve bem no idioma japonês. No entanto, em muitas matérias não pôde aproveitar ao máximo, pois não compreendia tudo que lhe era dito na língua japonesa, e os professores não sabiam como explicar de outra forma. Supôs que se estivesse no Brasil teria aprendido mais.

Marisa namora um brasileiro que conheceu no Japão, ao freqüentar uma discoteca para brasileiros. Seu namorado não tem descendência japonesa, ele é cantor de uma banda que toca músicas brasileiras, e vai ao Japão com contrato de seis meses, renovado após período de seis meses nos quais outra banda é contratada (ou seja, 6 meses no Japão e 6 meses no Brasil aguardando a recontração). Marisa e seu namorado possuem diferença de idade de 10 anos, a mais para o namorado. Já namoram há dois anos e meio. Conta que no início a família não aceitou, mas que atualmente perceberam que “é sério” o relacionamento. Mesmo convivendo seis meses se vendo nos finais de semana, quando está no Japão, e seis meses de namoro a distância, quando o namorado está no Brasil.

Mora em uma casa com os pais e irmã mais velha. A outra irmã mora em outra cidade com marido e filho.

Pretende retornar ao Brasil e talvez trabalhar como intérprete Português-Japonês.

Quanto ao trabalho, relata que é muito repetitivo, de domingo a domingo, esporadicamente consegue folga no sábado. Trabalha somente no período noturno (*yakin* - entra a noite e sai de manhã), 10 horas de trabalho em pé, verificando defeitos em peças de carros.

4.6.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach da Participante 6 tem sua cotação apresentada no Quadro 6 a seguir:

Quadro 6: Resultado da cotação do protocolo da Participante 6

Localização	Determinante	Conteúdo
G=10=83%	F=8=67%	A=5
D=2=17%	F+=3=37%	(A)=1
GDbI=3	F+-=2	Ad=1
	F-+=2	(H)=2
	F-=1	Nat=2
	kan=1	Anat=1
	FC=1	Fogo=1
	F-C=1	Masc=1
	FE=1	

NR=12

TT=526

Tp= 3 respostas populares

Tv=0 :1= extratensivo

Marisa apresenta tipo de vivência extratensivo ($K:sC=0:1$), o que significa tratar-se de uma pessoa que diante de tensão externa tem facilidade para perder o controle emocional.

A quantidade de respostas dada encontra-se em nível abaixo da média, podendo significar resistência à técnica, pessoa intelectualmente pobre, bloqueio emocional ou cansaço.

O tempo de reação às pranchas coloridas é algo que se deve tomar nota, sua média de 34 segundos é sinal de choque cromático, isto é, dificuldade no relacionamento com as pessoas, com o mundo externo, havendo possibilidade de depressão situacional (tempo de duração acima do esperado).

O nível de aspiração, ambição por crescer na vida, está conduzido à fantasia ($G:K=10:0$). O modo de percepção do mundo sugere fuga, fantasia e visão infantil da realidade ($G\%=83\%$, acima da média), havendo prejuízo no senso de realidade objetiva, o que sugere inadaptação à realidade por perturbação de ordem emocional ($D\%=17\%$), descarta-se a possibilidade de perturbação mental visto que mostrou capacidade de visão de mundo correspondente ao do senso comum (3 respostas populares= 25%).

O exame indica sentimentos de tensão vivenciados pela participante 6 em relação ao meio-ambiente, reagindo assim com oposicionismo sistemático ao meio externo ($GDbI=25\%$, extratensivo), expressa hostilidade (resposta com conteúdo anatômico).

Revela indícios de controle demasiado, repressão dos afetos e emoções, com prejuízo na espontaneidade ($F\%$ alto). No entanto, tal defesa falha visto que seu pensamento lógico está sofrendo interferência de ordem afetivo-emocional ($F+\%$ baixo e $F+-$, $F-+$ aumentados).

Marisa demonstra dificuldade de expressão criadora e empatia (K abaixo do esperado), freqüente em casos de pessoas inibidas, depressivas, tensas, defensivas e sem

iniciativa. (Tal dado ainda é reforçado pela precária presença de resposta de movimento animal, kan=1). Ainda mostra estereotipia do pensamento, pouca flexibilidade, e pouca capacidade de adaptação (A% acima do esperado).

Demonstra receio no investimento afetivo em outras pessoas, temerosas em receber afeto, cujos relacionamentos são superficiais, meramente formais e sociais (F-C, presença de cor forçada), suas manifestações afetivas são pouco maduras (FC de baixa qualidade). O relacionamento interpessoal é distante, frio e indiferente (resposta de estátua – humano descaracterizado), aumentando assim a dimensão da sua dificuldade de relacionar-se com as pessoas de forma adequada (H% abaixo do esperado). Outro conteúdo em seu exame (Fogo) também sugere descontrole emocional, incapacidade de adaptação afetiva e de relacionamento com as pessoas.

Verifica-se que a examinanda tem consciência de suas necessidades afetivas e as tenta controlar através do contato social, porém tal vivência causa-lhe demasiada angústia (FE disfórico).

Revela preocupações com a visão que o outro tem de si, demonstrando tentativa de simular frente à relação interpessoal social (conteúdo máscara).

4.6.3. Organização do Ego

Sua força e organização de ego apresentam-se fragilizada. Os choques e o descontrole emocional prejudicam-lhe a espontaneidade, a adaptação, a capacidade de ver a realidade de forma objetiva. Há a tentativa de repressão dos afetos, porém fracassa no seu objetivo, predominando a angústia e desorganizando o ego.

4.6.3.1. Incidência do Narcisismo

Além das tentativas de repressão dos afetos, outra atividade narcísica que tem por objetivo manter a coesão estrutural, a estabilidade temporal e a coloração positiva da representação de si podem ser visto em resposta à prancha VII: “Parece um rosto de duas pessoas com o cabelo para cima, penteado para cima, olhando uma para a outra como se fosse uma estátua. Que foi feito de pedra com o rosto de lado, uma olhando para outra”. Tal resposta é característica de uma resposta narcísica, primeiramente devido à relação interpessoal que tem a ênfase no olhar, e em segundo lugar desvitaliza-se na configuração de uma representação simbólica de onipotência, figuração ideal, admirável por sua beleza, no entanto de indiferença e frieza (estátua).

4.6.4. Capacidade de identificação e vinculação

Sua dificuldade em lidar com o outro também pode ser visto em sua testagem pela repressão de dualidades onde é comumente percebido. A resposta popular, por exemplo, à prancha III seria de duas pessoas em ação, contudo sua resposta foi: “uma coisa sorrindo... parece uma coisa sorrindo com uma borboletinha no nariz e dois foguinho do lado”. A participante não só elimina a angústia neutralizando a representação de relação, como elimina as representações humanas como um todo.

São vários os dados que revelam sua dificuldade na capacidade de identificação e vinculação. Demonstra relacionamento interpessoal receoso (cor forçada, humano descaracterizado), superficial, frio e distante, além de demonstrar pouco interesse pelo humano, seja por si ou por outras pessoas (H% baixo).

Mesmo que superficial, verifica-se a tentativa de contato social para compensar sua necessidade afetiva (FE).

4.6.5. Adaptação

Sua rigidez, afastamento social, imaturidade afetiva, descontrole emocional, e o oposicionismo dirigido ao meio, contribuem para um prejuízo cada vez maior quanto à adaptação.

Tal dificuldade de adaptação é confirmada nas expressões de estupor frente às primeiras pranchas, denotando o choque ao lidar com algo novo.

4.6.6. Considerações sobre a Participante 6

O tipo de inteligência de Marisa é inibido, com baixa capacidade de análise da realidade, baixa criatividade. Os momentos de descontrole emocional, de predomínio da angústia, concorrem para a fragilidade de seu ego revelando também tendências depressivas.

Outra grande dificuldade é quanto ao relacionamento com as pessoas, gerador de muita angústia, receio. Denota sua incapacidade de relacionar-se com o outro de forma afetivamente adequada.

4.7. Participante 7

4.7.1. Síntese da história de vida

Rosana, 25 anos, primeira filha de uma prole de três irmãs e *sansei*, cuja mãe possui descendência japonesa, o pai não. Começa relatando que seus pais tentaram ter filhos antes de seu nascimento e não conseguiam. Após quatro anos de tentativa, a mãe conseguiu engravidar e conceber Rosana. Quando a mesma estava com 10 anos de idade, sua mãe foi para o Japão. E alguns meses depois seu pai conseguiu o visto para ir ao Japão para trabalhar. Conta, que neste período em que os pais estavam no Japão, morou no Brasil com a avó paterna, a qual sempre morou próxima e, portanto estava mais acostumada.

Três anos mais tarde os pais retornaram, mudando-se para uma casa nova. Aproveitou a convivência com os pais durante três anos. Diz que o que mais sentiu nesta mudança para a nova residência, foi ter deixado seus amigos da proximidade da moradia da avó.

Após estes três anos nessa moradia, os pais decidem retornar ao Japão. Rosana tinha a escolha de ir com eles ou permanecer no Brasil na casa de uma tia para dar continuidade nos estudos. Relata que ficou dividida, pois não queria sair de lá, mas também não queria mais conviver longe dos pais, optando então pela viagem ao Japão. Sua idéia inicial era de ficar um ano e retornar para estudar, contudo permanece já há dez anos, desde os 15 anos de idade. Conta que um dos motivos por ter permanecido os seis primeiros anos um namorado que chegou a ser noivo. Após este período, o relacionamento não deu certo, terminaram, mas acabou ficando no Japão, preocupada com os pais. Atualmente namora um rapaz de 26 anos há cerca de quase quatro anos.

Seu trabalho é durante o período da noite de domingo a domingo. Trabalha junto com sua irmã mais nova, conta que “convivem 24 horas juntas, pensou que iam brigar muito, mas se dão bem”. A jornada de seu trabalho é de 11 horas na fábrica (sendo uma hora para jantar) fazendo vistoria em peças de carro, na qual tem que realizar uma cota por hora.

Além do trabalho, tenta conciliar outras atividades como: aulas de inglês nas quintas-feiras, aula de dança aos sábados e aula de design gráfico aos domingos. Saindo do curso nestes dias, vai direto para o trabalho.

4.7.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach da Participante 7 tem sua cotação apresentada no Quadro 7 a seguir:

Quadro 7: Resultado da cotação do protocolo da Participante 7

Localização	Determinante	Conteúdo
G=8 / + 1 adicional=67%	F=2 / + 1 adicional=17%	A=6
D=2=17%	F+-=2 / + 1 adicional	H=1
Dd=2=17%	=100%	(H)=1
GDbI=1	K=1	Nat=4
	kan=3	Bot= 3
	K+=1	Abst=1
	CF=2	Paisagem=1
	FC=2	Geo=1
	FC`=3	Fogo=1

		Obj=1
--	--	-------

NR=12 / +1 adicional

TT= 618 segundos

Tp= 5 respostas populares

Tv= 1: 3 = extratensivo

Seu tipo vivencial, extratensivo, mostra facilidade de perder o controle emocional frente tensão externa.

Demonstra choque cromático, que é a dificuldade no relacionamento com as pessoas, com o mundo externo (Tempo de reação longo nas pranchas coloridas). O tempo elevado que leva para dar as respostas pode sugerir dificuldade de adaptação por razões depressivas (Tempo médio por resposta 51 segundos).

Seu tipo de percepção mostra que apreende o mundo de forma praticamente global e abstrativa (G=67%), com senso de objetividade rebaixado (D=17%), no entanto apresenta inteligência crítica e minuciosa (Dd=17%, com boa qualidade).

Apresenta pobreza intelectual ou descontrole emocional sobre seus dinamismos psíquicos (F%=17%, abaixo da média). Perde a precisão do pensamento lógico, racional e organizado (ausência de F+), significando que sofre interferência de ordem afetivo-emocional.

Quanto a sua expressão de mundo interno, mostra dificuldade na capacidade criadora, na espontaneidade, na empatia. Pode-se tratar de pessoa ansiosa, inibida, deprimida ou tensa (K=1, baixo). Demonstra dificuldade também em lidar com o outro (H% baixo) revelando falta de interesse nas pessoas e em si mesma.

Seu nível de aspiração é conduzido à fantasia ($G > K$), ou seja, sua ambição vai além da capacidade que permite sua realização.

Sobre seu controle de impulsos, revela predominar a instabilidade emocional, mas de forma tênue ($K < kan$; $K:kan=1:3$). Mostra que reage aos estímulos emocionais de forma precariamente controlados, mas demonstra ser capaz de relacionamento afetivo-emocional adequado ($FC=CF$). Há indícios de que a depressão apresenta-se como traço de personalidade ($FC'=3$).

O índice de respostas de conteúdo animal ($A\%$) encontra-se dentro da média, podendo denotar pessoa que possui a estereotipia do pensamento necessária a vida. Devido à riqueza nos conteúdos, mostra-se pessoa dotada de inteligência, de bom ajustamento (Abstração – Abst).

No entanto, alguns conteúdos demonstram fragilidade, como rejeição materna (Nat), fraqueza (Fogo), dependência, passividade, imaturidade (Bot), tentativa de evasão, defesa, dependência frustrada (Geo).

4.7.3. Organização do Ego

Apesar da facilidade de descontrole emocional revelada em seu tipo vivencial, mostra capacidade de lidar com a afetividade de forma adequada ($FC=CF+C$).

Verifica-se que a angústia da perda, neste protocolo, incita em sentimentos depressivos. Contudo, tal sensibilidade depressiva encontra-se bem controlada ($FC' > C'F+C'$).

4.7.3.1. Incidência do Narcisismo

Verifica-se a tentativa de neutralização da angústia, que a expressão de relação interpessoal causa. Visto que na única representação de dualidade humana, verifica-se o duplo idêntico, sem interação e, portanto sem conflito, visto em sua resposta à prancha III: “Duas pessoas tentando erguer alguma coisa”.

A percepção de relação interpessoal seria esperada em resposta à prancha VII, no entanto, sua resposta foi: “parece um mapa, países, mar no meio, branco”, denotando distanciamento, defesa e evasão. Ao invés da neutralização do conflito, houve a rejeição da percepção do humano, e a rejeição da condição bilateral da prancha VII, uma tentativa de manter a identidade estável tornando um todo unido e neutralizando assim a angústia.

4.7.4. Capacidade de identificação e vinculação

Exatamente por essa dificuldade de perceber e expressar a relação interpessoal verifica-se a fragilidade de sua capacidade de empatia e vinculação (K abaixo do esperado).

Ao mesmo tempo em que Rosana demonstra ter a capacidade de relacionar-se afetiva e emocionalmente (FC=CF), tal tipo de relação causa-lhe depressão e inibição (choque cromático). Agindo, assim, de forma a afastar e defender-se de tal angústia (Conteúdo de geografia, rejeição de figuras humanas em interação).

4.7.5. Adaptação

Existe indício de que por razões depressivas, Rosana apresenta dificuldades de adaptação (tempo alongado de reação a pranchas acromáticas).

Principalmente quanto a sua inibição no contato afetivo e emocional que compromete o bom relacionamento interpessoal.

Apresenta inteligência e estereotipia necessária para adaptação ao mundo (conteúdo variado e A% dentro da média).

4.7.6. Considerações sobre a Participante 7

Seu tipo vivencial, extratensivo, assim como outros dados de sua testagem revelam que Rosana é uma pessoa crítica, minuciosa, ativa, adaptável, possui habilidades, no entanto suas reações afetivas são abundantes, as relações com os outros são superficiais e demonstra alguns aspectos depressivos.

Sua inteligência é dirigida ao abstrato, podendo haver fuga da realidade. O nível de aspiração é mais elevado do que suas reais potencialidades. Verifica-se prejuízo do pensamento lógico, demonstrando descontrole emocional.

4.8. Participante 8

4.8.1. Síntese da história de vida

Oswaldo, 26 anos, é o primeiro filho de uma prole de três irmãos e *sansei*, sendo seu pai descendente de japoneses e sua mãe descendente de italianos. Nasceu prematuro

de sete meses de gestação, relata que mãe foi várias vezes ao Hospital e sempre houve “alarme falso do quinto ao sexto mês”. Seu parto teve de ser cesariana.

Durante a fase escolar, diz que repetiu a 7ª. série do Ensino Fundamental, pois “matava aula e fazia bagunça”. Conta que se arrependeu, visto que todos os seus amigos e colegas tinham prosseguido e ele havia “ficado para trás”, passando assim a estudar devido ao acontecimento.

Formou-se em Análises Químicas, não chegando a exercer profissão da formação. Iniciou a faculdade de Direito, mas abandonou no primeiro ano.

Quanto ao relacionamento familiar, relata que nunca se relacionou muito bem com seu pai, já que este sempre trabalhou fora, viajando com frequência permanecendo semanas fora de casa. Já seu relacionamento com sua mãe considera completamente diferente, sua “mãe é tudo, por ela qualquer coisa. Minha mãe sempre foi meu pai e minha mãe”. Oswaldo acrescenta dizendo sobre seu pai, acredita que ele nunca soube ser pai, em razão de ter perdido o próprio pai quando tinha três anos de idade. Conta que seu pai sempre foi “seco, muito sério”. Porém, sua mãe “conversa, senta, chora junto”.

Conta que quando a família toda morava junto no Brasil, a relação entre Oswaldo e seu pai era diferente, “batia de frente sempre, não baixava a cabeça tendo sua razão, se está errado, lógico, baixo a cabeça, assumo os erros”. Atualmente, vivendo no Japão, diz que não ficou nenhuma mágoa, contudo seu pai deve sentir que Oswaldo e seu “irmão saíram de casa por causa dele, e que talvez por isso ele fale em mudar pela irmã”. Acredita que seu pai mudou por causa da irmã mais nova, que mora junto com os pais no Brasil, pois o relacionamento melhorou bastante, “conversa bem mais”.

Revela que, ainda no Brasil, namorou durante três anos com uma garota três anos mais nova que ele. Moraram juntos durante estes três anos de relacionamento. Conta

que após o rompimento do namoro, ficava incomodado quando encontrava sua ex-namorada, o que ocorria com muita frequência já que os amigos eram os mesmos.

Com dificuldades financeiras, seu irmão resolveu ir para o Japão, surgindo a oportunidade para Oswaldo “de sair do Brasil, como fuga”.

Está no Japão há pouco mais de quatro anos, atualmente namora uma garota brasileira de 25 anos, há cerca de quase quatro anos.

Em relação ao trabalho, relata que no primeiro trabalho não aprendeu nada sobre a língua japonesa, devido à sessão de trabalho toda ser de brasileiros (visto que na vida de Dekassegui no Japão o convívio maior é com pessoas do trabalho). Relata reconhecer sua dependência de outras pessoas que sabem a língua. Diz que as pessoas no ambiente de trabalho são “frias, secas”.

Quanto à jornada de trabalho, descreve que em uma semana o trabalho acontece no período do dia, executando o serviço durante 12 horas em pé, e na outra semana, no período da noite, a jornada chega a 15 horas do mesmo trabalho. Revela ser cansativo o trabalho na fábrica de peças para automóveis, onde opera uma máquina injetora de plástico, na qual retira, limpa as peças, verificando uma a uma se tem defeito, para então despachá-las.

4.8.2. Análise do psicograma

O protocolo do método de Rorschach do Participante 8 tem sua cotação apresentada no Quadro 8 a seguir:

Quadro 8: Resultado da cotação do protocolo do Participante 8

Localização	Determinante	Conteúdo
G=11=55%	F=12 / + 1 adicional=60%	A= 9 / + 1 adicional
D=8 / + 1 adicional=40%	F+=4=33%	H= 3
Dd= 1	F+-=7=58%	Hd= 1
GDbI=4	F-+=1 / + 1 adicional	Masc= 2
	K= 2	Obj= 3
	K+=2	Fogo = 3
	kob= 2	Bot = 2
	FC=3	Nat = 1
		Explo = 1

NR= 20 respostas / + 1 adicional

TT= 466 segundos

Tp= 5 respostas populares

Tv= 2:2,5= ambigüal

Oswaldo mostra capacidade de produção e desempenho, e de adaptação a tarefas (Número de respostas e tempo de reação dentro do esperado).

Seu tipo de percepção de mundo é global e abstrata (G%=55%, acima da média), sugerindo fuga, fantasia e visão infantil da realidade, sem prejuízo da percepção objetiva e adequada da realidade (D%=40%, dentro das expectativas). Já sua capacidade de análise e de senso de observação encontra-se rebaixada (Dd%=5%, abaixo do esperado).

Demonstra boas condições intelectuais, de imaginação criadora e de empatia (K=2, pouco abaixo da média, porém de boa qualidade), podendo estar sofrendo

inibição das mesmas devido à ansiedade situacional. O exame sugere alta expressão de ansiedade situacional, ou seja, sentimentos de insegurança, de desprazer, da tensão diante de uma barreira a ser transposta (4 respostas no espaço em branco, acima do esperado), podendo resultar em oposicionismo a si ou ao mundo externo (devido ao tipo vivencial ambigüal).

Seu tipo de vivência ambigüal sugere que tem características dos introversivos e dos extratensivos, podendo ter capacidade de lidar tanto com seu mundo interno quanto com as coisas do mundo externo, ou mesmo características de ambivalência, indecisão e bloqueio.

Sua forma de controle geral sobre suas reações afetivo-emocionais é basicamente racional, intelectual. Expressa controle demasiado, repressão dos afetos e emoções, com prejuízo na espontaneidade. Pode tratar-se de pessoa rígida, estruturalmente reprimida e repressiva ($F\%=60\%$, acima do esperado).

Verifica-se dificuldade no aspecto de precisão, coerência e organização de seu pensamento lógico, o que é comum ocorrer em pessoas com perturbação afetiva e emocional ($F+\%$ rebaixado, com aumento de $F+-$ e $F+-$). Sem prejuízo nas condições de perceber a realidade em consonância com as do grupo que pertence, o senso comum (respostas populares dentro da média).

O nível de aspiração, que é a ambição por crescer e progredir na vida pode estar sendo conduzida ao nível de fantasia, está além de sua capacidade de realização ($G:K=11:2$).

Oswaldo mostra característica de pessoa sem iniciativa, defensiva ($kan=0$, abaixo do esperado). Demonstra também dificuldade de lidar com conflitos internos (kob). Essa falta de iniciativa e sua defensividade compensam dominando a impulsividade e instabilidade dos impulsos internos em conflito.

O controle afetivo também se encontra em equilíbrio, indicando pessoa estável, adaptada e passível de estabelecer relações afetivas positivas ($FC > CF + C$).

Mostra capacidade de ver as coisas inteiras de forma espontânea ($H + A > Hd + Ad$), capacidade de relacionamento com as pessoas ($H\% = 20\%$, dentro do esperado), reconhecendo e interessando por si e pelos outros.

É esperado que todos tenham uma estereotipia necessária à vida, porém Oswaldo ultrapassa um pouco tal nível adequado, revelando pouca flexibilidade, estereotipia do pensamento, e pouca capacidade de adaptação ($A\% = 45\%$, acima da média).

Outros conteúdos, como Fogo e Explosão, sugerem descontrole emocional, incapacidade de adaptação afetiva e de relacionamento com as pessoas.

4.8.3. Organização do Ego

Ante as várias demonstrações de descontrole emocional, verifica-se que a tentativa de Oswaldo para manter a organização mental é através da repressão dos afetos ($F\%$ alto). No entanto, prevalece o descontrole emocional que afrouxa seu julgamento ($F+$ baixo).

A inibição também compensa no controle interno ($K = kob$, ausência de kan).

4.8.3.1. Incidência do Narcisismo

A angústia da perda do objeto, causada pela falta de formas das pranchas do Rorschach, tem a marca de uma ferida narcísica. Com o advento da repressão que é desencadeada pela angústia, há a possibilidade do deslocamento do objeto que permite, em nível imaginário, a satisfação narcísica. Ou seja, as respostas de forma pura e

populares, significam a emergência na recuperação dos padrões culturais, na adaptação e na eliminação dos sinais de angústia.

Além da repressão, se reconhece a angústia frente ao narcisismo nas respostas reflexo, uma forma de neutralizar a representação de relações. Uma conduta adaptativa de afirmação de uma identidade que engloba os dois protagonistas, evitando o confronto com a diferença e com o conflito pulsional. Verificado em resposta à prancha II: “Dois bichos, fazendo sombra, reflexo, não sei que bicho é”, a ênfase no reflexo.

Outra resposta especular, porém de forma indireta, na qual os verbos interativos ausentam-se, a percepção é compreendida como um todo, englobados em uma única função que os reúne, negando todo conflito entre eles foi dada à prancha III a seguinte resposta: “duas pessoas levantando alguma coisa”.

Em resposta à prancha VII também é verificado resposta de cinestesia de caráter idêntico das representações do humano, cinestesia remetendo a representações hipervalorizadas, o que caracteriza uma resposta narcísica: “Duas pessoas mandando beijo para outra”.

4.8.4. Capacidade de identificação e vinculação

Além do uso do narcisismo para manter sua identidade estável, é possível verificar-se no protocolo Rorschach como apresenta a capacidade de identificação e vinculação. Oswaldo demonstra interesse no humano, ou seja, em si e no outro ($H\%=20\%$) revelando sua capacidade no relacionamento humano. Mostra também capacidade de empatia, de imaginação criadora, mesmo havendo ansiedade situacional ($K=2$, índice abaixo do esperado, no entanto de boa qualidade).

4.8.5. Adaptação

Tal dado acima somado à capacidade de ver as coisas inteiras, assim como o controle afetivo demonstrado, sugere poder de adaptação ao meio externo ($K=2$ de boa qualidade; $H\%=20\%$; $H+A>Hd+Ad$; $FC>CF+C$).

No entanto, outros momentos da testagem sugerem descontrole afetivo (conteúdos de Fogo e Explosão), inflexibilidade ($A\%$ alto), ansiedade situacional elevada e oposicionismo (4 respostas Dbl) o que contribui para grande dificuldade de adaptação ao meio.

Na tentativa de controle intelectual sobre a ansiedade e a angústia da perda da forma, acabam prevalecendo a ansiedade e a angústia que fazem cair a qualidade da percepção, revelando a interferência do estado emocional sobre seu julgamento da realidade.

4.8.6. Considerações sobre o Participante 8

Oswaldo demonstra visão de conjunto exagerada, prejudicando sua capacidade de análise, contudo sem perder a percepção da realidade objetiva.

Mostra-se uma pessoa inteligente, criativa que pode inibir-se devido a influências da ansiedade e descontroles emocionais.

Através da repressão e inibição consegue manter o controle de reações impulsivas e emocionais, todavia concorrem a prejudicar a capacidade de adaptação e de relacionamento interpessoal.

Ou seja, mesmo demonstrando capacidade de relacionamento afetivo adequado, capacidade de adaptação, suas habilidades não são suficientes, havendo o afrouxamento do julgamento da realidade e apresentando momentos de descontrole emocional. Além de seu tipo vivencial que sugere ambivalência.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO:

ANÁLISE COMPARATIVA DOS DEKASSEGUIS

Durante a análise dos protocolos e a leitura das entrevistas, após um processo de comparação, contraste, análise e síntese do conteúdo das falas dos participantes, identifica-se alguns temas que podem ser agrupados por sua semelhança e pertinência dos conteúdos.

A Síndrome de Regresso (Nakagawa, 2002) proposta a ser verificada neste trabalho, por se tratar de um quadro confusional transitório no retorno desses trabalhadores ao Brasil, não pode ser afirmada nos protocolos destes participantes, por eles ainda não terem retornado ao Brasil e, portanto, não estarem experienciando as dificuldades do enfrentamento das problemáticas deste retorno. Os fenômenos que deveriam ser observados seriam: dispersão do pensamento; distanciamento afetivo; grande sensibilidade às diferenças; tendência autodestrutiva; perda de identidade; e tendência a repetir viagem para o Japão.

Pensando na possibilidade de estarem sofrendo deste estado confusional naquele momento de Imigração, os sintomas da dispersão do pensamento e distanciamento afetivo podem ser vistos nos protocolos Rorschach desta amostra, pela falha no julgamento preciso e coerente da maioria dos sujeitos entrevistados, devido ao predomínio do descontrole emocional, com exceção das participantes 5, Elis, que consegue manter o bom julgamento da realidade.

No entanto, todos apresentam alguma dificuldade para lidar com a afetividade, utilizando para isso o mecanismo da repressão dos sentimentos, distanciamento afetivo e relacional.

A experiência de e/imigração sugere para alguns estudiosos a perda de identidade, ou problemas de identidade. Por exemplo, o estudo realizado por Saito (1986, citado em Miura, 2004, p. 197) sobre a formação da auto-estima e do autoconceito, o qual mostra que a introjeção de dois sistemas de valores de culturas diferentes e, em certo sentido, contraditórios, contribuem para a constatação da fragilidade da identidade social e étnica desses indivíduos.

No entanto, não é o que vimos neste presente estudo. Como também não foi o que a própria Miura (2004) constatou em seu estudo sobre a identidade Dekassegui. A identidade não é algo homogêneo e estático, pelo contrário é dinâmico. Em suas palavras:

Parece que pelo fato de terem exercido outros tipos de papéis na vida, os dekasseguis acabaram por valorizar estes outros papéis capazes de lhes dar sustentação. A identidade é um jogo complexo de vários papéis, não só dos papéis atuais, pois os emigrantes não são exclusivamente dekasseguis, mas têm outras referências ligadas a outros papéis. (...) A identidade brasileira funciona como suporte para sobreviver ao desrespeito proveniente do status atribuído do migrante (Miura, 2004, p. 205).

O que permite essa estabilidade da identidade relatada acima é o jogo narcísico descrito por Sasaki (E.M., 2002), ou seja, quando há o choque cultural, onde se enxerga as diferenças com o outro, se desvaloriza o diferente, dependendo da circunstância, havendo a desvalorização do que lhe convém, para haver a valorização da origem/cultura que se quer resgatar. Nunca se completa, está sempre em processo.

O choque cultural sofrido por estes Dekasseguis pode ser claramente constatado nas suas entrevistas. O relato de sofrimento, frustração, descontentamento e, até mesmo, raiva perante a cobrança por respeito à hierarquia de posição na área de trabalho. Esse

respeito à hierarquia vem intrínseco na formação do japonês, desde sua mais tenra infância. E é o que se espera de quem vêm de fora, para viver dentro do seu país, requerem que vivam dentro de suas normas.

Por sua vez, o brasileiro se encontra sempre na defensiva, por medo de ser passado para trás. A cultura brasileira prega a igualdade de todos, não por ser algo efetivado e presente no dia-a-dia, nem como uma filosofia seguida, mas algo sempre na tentativa de lembrar a todos, devido ao constante esquecimento, na tentativa de solucionar a desigualdade social, discriminação, tão comum no cotidiano brasileiro.

O brasileiro no Japão, quando requisitado a respeitar hierarquia, sente-se discriminado. Frente à frieza emocional do japonês, sente-se rejeitado.

Essa realidade do dekassegui, a coexistência de formas culturais diferentes, contraditórias, num mesmo espaço e tempo (Kawamura, 2003) pode até fragilizar a identidade social e étnica do ser somente japonês ou somente brasileiro, mas faz emergir uma nova identidade dinâmica, pela aculturação, o dekassegui. Que busca além dos ideais materiais, os ideais existenciais.

As respostas no Rorschach dizem muito sobre a cultura do examinando. Os elementos do Rorschach que sofrem maior influência do meio circunstancial e cultural são os conteúdos (Vaz, 1997).

Em vários protocolos verificamos conteúdos de cunho cultural brasileiro ou japonês. Veremos primeiro as de conteúdo japonês.

Uma das respostas de Antônio à prancha II foi: “*Dois budinha, sentados assim, se dando as mãos, usando chapeuzinho*”. Lembrando que o budismo é uma religião difundida na Ásia. Aqui no Brasil foi muito difundida pelos primeiros japoneses imigrantes.

Outra resposta que revela cultura japonesa foi a de Ângela à prancha IV: “*Dois carinhas, igualzinho, se meu filho visse falaria que era Obake isso aí, meio assustador*”. A palavra *Obake* significa fantasma, espírito. As crianças no Japão costumam brincar com seus amigos de imitar *obake* fazendo caretas para assustar o outro.

Oswaldo também mostra sua aculturação na prancha VIII: “*Parece rosto de uma pessoa com armadura*”. No inquérito “*sabe aquela armadura de samurai, aqui (Japão) se vê bastante, só aqui (prancha), olho, nariz e boca*”. Os samurais foram os antigos soldados dos senhores feudais no Japão Antigo, cuja história é lembrada até os dias atuais, devido à peculiaridade de seu Código de Honra, ética e moral no servir.

Passando agora às respostas que revelam a cultura brasileira, vemos ainda no protocolo de Oswaldo, na décima prancha: “*Uma máscara de carnaval*”. Todo o ano vê-se a importância do carnaval para a cultura e economia brasileira. Observa-se como é fácil para qualquer um no mundo relacionar o Brasil ao carnaval.

Com similar resposta, contendo o mesmo conteúdo, descrevemos a resposta de Marisa, também na prancha X: “*Parece uma máscara, que tem olho, bochecha vermelha e essa parte você segura. Tipo carnaval, uma coisa bem colorida. Olho, boquinha, nariz tampando, penas, folhas, outras coisas coloridas, brilhante azul, tudo ligado para segurar nessa parte aqui, tudo ligado um no outro*”.

No protocolo de Elis, a única sem descendência japonesa, verificamos conteúdo cultural numa resposta à quarta prancha: “*(...) Parece um tamanduá a cabeça, só a cabeça*”. O tamanduá é um animal encontrado na América Central e do Sul. São muito comuns no Brasil e frequentemente ouvimos falar do perigo de extinção de uma das espécies típicas brasileiras, que é o tamanduá-bandeira.

Não somente nos protocolos Rorschach, mas nas entrevistas observa-se a constante diferenciação e identificação cultural. A constante valorização do brasileiro e desvalorização do japonês. Estes aspectos são evidenciados nas falas de Simone:

(...) ouve-se tantas coisas sobre o Japão, que os japoneses eram ruins. (...) sabia que trabalhar no Japão não era fácil. (...) custo de vida no Nihon (Japão) é muito caro, para sobreviver é difícil. (...) aqui (Japão) também percebi que se você está bem em algum lugar, tem sempre alguém querendo o seu lugar, se você der uma chance, ela passa a rasteira em você. Faz sua caveira e você acaba se ferrando. No serviço, no próprio trabalho, aqui temos poucos amigos, só colegas de trabalho (...) O que temos no Brasil, não tem aqui, amizade sincera. Os brasileiros aqui mudam completamente, ficam mais gananciosos, não pensam na pessoa que está do lado, pensam neles só (Simone, 45 anos).

Estas manobras psíquicas podem ser pensadas da seguinte forma: neste impacto sofrido pela emigração, o dekassegui rompe seus laços sociais e volta-se para si mesmo investindo libidinalmente o eu e os objetos nele internalizados. Excluindo os objetos externos que representam o Brasil e o brasileiro, o dekassegui fica psiquicamente ligado aos objetos internos idealmente preservados. O Brasil e os brasileiros são, quando se encontra no Japão, extensões do seu eu idealizado. E vice-versa, quando retorna ao Brasil, o Japão e os japoneses tornam-se prolongamentos do seu eu. Então, esses objetos são narcisicamente mantidos como ideais, ou seja, o dekassegui exclui os fatores negativos de sua vida no Brasil ou no Japão (Carignato, 2004).

No Japão, como dekassegui, sentimos falta dos amigos, do companheirismo brasileiro, do tempero da comida, de alguns pratos típicos, etc. No Brasil, lembramos da tranqüilidade, organização, limpeza, segurança, tecnologia e da vida em torno do trabalho no cotidiano japonês. E ainda, em contraposição, o Brasil se destaca pelo

desemprego, caos, violência e agitação. Voltando-se narcisicamente para os ideais de segurança, conforto infantil, o ex-dekassegui não luta por seu espaço de atuação.

Nessas constantes idas e vindas, os dekasseguis constroem de forma falha o seu espaço psíquico prejudicando a inserção seja na sociedade de imigração seja na de emigração. Cada vez que ele vai e volta, perde os vínculos que estabelece precariamente nessas mudanças (Carignato, 2004).

Talvez esses investimentos psíquicos estão refletidos no alto índice de respostas globais, um alto investimento na fantasia, na idealização do espaço psíquico.

A dificuldade de relacionamento verificada nas perdas dos vínculos constitui uma barreira para encontrar emprego e se manter nele. O ex-dekassegui se sente um estrangeiro no local de trabalho, sentimento de não pertencimento. É dedicado, esforçado, mas mostra-se apático e inibido até para buscar informações e auxílio com os colegas para executar suas tarefas. Sua aparência anônima, sem expressão, sem voz e sem lugar é característica de passageiros em trânsito (Carignato, 2004).

Essa inibição pode ser verificada em todos os protocolos, vista na baixa incidência de respostas de movimento humano. Tais respostas configuram o mundo interno da pessoa, sua capacidade criadora, a espontaneidade, o poder de adaptação ao meio externo, capacidade de empatia e das funções integradoras da personalidade (Vaz, 1997). Sua pouca incidência é freqüente em casos de pessoas ansiosas, inibidas, depressivas, pouco inteligentes, tensas ou, estendendo ao que Carignato (2004) diz ser característica de passageiros em trânsito.

Outro aspecto a ser levantado seria de como o dekassegui lida com a situação de angústia que a situação de teste, uma situação de novidade, lhe proporciona. Quais suas manobras psíquicas, capacidades de adaptação, etc. Um dos mecanismos de defesa ao qual nos atentamos é a defesa narcísica. As condutas narcísicas podem constituir um

patamar de ajuste, sendo transitória, ou podem concorrer para uma inibição global quanto aos movimentos pulsonais. Como já dito, o investimento narcísico (excessivo, falho ou suficiente) constitui um fundamento primordial da psique. Espera-se encontrar seus traços, marcas ou obstáculos em toda organização mental, patológica ou não (Chabert, 1993).

Pensando nisso, quais são as manifestações narcísicas dos Dekasseguis frente às angústias, quando estão enfrentando situações de adaptação ou readaptação, ou melhor, às constantes situações de novas adaptações?

No protocolo de Adriana, frente à prancha II é relatada uma resposta de Reflexo: “Esse é tipo, parece um espelho, que o cara ta encostado, tipo reflexo”.

Antônio também se utiliza da defesa narcísica na oitava prancha: “Um bichinho de 4 patas, em cima de uma pedra e um reflexo, refletindo a imagem dele (?) Formato dele, animal carnívoro, formato agressivo”. A tentativa de neutralizar o conflito e agressividade que lhe trazem angústia.

Na testagem de Oswaldo vê-se a mesma conduta, também na prancha II: “Dois bichos, fazendo sombra, reflexo (?) patinha, rabo, olho vermelhinho, focinho, orelha, boca vermelhinha”. A boa configuração da Forma sobrepondo à Cor revela um bom equilíbrio entre razão e emoção, seus sentimentos não desestruturam seu intelecto, frente ao caos. Ou seja, denota que Oswaldo fez um bom, adequado, uso da defesa frente a essa nova situação.

O investimento narcísico garante a identidade da pessoa ao afirmar as barreiras entre dentro e fora, ao assegurar a defesa das fronteiras do Eu, o que evita a confusão com o outro. Tais imagens especulares têm o objetivo de reunir em um aquilo que poderia ser dois, separado, em interação. Uma conduta adaptativa de afirmação de uma

identidade que engloba os dois protagonistas, evitando o confronto com a diferença e com o conflito pulsional (Chabert, 1993).

A nível de modo de apreensão, Sugarman e Grala (em Chabert, 1993, p. 83) observam, nos protocolos dos sujeitos narcísicos, uma maioria de respostas globais não articuladas, vagas, mostrando dificuldade de integração e de síntese destes sujeitos.

O que é apresentado em todos os protocolos dos 8 participantes, a predominância de respostas globais com prejuízo na capacidade de análise e reflexão.

Essa alta incidência de respostas globais e abstratas sugere fuga da realidade, visão infantil da realidade. Comparando com a baixa ocorrência de características de capacidade criadora, de adaptação ao meio externo (movimento humano), é possível afirmar que o índice de aspiração está conduzido ao nível de fantasia. Ou seja, as aspirações, ambições de todos os participantes está muito além de suas capacidades de realização.

Essa característica do abstratismo também pode ser devido aos investimentos internos que o imigrante tem que fazer para manter sua identidade estável e coesa, afastada da angústia.

A problemática está em que ao neutralizar a angústia, reprimindo a expressão da representação de relações, ou seja, reprimindo a resposta de movimento humano em interação está demonstrando falta de dinamismo, dificuldade de identificação ou de busca de identificação. Os conteúdos das respostas de movimento humano dariam possibilidade de apreciar as motivações inconscientes e sua intensidade, permitindo que as motivações sejam canalizadas em expressão parcial, suficientemente aceita pelo ego. Já sua baixa incidência demonstra a baixa motivação dos sujeitos analisados.

Na análise dos dados dos participantes, para este presente trabalho, torna-se importante verificar como se apresenta a capacidade de adaptação.

A alta incidência de respostas Animal verificada nos protocolos dos participantes 1, 3, 4, 5, 6 e 8 remete a uma estereotipia do pensamento, o que dificulta a adaptação ao meio, pela pouca flexibilidade. Já as participantes 2 e 7 mostraram a estereotipia necessária a adaptação ao cotidiano.

As respostas populares são interpretadas como a habilidade, as condições que a pessoa tem para perceber as coisas, a realidade, em consonância com as do grupo humano a que pertence. Essa capacidade de correspondência com o senso comum foi demonstrado nos protocolos 2, 3, 4, 6, 7 e 8. No protocolo da primeira participante o índice de respostas populares foi baixa indicando que a dificuldade afetiva interfere na visão crítica e objetiva da realidade, ou seja, dificuldade de adaptação a situação do dia-a-dia. Já a participante 5 apresentou nível alto de respostas populares denotando passividade na relação com o outro, subordina sua vontade às vontades do outro.

No geral, pode-se dizer que as resistências e controles estão influenciando as condições de relacionarem-se bem e a capacidade de adaptação ao meio-ambiente.

Como dito acima, a dificuldade de relacionamento/perda de vínculos, baixa motivação constituem uma barreira para encontrar emprego e se manter nele, uma das maiores queixas dos dekasseguis brasileiros ao retornarem do Japão.

CAPÍTULO VI

CONCLUSÃO

Verifica-se que as resistências e controles, a forma de ver o mundo global e abstrata compensam para manter a organização de ego, mesmo havendo presença de descontrole emocional. Mas ao custo do prejuízo das condições de relacionar-se bem com o outro e da adaptação adequada ao meio.

A questão de diferenças encontradas na análise dos oito protocolos de Rorschach deste trabalho se deve à grande diferença na história de vida de cada um. Embora existam muitos pontos em comum entre os dekasseguis, há muita variedade de experiências entre eles.

Talvez para um estudo mais aprofundado e para se reconhecer tais diferenças, seria necessária a análise temática, ou seja, a análise do significado que cada prancha desperta. Uma análise prancha a prancha de todos os protocolos.

A prancha principal deveria ser a VII, devido ao seu significado materno. Verificaríamos a busca do ideal materno, primário perdido.

No momento da defesa, emergiram idéias, debates e questões acerca do tema/drama Dekassegui. O modo de percepção de mundo fantasioso e idealizado dos nossos participantes poderia ser comparado ao “sentimento oceânico” das teorias freudianas e isto poderia ser abordado e discutido nos próximos estudos. A relação de sofrimento e prazer na busca da felicidade.

Outro estudo posterior que poderia ser feito seria aplicação e análise de protocolos Rorschach de dekasseguis que retornaram ao Brasil, que estariam enfrentando a situação de retorno, ou seja, de readaptação, para ser verificada a possibilidade de Síndrome do

Regresso. Até mesmo para compararmos as duas situações de busca de trabalho em um novo país e de retorno, ou seja, adaptação e a readaptação. Para manter um grupo de controle poderia também ser realizada a aplicação em seu determinado grupo étnico que nunca passou pela experiência de kassegui.

Talvez para se verificar como a Síndrome do Regresso aparece no Rorschach, poderia ser feita a aplicação em pacientes com queixa de problemas de saúde mental, como os sujeitos do estudo do psiquiatra Décio Issamu Nakagawa.

Em sujeitos não psiquiátricos seria maior a oportunidade de verificar experiências bem sucedidas. Onde seria maior a possibilidade de haver sujeitos resilientes. Quando uma pessoa mostra-se capaz de adaptar-se ao meio, cujo meio apresenta-se permeado de dificuldades, diz-se desta pessoa que se trata de um sujeito resiliente. A resiliência é um termo oriundo da Física, que significa capacidade de um material absorver energia, ou impacto de outro corpo, sem sofrer deformação plástica ou permanente (Yunes, 2003).

Yunes (2003) fala sobre o termo na Psicologia. A resiliência significa resistência ao estresse, capacidade de adaptação e ajustamento. A habilidade que o sujeito resiliente tem em superar adversidades, traumas ou situações de risco sem ser atingido físico ou mentalmente.

Como ocorreu em tantos estudos sobre a identidade do de kassegui, procurando haver perda de identidade, ou seja, identidades “vazias e desamparadas”, ocorrendo o contrário, foram encontradas “identidades ótimas” (Miura, 2004), apesar das condições de um trabalho braçal, repetitivo e monótono.

Mesmo havendo diferenças no trajeto de vida de todos os participantes, diferença na experiência de ser de kassegui, pode ser visto que todos os participantes convivem com pelo menos um familiar em seu cotidiano. O que auxiliaria a não romper totalmente os laços sociais.

Ou talvez, dentro da teoria freudiana, a própria realização da viagem anteriormente idealizada e por tanto tempo inatingível, distante, faz com que se sintam um herói que alcançou inimaginável grandeza. A motivação se deve ao desejo de escapar das pressões e insatisfações com a casa, a família.

Outra discussão levantada durante a defesa foi quanto ao baixo número de respostas apresentado em todos os protocolos. Vimos duas possibilidades: ou se deve ao cansaço dos participantes, devido ao teste ter sido aplicado após uma semana de árduo trabalho, ou talvez devido ao próprio tipo de trabalho, no qual a peça chega-lhe em suas mãos, o sujeito realiza a sua parte de encaixar uma peça e/ou analisar sua estética e recoloca a peça na cadeia de produção para que o próximo trabalhador faça sua parte seguinte, ou seja, o sujeito poderia estar tratando as pranchas de teste como seu trabalho do cotidiano, pegando a prancha, realizando sua tarefa única e passando para a peça/prancha seguinte.

Nestas análises posteriores à defesa, levantamos o questionamento de até que ponto essas características de passageiros em trânsito não seria uma identificação com os “pais”. Visto que tudo começou com os primeiros japoneses que vieram ao Brasil, ou mesmo, com aqueles que já faziam as migrações entre as regiões dentro do próprio Japão.

Isto faz com que pensemos em características de sujeitos em situação de migração, não importando sua origem. Como mostra o estudo de Ginsberg (1964), no qual a autora fez um estudo de imigrantes no Brasil pegando uma amostragem representativa da população estrangeira no Brasil. O interessante neste estudo é que foi diferenciado os dados da pesquisa em relação aos grupos de adaptação: grupo de adaptados ao Brasil; grupo de superficialmente adaptados ; e grupo de não-adaptados.

No estudo de Ginsberg (1964) foi verificado uma predominância de tipo de vivência extratensivo, sem diferenciar o grupo de adaptação. Neste nosso estudo, embora a amostra não seja representativa, verifica-se também uma maioria de tipo vivencial extratensivo.

Tal obra de Ginsberg, acima mencionado, traria muito enriquecimento ao nosso trabalho visto que além do Rorschach, ela utilizou outros testes como o T.A.T. e entrevista diferenciada. Tendo uma grande variabilidade de dados que podemos comparar posteriormente.

Este trabalho deixa como contribuição as reflexões acerca do peso da cultura, as facilidades e dificuldades herdadas na identificação com as mesmas. E pensando nisso, surgem algumas sugestões práticas a realizar para facilitar a adaptação ao novo meio, como fornecer previamente informações sobre o mercado de trabalho das diversas zonas para a qual o migrante deseja ir, para que ele reflita sobre as exigências profissionais e culturais do meio desenvolvido de forma diferente de seu lugar de origem (tanto serve para a ida ao Japão ou o retorno ao Brasil).

Quem sabe, os candidatos a migração deveriam ser submetidos a provas psicológicas de nível mental e de personalidade, para eliminar elementos que devido aos problemas pessoais ou ao seu nível insuficiente não vão poder alcançar uma flexibilidade suficiente para uma boa adaptação.

O próprio governo japonês já está fazendo algumas restrições pensando em um trabalhador mais adaptável, já estão exigindo fluência oral e algum conhecimento da escrita japonesa. Estão dificultando a entrada dos descendentes mais distantes, os de terceira e quarta gerações, considerados muito ocidentalizados, como que culturalmente analfabetos, costumes perdidos.

Ou seja, seria necessário um trabalho anterior à migração, preparação deste trabalhador quanto à língua e costumes do país onde se deseja trabalhar, além do preparo profissional. Ou seja, criação de órgãos que tenham serviços de orientação profissional, cultural, psicológica e assistência social ao migrante.

Não é raro encontrarmos no Japão imigrantes possuidores de diploma profissional, no Brasil, exercendo trabalho como operário em fábricas. Se para o trabalho no nível operário, o analfabetismo cultural é tão evidente, sabemos o quão distante está a possibilidade de revalidação de diplomas no Japão.

Mesmo havendo a satisfatoriedade econômica e também de uma nova terra com paz e liberdade, um item fundamental na adaptação ao novo meio é o reconhecimento e a ascensão sócio-profissional.

Assim como em outros estudos sobre migração, vemos que a flexibilidade e persistência são qualidades necessárias para uma boa adaptação. Os sujeitos melhores selecionados e preparados (tanto na ida, como no retorno) integrar-se-iam melhor, mais facilmente e profundamente ao novo meio.

Pensando em todas as contribuições discutidas até então, tais noções podem ser compartilhadas pela e para a Psicologia, a Psiquiatria, a Antropologia, a Sociologia e, quem sabe, o Direito.

Finalizamos este trabalho, com o desejo de ter contribuído para a melhoria da qualidade de vida de nossos semelhantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Adrados, I. (1980). *Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial*. Petrópolis: Vozes.
- Anzieu, D. (1981). *Os métodos projetivos*. Rio de Janeiro: Campus.
- Augras, M. R. A. (1969). *Teste de Rorschach: Atlas e dicionário*. Rio de Janeiro: FGV.
- Amaral, A. E. de V. (2004). O Método de Rorschach e a psicopatologia fenômeno-estrutural. *Estudos de Psicologia*, 21 (1):73-81. Campinas: Estudos de Psicologia.
- Bassit, W. (1992). *Caos, fractal e psiquiatria*. S.Paulo: Temas.
- Carignato, T. T. (2002). Por que eles emigram? Em T. T. Carignato, M. D. Rosa & R. A. Pacheco Filho (Orgs.), *Psicanálise, cultura e migração* (Pp. 55- 66). São Paulo: YM Editora & Gráfica.
- Carignato, T. T. (2004). O lugar do sujeito nas migrações contemporâneas: a experiência de kassegui. Em S. D. DeBiaggi & G. J. Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (Pp. 227-248). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Chabert, C. (1993). *A psicopatologia no exame de Rorschach*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

DeBiaggi, S. D. (2004). Homens e Mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam do EUA para o Brasil. Em S. D. DeBiaggi & G. J. de Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (Pp. 135-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Doron, R. e Parot, F. (1998). *Dicionário de Psicologia*. São Paulo: Ática.

Furtado, O. (2005). *As Dimensões Subjetivas da Realidade*. (Texto pessoal apresentado à turma em 11 de agosto de 2005) Brasília, UnB.

Ginsberg, A. M. (1964). Um estudo psicológico de imigrantes e migrantes. *Revista de Psicologia Normal e Patológica*. Ano X. São Paulo: Números 1-2.

Guattari, F. (2000). *Micropolítica – cartografias do desejo*. São Paulo: Vozes.

Hall, S. (2005). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10ª. Edição. Rio de Janeiro: DP&A.

Hashimoto, F. (1995). *Sol Nascente no Brasil: cultura e mentalidade*. Assis: HVF Arte e Cultura.

Kawamura, L. K. (2003). *Para onde vão os brasileiros? Imigrantes brasileiros no Japão*. 2ª. Edição revisada. Campinas: Editora da UNICAMP.

Minayo, M. C. S. (1992). *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo-Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco.

Miura, I. K. (2004). Dekasseguis: Relatos de identidade a partir da experiência de trabalho temporário no Japão. Em S. D. DeBiaggi & G. J. de Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (Pp. 191-208). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Nakagawa, D. I. (2002). Migração e saúde mental. Em T. T. Carignato, M. D. Rosa & R. A. Pacheco Filho (Orgs.), *Psicanálise, cultura e migração* (Pp. 221- 225). São Paulo: YM Editora & Gráfica.

Paiva, G. J. (2004). Aspectos da Teoria do Equilíbrio, de Heider, em duas subculturas étnicas brasileiras. Em D. DeBiaggi & G. J. de Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (Pp. 83-95). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Rorschach, H (1974). *Psicodiagnóstico* (M.S.V. Amaral, Trad.) São Paulo: Mestre Jou.
(trabalho original publicado em 1962)

Rossini, R. E. (1995). O Retorno às Origens ou o Sonho do Encontro com o Eldorado: o exemplo dos dekasseguis do Brasil em direção ao Japão. Em N. L. Patarra (coord.), *Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo* (pp 104- 109). São Paulo: FNUAP.

Sasaki, E. M. (2002). Dekassegui: um jogo identitário. Em T. T. Carignato, M. D. Rosa & R. A. Pacheco Filho (Orgs.), *Psicanálise, cultura e migração* (Pp. 29- 54). São Paulo: YM Editora & Gráfica.

Sasaki, E. M. (2004). A questão da identidade dos brasileiros migrantes no Japão. Em D. DeBiaggi & G. J. de Paiva (Orgs.), *Psicologia, E/Imigração e Cultura* (Pp. 209-226). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Sasaki, R. K. (2002). Os problemas que envolvem os trabalhadores brasileiros no Japão. Em T. T. Carignato, M. D. Rosa & R. A. Pacheco Filho (Orgs.), *Psicanálise, cultura e migração*. (Pp. 239-256). São Paulo: YM Editora & Gráfica.

Silva, M. D. V. (1987) *Rorschach – Uma abordagem psicanalítica*. São Paulo: EPU.

Trinca, W. (1984) *Diagnóstico psicológico. A prática clínica*. São Paulo: EPU.

Vaz, C. E. (1997) *O Rorschach. Teoria e desempenho*. 3ª. ed. São Paulo: Manole.

Yunes, M. A. M. (2003) Psicologia Positiva e Resiliência: O foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo num. esp. Pp. 75-84. Maringá: V.8.*

ANEXOS

ROTEIRO DE ENTREVISTA

- História de vida

- Identificação (Nome, idade, filiação, lugar de origem, etc);
- Dados da Infância (desenvolvimento, possíveis doenças, dados importantes);
- Família (dinâmica da família durante as várias fases da vida, o histórico da família, os antecessores, cotidiano);
- nível sócio-econômico (se houve mudanças. Qual época da vida);
- escolaridade;
- outras fases da vida (adolescência, fase adulta, fatos marcantes);

- Vida no Japão

- Motivação (como aconteceu a escolha, em qual momento da vida, motivos, buscas);
- Cotidiano (o que e como enfrentou no início. O que e como enfrenta atualmente. O que mudou. O trabalho. A hora livre);
- Expectativas (no dia-a-dia no Japão. Expectativas no Retorno ao Brasil. Planejamentos).

TERMO DE CONSENTIMENTO

Instituição: Universidade de Brasília - UnB - DF - Brasília - Brasil

Título do projeto: Vivências de Dekasseguis apreendidas através do Psicodiagnóstico de Rorschach

Pesquisadora: Yassue Inuzuka

O propósito desta pesquisa científica é investigar a realidade da saúde mental dos trabalhadores brasileiros no Japão, além de procurar compreender como esses trabalhadores vivenciam certas ansiedades e angústias inerentes no cotidiano de trabalho e quais são os sentidos e significações pessoais que dão para estas situações.

Para tanto, será realizado um encontro da pesquisadora com o participante com intuito de investigar a disponibilidade do trabalhador e a intenção de participar da pesquisa. Estando o participante de acordo, serão feitas uma entrevista individual semi-estruturada e a realização de um método de investigação psicológica com o participante para apreender as vivências de cada trabalhador.

Os benefícios desta pesquisa serão o de proporcionar aos trabalhadores uma maior consciência sobre a saúde mental dos mesmos e o sofrimento psíquico a que estão sujeitos no cotidiano de trabalho.

Este TERMO, em duas vias, é para certificar que eu, _____

_____ ,
concordo em participar na qualidade de voluntário do projeto acima mencionado.

Estou ciente de que serão feitas transcrições das falas e que alguns pesquisadores poderão conhecer o conteúdo para discutir os resultados, sendo que estes também estão submetidos às mesmas normas da confidencialidade e do sigilo profissional da área. Estou ciente, também, que ao término da pesquisa, as fitas serão apagadas e que os resultados serão divulgados academicamente (defesa da dissertação, publicações de artigos, etc), porém sem que haja qualquer identificação individual.

Estou ciente, ainda, de que sou livre para recusar a dar respostas a determinadas questões durante as entrevistas, bem como retirar meu consentimento e terminar minha participação a qualquer momento sem penalidades, porém com comunicação prévia.

Por fim, sei que terei a oportunidade para perguntar sobre qualquer questão que eu desejar, e que todas deverão ser respondidas a meu contento.

Nome: _____

Assinatura: _____

Entrevista nº: _____ Local: _____

Data: _____

Psicóloga Yassue Inuzuka, Mestranda – UnB - Pesquisadora. Fones: (55-62) 8412-8219/ 09064636588. E-mail: yassue@gmail.com

Prof. Dr. Norberto Abreu e Silva Neto - UnB – Orientador. Fones: (55-61) 3307-2625. E-mail: norberto.abreu@uol.com.br

Simone – participante 1

<p>Pr I 7" Morcego... morcego (ri), coelho... (olha atrás) tudo misturado... besouro... ^v três figuras numa só... besouro, morcego e coelho. Esquisito! Só. 50"</p>	<p>GF+A-Popular G/F+A DF+A</p>	<p>(morcego) As asas principalmente e esse negocinho aqui (aponta), o que tem lá? Anteninha... orelhinha... (coelho) Tirando esse negocinho, patinha e orelha. (besouro) Essa parte do meio né.</p>
<p>Pr II 5" Parece um esquilo. Hm, dois esquilos dançando. É só isso que vejo aqui... Uma pessoa chorando, gritando. ^ é... só isso. V 55"</p>	<p>DGF+Kan+A GDbIF+-H</p>	<p>(esquilos) parece dois esquilos, patinha, orelhinha, patinha aqui em baixo, só. (pessoa) rosto, olhos, lágrimas e boca.</p>
<p>Pr III 3" Duas pessoas. Como que fala? Com as duas mãos em cima de uma mesa. ^ Assim, parece um monstro. Monstrinho, não sei qual, com gravata borboleta (ri). Siri também. Só isso. 50"</p>	<p>DGF+HObj GF+-(A) GF+-A</p>	<p>(pessoas) Formato, duas cabeças, mãozinha, perna deles e uma mesa. (monstrinho)^ Monstrinho mesmo, as patas (siri) e olhando parece um siri também, porque olha as garrinhas dele. Só.</p>
<p>Pr IV 13" Hm. (afasta) Não sei o que parece... Monstrengo em filme de terror. Parece isso. A única coisa que vem na minha mente é isso. Duas pernas, sem braço, um rabo e sem cabeça. ^ Virado do</p>	<p>GF+-(A)</p>	<p>(monstrengo) É... só isso mesmo... (circula)</p>

<p>contrário, não sei não. Só isso que vejo mesmo. 1'10"</p>		
<p>Pr V 2" Borboleta com corpo de lesma. (ri) Nunca tem uma coisa bonita não? Cabeça de lesma, corpo de borboleta. ^ Pterodátilo (olha atrás) 50"</p>	<p>GF+A – contaminado GF+A RA: GF+A – Popular</p>	<p>(borboleta) Por causa da antena, parece uma lesminha. ^ virando parece um pterodátilo. Asas, bico do bicho, rabo em forma de, ou melhor, as patas dele. Aqui (Pr) parece uma coisa, mas no pequenininho parece um morcego (FL), diferente que eu vi.</p>
<p>Pr VI Hm. Ai, não sei o que é não. Parece, não tem forma, nadinha que lembre nadinha. Não tem formato essa figura. ^v^ Parece uma mancha mesmo. Não parece nada pra mim não. ^v@ parece nada não. 1'</p>	<p>GF-Mancha</p>	<p>Não vejo nada. Não tem nada pra tirar. Nem aqui (FL).</p>
<p>Pr VII 3" Duas mulheres dançando, índias ainda. Só isso. 20" RA ^ Duas mulheres dançando, sabe canção. De ponta-cabeça é uma, vira é outra, ó (ri).</p>	<p>DGF+K+H RA: DGF+K+H</p>	<p>As duas índias. Isso aqui parece uma pena né. As roupas que elas usam parecem também. Só. E as bailarinas de canção. Roupas, pernas e o cabelo que usavam na época.</p>
<p>Pr VIII ^<> Duas hienas, sabe? Quando tão subindo o morro? Só isso. Agora assim, virando v, parece uma caveira de humano... não é não... Caveira de monstinho. ^ Só.</p>	<p>DGF+Kan+H – Popular GF+-(Hd) - desvitalizado</p>	<p>^ Muito claro (FL), duas hienas de ladinho. V Caveira do monstro. Formato, parece uma mandíbula (aponta no verde). (FL) Não dá para ver as hienas, só a caveira.</p>

55"		
Pr IX 40" Hm... V^V Isso aqui não tem forma pra mim não. Só manchas de cores. Sabe quando você vai jogando no papel (faz gesto)? ^V Interessante viu, essas coisas aqui. Não tem mais nada. 50"	DGCF-Mancha	Nessa (FL) não vejo nada, nadinha, mesma coisa. Não vejo nada nesse, nem na folha.
Pr X 30" Hm hm... ^v não tem forma pra mim não. Parece que alguém jogou tinta. Não tem forma pra mim não. ^v@ ou to muito cega ou não to vendo nada não, só mancha de tinta. 50"	DGCF-Mancha	Aqui (FL) não vejo nada, pior ainda. Não vejo nada.
+ gostou: VII, - gostou: VI, IX, X		

Adriana – participante 2

Pr I 17" Um inseto, bicho, sei lá. Só, um bicho do muito esquisito. 35"	GF+-A	(aponta parte central)Parte do corpo, (superior) boca, (laterais) asas. (?) Principalmente o corpo
Pr II 10" Esse tipo parece um espelho que o cara ta encostado, tipo reflexo. 30"	DGF+H - Popular	Mão, perna e o homem em si. Os dois são iguais.
Pr III 10" (ri) Dois garçons segurando uma mesa num salão, mais ou menos isso. (ri) Só que parece meio pornográfico. 50"	DGF+C'KHSex - popular	Mesa (central), uniforme por ser preto. Isso aqui parece ser pinto, <i>gomennasai</i> (me desculpe), mas parece.
Pr IV 10" Pé grande, sentado, sei lá, já to vendo coisa demais, sei lá. Acho que é só (ri), acho que to meio dopada, sei lá. 32"	G/F+- (H)	Mais pelo pé que parece isso aqui e tipo porque não tem um rosto que parece feição humana, acho que é isso. (exceto parte inferior central)
Pr V 5" Ah, esse é um morcego. Só. 15"	GF+A - Popular	Pelas asas, pelas orelhas e pelos pezinhos.
Pr VI 8" Um instrumento musical meio estranho, tipo violoncelo. Só. 25"	G/F+-Obj	Por ele ser comprido, só esse negócio aqui do lado, achei estranho, mas de resto parece.
Pr VII 5" Duas meninas, duas mulheres, só. 20"	DGF+H - popular	Primeiro por causa do vestido, essa parte e outra por causa do cabelo, acho que só.
Pr VIII 20"	GF+-Kan+ANat	Em cima de umas pedras, algo assim.

<p>Parece duas hienas, tentando subir em algum lugar para pegar alguma coisa, algo que eu não sei. 30"</p>		<p>Fiquei em dúvida se era hiena ou urso, mas pelo comprimento parece, não sei explicar.</p>
<p>Pr IX 20" (ri) Um alienígena, muito esquisito, solta fumaça verde pela boca e fumaça vermelha pelo olho. Ninguém merece o que eu to falando. Você deve escutar cada coisa, pior eu que estou falando besteira. 1'15"</p>	<p>GF-CKob(H) – confabulação</p>	<p>Boca, nariz, olho, cabeça (superior) e parte do ombro (inferior). Por causa do nariz, de tudo, cara de humano ele não tem.</p>
<p>Pr X 15" (respira fundo) Parece mais uma briga. Entre dois homens e alguns bichos em volta. 45"</p>	<p>DF-+K-H DF+-A</p>	<p>Um ta indo pra cima do outro. (?) Por causa do... como vou falar? Não sei explicar, pernas, parte do corpo, cabeça, acho que isso. (bichos?) tem olho, boca e os braços, acho que só.</p>
<p>+ gostou: IX, VII - gostou: IV, III</p>		

Antônio – participante 3

<p>Pr I 40" Que que é isso? ^v< não sei que é isso não. ^ morceguinho ou borboleta assim, alguma coisa desse tipo, duas asinhas, tipo uma borboleta. Morcego? Oh louco, é um morceguinho. 1'05" Se bem que isso não tem forma. É um desenho, isso aqui?</p>	<p>(Choque) GF+A – popular</p>	<p>morceguinho: morcego tem garra (?) formato, algo, não sei, primeira coisa que vem na cabeça. A asa. (aponta o detalhe superior) asa do morcego vai pra cima assim, não é. Como passarinho que vai pra trás, então a única coisa que deu pra tirar, lembrei de morcego.</p>
<p>Pr II 17" Meu Deus do céu (ri)! Parece um rosto de alguém, parece dois olhos vermelhinhos, bochecha e um animal de pêlo (passa o dedo), é... e... um animalzinho de pêlo. 55"</p>	<p>(choque) GF-CH GFEA RA: DGF+K+H</p>	<p>Tipo de um urso, bochecha peluda, cabeça bem grande, nariz, boca, traços de bochecha, impressão de pêlo (passa mão) e os olhos. (?) mais essa bochecha aqui. Se bem que dá pra tirar várias formas. RA: dois budinha sentado assim se dando as mãos usando chapeuzinho. Dá pra tirar um monte de coisa né, é só isso...</p>
<p>Pr III 20" Credo, que coisa feia! Vixi Maria, que é isso? Um etezinho isso aqui. v Parece um sapinho assim. Nada a ver com sapo né? É, é isso. Que desenho louco né. ^ (ri) Cada desenho. 1'15"</p>	<p>(choque, desvalorização) GF-(H) GF+-A (crítica) RA: DGF+H</p>	<p>v Sapinho, se bem que parece um etezinho assim ^. Etezhinho, anteninha, dois olhos, nariz, formato da boca. Sapinho: duas patinhas, olhos, cabeça visto de cima. Esse rosa ta meio... RA: também dá pra tirar duas mulheres, as pernas, braços. Duas cabeças, os seios aqui, os braços, as perninhas, só, sei lá.</p>
<p>Pr IV 1'45" Credo, que que é isso? Isso aqui é desenho é? <v<^ não sei que é isso</p>	<p>(Choque) (Rejeição)</p>	<p>> Esse negócio aqui parece alguma coisa? Parece com nada né. v Não parece com nada para mim. (tapa metade)</p>

<p>não, não parece com nada. v Parece com o que? (expressão de dificuldade) ^não tem forma de nada isso aqui ne. Isso aqui para mim não é nada, não sei o que é isso não heim. v Não tem nada, forma de nada e um borrão. Treco estranho. 2'00"</p>		Tsc, tsc.
<p>Pr V 6" Ah, esse aqui é uma borboleta. v Uma borboletinha. Essa foto é bonita heim. Uma borboleta. 30"</p>	GF+A – popular (Valorização)	v Borboleta né. Formatinho, asa comprida, cabecinha, forma de borboleta.
<p>Pr VI 2'10" v ^ Hm. v^> Que que parece isso? (ri, expressão de dificuldade) (seriedade) ^> (balança cabeça com sinal negativo) não sei o que é isso não. ^(sinaliza negativamente) como chama aquele bichinho que come formiga... tamanduá... é, tirado de cima, pescoço, feição, é. 2'15"</p>	(choque) GF-+A	(Tamanduá) para falar a verdade, quase nada. Nariz do tamanduá é comprido, compridão assim de frente. Só. > Na verdade isso aqui não tem muita forma. Na minha imaginação não imaginei quase nada nisso daqui.
<p>Pr VII 25" Que que é isso, meu Deu do céu... ^v^v Duas dançarinas, uma de costa pra outra com cabelão, negoção grandão. Tão juntos os dois cabelos. Olha, parece heim. Uma de costa para outra. 1'00"</p>	DGF+K+H RA: DGF+K+H	RA: Do contrário também. Dos dois dá pra ver duas mulheres, cabelo, braço, perna cintura, as duas estão olhando para narizinho. ^ ao contrário também, estão se olhando, mãozinha, bumbum batendo, saia encostando, cabelo grande, coisas que usavam no cabelo, né.
<p>Pr VIII 50" Olha aí ó. Não dá pra</p>		Animal: quatro patas, formato dele, animal carnívoro (?) formato

<p>imaginar. Olha isso... Meu Deus...</p> <p>v > Dá pra imaginar metade, metade é o reflexo dela.</p> <p>Um bichinho de quatro patas, em cima de uma pedra e um reflexo, refletindo a imagem dele... é.</p> <p>1'30"</p>	<p>(Choque)</p> <p>DGF+A Nat (reflexo)</p>	<p>agressivo.</p>
<p>Pr IX</p> <p>Ahan. Tem forma pra isso? Que que é isso?</p> <p>v (afasta) > (ri) ^ (sério) não tem forma d nada, meu Deus, tem forma de alguma coisa isso aqui?</p> <p>(aproxima)(sinal negativo)</p> <p>Isso aqui não tem forma de nada. Nada, não lembro nada... isso aqui.</p> <p>2'00"</p>	<p>Rejeição</p>	<p>Não sei o que é isso não, não me lembro de nada não.</p> <p>(FL) não me deixou nada esse desenho. Não tem forma.</p>
<p>Pr X</p> <p>2'25"</p> <p>Que desenho da hora.</p> <p>^ (ri) v Menina do céu.</p> <p>(coloca de lado, afastando-se)</p> <p>^ Que que é isso? (sinaliza negativamente)</p> <p><v (sinaliza negativamente)</p> <p>ó, dois olhos, narizinho, boquinha (ri), é um ET. To brincando, um rosto, ouvido, usando brinco, bem matrix esse desenho é. A única coisa que deu pra tirar disso daqui. Única coisa que deu forma, um rosto né.</p> <p>3'15"</p>	<p>(crítica) (choque)</p> <p>GF-C(H)</p>	<p>É um rosto em desenho né. Desenho animado, bastante cor, não tem uma forma concreta, desenho animado assim. Dois olhinho, boquinha, bochechinha, narizinho pequeno. É só isso.</p>
<p>+ gostou: II, V, VII, VIII</p> <p>- gostou: IX, VI</p>		

Ângela – participante 4

<p>Pr I 10" Nossa... parece morcego (ri), halloween, a cara do halloween. Parece mais um morcego, sei lá. Uma pessoa com uma capa. Parecendo duas mãos com asa. Borboleta. Acho que só. 1'10"</p>	<p>G C'FObj (nega o animal, passa a objeto) Observação desvalorativa</p> <p>GDbIF+-A – popular Negação</p> <p>GF+-H – fantasiado</p>	<p>Morcego: não sei se é porque é preto, parte da asa, não sei se é porque é feio. Deu impressão de, sei lá, capa de morcego, halloween. Borboleta: pareceu formato, mas depois fiquei encucada com essa parte branca, aí sei lá, fiquei mais achando que era morcego. (Db)olho, meio assustador. Capa: vi essas duas mãozinhas assim, achei que poderia ser uma capa.</p>
<p>Pr II Nossa... que que é isso? Sinceramente, sei lá. (ri). Não tem uma figura que possa te dizer. Não to encontrando. Não vem nada na cabeça. 1'00"</p>	<p>Rejeição vencida no inquérito Choque ao branco Desvalorização (crítica)</p> <p>RA: (pião)DDbIF+-Obj (ursos)DGF+A</p> <p>DCFKob Sangue</p>	<p>RA: Nossa, que feio, só vi essa parte do meio que parece um pião. Agora que to vendo, parece dois ursos. Carinha do ursinho, dois focinhos ajuntando. Na primeira, só fiquei olhando para a parte branca, aí agora vi a parte marrom e vi os ursos que tão em pé. (?) cor, to vendo a figura, olhinho, dos dois lados igualzinho, os dois focinhos, tão em pé. Estranho essa parte, parece sangue. (?) ao mesmo tempo que parece um pião, tem alguma coisa jorrando assim, não tem uma explicação. Essa coisa parece sangue no final, mas o porquê... Parece dois ursinhos.</p>
<p>Pr III 5" Nossa, parece duas pessoas, meio inclinada,</p>	<p>DGF+K+HObj</p>	<p>A cara, parte de trás, pernas, mão segurando aqui assim. E essa parte vermelha... não sei.</p>

<p>dando as mãos, não sei, pegando alguma coisa junto. 30"</p>	<p>RA: DF+-Kan-A – confabulado</p> <p>DCF Kp- Anat - confabulado</p>	<p>Parece que ta segurando alguma coisa. Não tem nada, essa parte vermelha. Parece que tem dois bichinhos pendurados perto da cabeça, parece uma coisinha ruim. Parece que tão falando algo ruim. Esse vermelho ao mesmo tempo parece algo que ta ligando essas pessoas, coração sei lá. Alguma coisa, não sei se por ser vermelho, ta ligando, mas tem coisa ruim, sei lá.</p>
<p>Pr IV 10" Meu Deus... que... um monstro... sei lá o quê... um rato gigante grandão. Só vejo isso. Um pezão grande, braço pequeno (ri), só. 50"</p>	<p>Choque G/F+-(A) Crítica de desvalorização</p> <p>RA: DdF+-(H) crítica</p>	<p>Assustador, rato, perna grande, cabeça pequena, braço fino, essa parte é estranha. Meio feio... (exclui parte central inferior). Ao mesmo tempo estou vendo duas carinhas no ombro dele. Dois narigudinhos, sei lá. Será que to ficando doida, sei lá. Duas carinhas igualzinho, se meu filho visse falaria que era obake (fantasma) isso ae. Meio assustador.</p>
<p>Pr V 4" Esse aqui parece uma borboleta, a anteninha dela. 20"</p>	<p>GF+A – popular</p>	<p>Borboleta: asa comprida, anteninha, só. Se você começa a olhar muito, começa a aparecer outras coisas.</p>
<p>Pr VI 5" Um couro de animal, os bigodes, parece couro esticado de algum animal, perna, olho, bigodinho. Que animal, não sei te dizer. 45"</p>	<p>GF+Ad – popular</p>	<p>Couro: essa coisa (faz gesto) é um animal esticado, olhinho, bigode, parece uma raposa. Foi o que mais pareceu, um animal.</p>

<p>Pr VII 4" Rosto de criança, cabelo preso, uma olhando para outra, parece de criança. Ao mesmo tempo dá impressão de um bicho, monte de cara, parecendo três, quatro, cinco rostos. Monte de formato de rosto, boca. 1'05"</p>	<p>DF+K+H DF-+HA – contaminado Crítica RA: DF+A</p>	<p>- rosto de criança, cabelo - porco com gente - aqui coisa meio feia, estranha - acho que já vi desenho assim RA: aqui tem outro bichinho, parece esquilininho na cabeça dela, rabão para cima. Ave Maria, que to enxergando?</p>
<p>Pr VIII 15" Meu Deus, que que é isso? Parece dois bichinhos vermelhos dos dois lados. Cara dum bicho. Cara de tubarão, sei lá, de bico ali. Acho que é só. 55"</p>	<p>DFCKan+A DF+-A</p>	<p>- dois bichinhos vermelhos, 4 patinhas, carinha aqui, segurando na mão - cara de tubarão ou caranguejo (superior) só esse bico é estranho, mais essa parte aqui, do olho. Só. - os dois bichinhos estão segurando uma parte.</p>
<p>Pr IX Nossa. Não to vendo nada. Hm. Nada. Não tem nada que posso dizer que parece alguma coisa, nada. 45"</p>	<p>Rejeição</p>	<p>Estranho, não vejo nada nesse.</p>
<p>Pr X 20" Nossa, que que isso? Parece um monte de caranguejo, monte de perna, dois bichinho marromzinho, segurando. Bicho vermelho, bicho verde. Só isso. 1'00"</p>	<p>DFCKan-A DF+A – popular Crítica DFCA DFCA</p>	<p>- dois bichinho aqui, esses dois marromzinho segurando algo. (?)Estranho, boca aberta, olho grande bravo, antena, olhando um pro outro bravo, segurando isso aí. - caranguejo, esse azul (?)não sei, ao mesmo tempo ta deformado, essas pernas compridas, veio caranguejo. - esse aqui (verde) tenho pavor esses bichos de couve, como chama, esses bicho verde. (?) cor, verde manchado, jeito que ta pendurado, dá impressão.</p>

		- marrom, siri, pernas, formato comprido.
+ gostou: III, VII - gostou: IV, I		

Elis – participante 5

<p>Pr I 3" Morcego. Corpo de besouro. Não tem essas asas não, só o corpo. Só essas duas coisas que eu acho. 1'00"</p>	<p>GF+A – popular DF+A</p>	<p>Morcego: asa de morcego, só a asa (laterais) esse é a asa. E o outro é o besouro, corpo de besouro (central) e as patinhas, patinhas não, aquele chifrinho.</p>
<p>Pr II 5" Ai, parece dois elefantes. Deixa eu ver o que mais. (expressão de esforço) Dois ursos. Que mais? Só. Elefante e urso. 50"</p>	<p>DGF+A DGF+A - popular</p>	<p>Elefante: em pezinho com a trombinha junto. Urso: do mesmo jeito, com as patas assim. O corpo.</p>
<p>Pr III 10" (respira fundo) Duas meninas brincando de bola (ri), uma graça. Esse aqui pode também, dois macacos pendurados com o rabo para cima. Só. 50"</p>	<p>DGF+K+HObj – popular DF+A</p>	<p>Cabeça, bola, o corpo, os braços, os peitos e as bolinhas. E os macacos, cabeça, pata, pernas e rabinho pendurado.</p>
<p>Pr IV 10" Ai que difícil. Meu Deus, o que é isso? Um monstro com a perna deste tamanho (gesto com as mãos). Ta difícil de imaginar, monstro com pezão, botona, sei lá. Parece um tamanduá a cabeça dele, só a cabeça ta? Só. 1'05"</p>	<p>GF+-(H) contaminado</p>	<p>Monstro com as botas de salto com cabeça de tamanduá. Esses negoção aqui assim, braços, o pezão. (central inferior) esse negócio aqui não dá pra imaginar, mas faz parte.</p>
<p>Pr V 5" Borboleta. Corpo de morcego (ri), começou a dar bicho. Só. RA: as asas parece a cabeça do jacaré. Só. 35"</p>	<p>GF+A – popular Valorativo negativo GF+A – popular Crítica RA: DF+A</p>	<p>Borboleta... feia. As asas e essas pernas de morcego, perninha seca, fina. Aqui a boca do jacaré, ponta das asas, boca aqui aberta, cabeça dele aqui.</p>

<p>Pr VI 30" Que isso? Isso aqui ta difícil. Couro de onça (ri). Cada idéia, tem que imaginar. Parece couro de onça. Cabeça parece um peixe aqui em cima. Só. 55"</p>	<p>GF+Ad – popular DFEAd</p>	<p>Quando tira o couro e fica esticado assim, parece. Cabeça de peixe, escamas do peixe, cabecinha ta aqui. Couro: não é bem isso não, ta preto e branco, mas parece o formato.</p>
<p>Pr VII 40" Hm. Quando não imagina nada? Tem que imaginar? Ta. Ai ai, ta difícil de imaginar esse aqui. Cabeça de boneca. Corpo de elefante (ri). Tem que rir, a imaginação, essa é boa. 1'10"</p>	<p>DF+(H) DF+A Crítica</p>	<p>Cabeça: rosto, nariz, cabelo para cima amarrado. Elefante: as patas aqui para cima com a bundinha sentado. Coitada dessa boneca.</p>
<p>Pr VIII 20" (respira fundo, pega prancha, coloca longe) Dois ursos e uma árvore, pinheiro sei lá. Hm, só. 50"</p>	<p>DF+Kan+A – popular Negação da cor forçada, bom julgamento crítico DFC Bot</p>	<p>Em pé aqui, acho que eles tão querendo comer umas folhinhas. Urso rosa, que legal! (?) o tamanho, a cabeça dele e as patas, a cor não ta. Urso boiola (ri). (pinheiro) As pontas dele assim, verde com cinza, as cores também né.</p>
<p>Pr IX (coloca longe) Não to imaginando nada, esse eu não sei. Esse eu não sei não, não to imaginando nada. Ta difícil esse. 1'00"</p>	<p>Rejeição</p>	<p>Uma eu não vi nada... até agora não to vendo nada, esse ta difícil. Ai, esse eu não to vendo nada. Sinto muito. Todo mundo vê alguma coisa? Ai, ainda bem.</p>
<p>Pr X 9" Dois pássaros, flor, caranguejo (ri), só. 35"</p>	<p>DF+-A DF+Bot DF+A – popular RA: DF-CA(H)</p>	<p>(amarelo central) Esse passarinho ta meio esquisito a cabeça dele (?) Um pica-pau, parece que ta em pé numa árvore. As flores (amarelo lateral) formato, essa coisa aqui em baixo e o formato. E o caranguejo, as patas, esses detalhes assim (azul lateral). RA: dá pra ver cavalo-</p>

	contaminado, cor forçada	marinho, dois cavalo marinho, com cabeça de ET, boiola, é rosa também. cavalo-marinho fica em pé na água, formato dele em pé.
+ gostou: III, VII - gostou: IV		

Marisa – participante 6

<p>Pr I 10" Nossa! Parece um gato. Gato com cara de mau, com olhar... está sorrindo... É isso que eu vejo. 42"</p>	<p>GDbIF+-A Choque Crítica Tendência a contaminação (chifre)</p>	<p>Orelha, olho dele, narizinho, boca meio que mostrando a língua. Essa parte parece um chifre, essa parte da orelha. (?) Formato do rosto, parte da orelha, parece um gato.</p>
<p>Pr II 46" Nossa senhora! Daqui parece um... em cima parece olho, um ou dois olhos vermelhos. Monstro, não sei. Ao mesmo tempo parece corpo de um bicho com um buraco no meio. V > Pode olhar de ponta cabeça? Parece isso... isso! Um monstro, monstrinho. 1'42"</p>	<p>Choque DGDbIF-C(A)</p>	<p>Olho (aponta)... com uma cara, boca, cara de triste, mãozinha, pezinho, monstro com um buraco no meio.</p>
<p>Pr III 16" Nossa... parece um... uma coisa sorrindo... parece uma coisa sorrindo com uma borboletinha no nariz e dois foguinho do lado. Isso... 45"</p>	<p>Choque GF+-(H) DF+A DF-Fogo</p>	<p>Foguinho, olho, borboletinha, era para ser o nariz, mas tem a borboletinha, sorrindo, ele ou ela, monstro...</p>
<p>Pr IV 6" Parece um sapo esmagado, sem cabeça. 17"</p>	<p>GF-+A Desvitalizado</p>	<p>Bracinho do sapo, perninha, como se fosse esmagado, aqui era para ter a cabeça, mas foi esmagado, é um sapo sem cabeça... Morreu atropelado.</p>

<p>Pr V 12" ^v de ponta cabeça parece um morcego. ^não. Assim mesmo. Parece um morcego ou pássaro, alguma coisa que tem asa. 28"</p>	<p>G/F+A – popular</p>	<p>Mais as asas, as perninhas, parece do morcego, pendurada, ele não tem anteninha, sem essa parte ia parecer mais. Essa parte aqui faz parecer bastante com morcego.</p>
<p>Pr VI 25" ^v Pode virar né? Parece um... animal grande que tem no pescoço umas coisas... pêlo, pescoço comprido, 4 patas... cortaram no meio e esticaram ele. Parece isso... 55"</p>	<p>GFEAd – popular Desvitalizado Choque</p>	<p>As patas, pescoço, boca, olho, pêlo, cortou no meio e esticaram ele. Traumatizada com esse bicho. Quando vai tirar o pêlo, fazer casaco, parece aquela cena lá.</p>
<p>Pr VII 9" Parece um rosto de 2 pessoas com o cabelo para cima, penteado para cima, olhando uma para a outra como se fosse uma estátua. Que foi feito de pedra com o rosto de lado, uma olhando para outra. 45"</p>	<p>DGF+(H) Nat Crítica valorativa positiva</p>	<p>Como se fosse de lado, nariz, boquinha, queixo, cabelo para cima, fez perfeitinho e em baixo fez de qualquer jeito, continuação da pedra só para manter o rostinho. Só.</p>
<p>Pr VIII 27" Parece um... cachorro, um lobo... que tem rabo grande. São dois, tão no vermelho, subindo para cima assim (aponta) que tem como se fosse uma montanha, que tão subindo. Só. 56"</p>	<p>DGF+Kan+A Nat – popular</p>	<p>Se você virar ele assim, patinha, orelhinha, são dois, aqui uma montanha. Tão subindo como se fosse para chegar no topo. Dois cachorros, lobos, querendo chegar em direção ao topo.</p>

<p>PrIX 46" ^v Isso ^aqui parece dentro do corpo de uma pessoa. Como se a parte vermelha fosse o ovário, o útero de uma pessoa e em cima, vai subindo como se fosse as outras partes. Não parece nada. 1'10"</p>	<p>GF-+ Anat</p>	<p>Aqui a parte da mulher, esse risco, as bolinhas. Aqui em cima, a espinha, essas partes que não tem muito formato... a barriga mais ao centro, essa parte vermelha mesmo.</p>
<p>Pr X 37" ^v Parece uma... máscara... que tem olho, bochecha vermelha, essa parte que você segura. Tipo carnaval, uma coisa bem colorida, parece isso. 1'06"</p>	<p>GDbIFC Masc Referência a cultura</p>	<p>(amarelo) Olho, boquinha, nariz tampando. (vermelho) faz de conta que é pena (verde) folha... outras coisas coloridas, brilhante azul, tudo ligado para segurar nessa parte aqui, tudo ligado um no outro.</p>
<p>+ gostou: X, V - gostou: IX, II</p>		

Rosana – participante 7

<p>Pr I 5" Morcego: sei não... na hora que olhei pareceu um morcego. Hm, uma coisa que voa... não sei o quê... Hm, acho que só. 52"</p>	<p>DdFC'A – popular DdF+-A</p>	<p>Morcego: superior (metade) ele e as asas. (?) Cor, as asas compridas. (coisa que voa) esse de baixo, dá impressão que tudo tem asa.</p>
<p>Pr II 33" Vixi Maria... (ri) Dois cachorrinhos se beijando. Agora esses vermelhos aqui que não sei... sei lá, um coração aqui no meio. Só. 1'31"</p>	<p>DF+Kan+A – popular DFC Abst. – simbolismo para paixão</p>	<p>Os dois encostando o focinho. (?) a forma, o contorno. (vermelho inferior) coração aqui vermelho, o formato, como estão se beijando, devem estar apaixonados, né.</p>
<p>Pr III 15" Hm. Duas pessoas tentando erguer alguma coisa. Acho que só. 49"</p>	<p>DGF+K+H - popular</p>	<p>Parece duas pessoas (?) cabeça, corpo, braços, pernas, dá impressão que estão segurando alguma coisa no meio, cada um puxando, tentando erguer, pela posição parece que tão puxando.</p>
<p>Pr IV 59" Xi... Hm. Sei lá, parece um monstro, uma árvore no meio, não sei. 1'08"</p>	<p>DGFClob(H) Bot</p>	<p>Nem sei porquê, não achei nada. Algo grande, os pés grandes, aqui no meio uma árvore e o monstro por trás da árvore. Só.</p>
<p>Pr V 6" Borboleta... voando parece... 28"</p>	<p>GF+Kan+A – popular</p>	<p>As asas, as anteninhas e como ela ta toda aberta, dá impressão que está voando. Só.</p>
<p>Pr VI 48" ^>^ Hm, parece uma mata, com uma estrada passando no meio. 1'06"</p>	<p>GFC' Nat Paisagem RA: DGF+- Nat</p>	<p>Dá impressão de mata e no meio, estrada. (?) Na verdade, o que me chamou a atenção é esse no meio, escuro com uma linha no meio, estrada com uma mata. RA: > Se eu olhar assim, parece um iceberg no mar, assim, e o reflexo no mar.</p>

<p>Pr VII 1'20" Ixi, parece um mapa, países, mar no meio, branco. 1'31"</p>	<p>GDbIFC' Geo</p>	<p>Essas partes aqui, impressão de mapa. Escuro os países e o branco, o mar que divide.</p>
<p>Pr VIII 18" Parece uns animais se apoiando numas pedras para subir numa árvore. 38"</p>	<p>DGF+Kan+ FC A Nat Bot – popular</p>	<p>Esses dois, não sei nem que animal que é. Essa parte de baixo, umas pedras, se apoiando nos galhos das árvores para subir. (?) O Formato, 4 patas (?) Dá impressão que tão pisando e o formato (?) Árvore pela cor e pelo formato também.</p>
<p>Pr IX 1'18" Parece uma tocha no meio pregada numas pedras com uns matos em volta. 1'35"</p>	<p>DGCF Obj Fogo Bot Comentário de simbolismo</p>	<p>Esse foi difícil, no meio uma tocha apoiada numas pedras, essas partes vermelhas, e para encobrir ela, os matos. O laranja seria o fogo. Tocha: aí que não sei, essa parte do fundo , formato e esse laranja parece com fogo. Mato: cor Pedras: formato Relacionado a vitória.</p>
<p>Pr X 22" Parece o fundo do mar, uns peixes, um coral. É o fundo do mar! 40"</p>	<p>DGCF A Nat</p>	<p>Primeiro por causa das cores, colorido, formato de peixe, cavalo marinho, no fundo do mar que tem esses peixes coloridos e aqui, o coral. Só. (peixe) verde e amarelo (azul e vermelho) coral Cavalo marinho verdinho de ponta-cabeça.</p>
<p>+ gostou: III, II - gostou: VII, IV</p>		

Oswaldo – participante 8

<p>Pr I 5" Um coelho. ^v^ Gato, borboleta. 45"</p>	<p>GDbIF+-A Crítica (mal) GDbIF+-A GF+A – popular</p>	<p>Coelho: olho, orelha, face, rosto, feição, narizinho. Um coelhinho do mal. Gato: mesma coisa, os traços do gato. Borboleta: só o contorno, as anteninhas.</p>
<p>Pr II 20" ^v^/ Uma máscara. Só. > Dois bichos, fazendo sombra, reflexo, não sei que bicho é. 1'</p>	<p>GDbIF+ Masc DGFC A - popular</p>	<p>Máscara: olho, boca, face. Bicho: Patinha, rabo, olho vermelho, focinho, orelha, boca vermelhinha.</p>
<p>Pr III 10" ^v Um inseto. <^>^ duas pessoas levantando alguma coisa. 50"</p>	<p>D FClob Kan A D F+ K+ H Rejeição do vermelho</p>	<p>Inseto: patinhas, olho, garras (metade inferior) como se estivesse no chão e você visse de cima só o pedaço que tivesse saindo. Pessoa: cabeça, tronco, mão, perna, levantando, pegando alguma coisa.</p>
<p>Pr IV 15" ^v^ Uma árvore. v tipo uma tocha 50"</p>	<p>G F+- Bot G F+- Kobj Obj Fogo</p>	<p>Árvore: tronco, folhas, galhos, árvore bonita, árvore de natal. Tocha: fogo saindo, mais nessa parte (central)."</p>
<p>Pr V 10" ^v Um pássaro de asa aberta ^v ^ Só. 30"</p>	<p>G F+ A - popular</p>	<p>Pássaro: rabinho, asas abertas, os traços, asa em cima.</p>
<p>Pr VI 30" ^v^v/^ Um vulcão em erupção assim (faz gesto com as mãos) 45"</p>	<p>G F+- Kobj Nat Fogo Explo</p>	<p>Aqui seria o monte e a lava espalhando.</p>
<p>Pr VII 7" Duas pessoas mandando beijo para outra. <v Parece dois carneiros, aquele que tem chifre é bode né. 50"</p>	<p>D F+ K+ H - popular DF+-A</p>	<p>Cabeça: boca, nariz, olho. Bode: chifre, olho, focinho, boca, corpo, rabo, as patinhas.</p>

<p>Pr VIII 10" Parece rosto de uma pessoa com armadura. Parece urso, dois ursos de cada lado. v Um nariz isso aqui em cima. 55"</p>	<p>D F+- H Obj D F+ A – popular Dd F-+ Hd RA: D F-+ A</p>	<p>Rosto: sabe aquela armadura de Samurai? Aqui se vê bastante... só aqui (contorna parte em verde). Olho, nariz, boca. Urso: 4 patas, corpo grande, cabeça, esse rosa aqui é um e do outro lado é o outro rosa. Nariz: nariz fazendo assim, empinado (coloca cabeça para trás). RA: Olhando agora, vi a cabeça de um gato, um bicho.</p>
<p>Pr IX 9" Uma tocha como um troféu, pira olímpica. v Parece uma rosa, uma flor, as folhas, só. 35"</p>	<p>G/ F+- Obj Fogo D FC Bot</p>	<p>(central, G cortando laterais) tipo festa de Havai que tem aquelas tochas que eles colocam (parte rosa e verde) folhas de verde, aqui uma rosa, flor.</p>
<p>Pr X 10" ^v^v uma máscara de carnaval. v Um cavalo marinho. Só. 46"</p>	<p>G Dbl FC Masc D F+- A</p>	<p>Máscara: olho, enfeites, aquela parte que segura. Colorida. Cavalo marinho: um, dois. Os traços.</p>
<p>+ gostou: X, IX - gostou: V, VI</p>		